

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**KATHLEEN DE OLIVEIRA MAIA**

**A SACERDOTISA, O MUNDO E A RODA DA FORTUNA: Uma análise sobre  
mulheres e cartomancia no Rio de Janeiro (1860-1890)**

**Juiz de Fora**

**2023**

**Kathleen de Oliveira Maia**

**A SACERDOTISA, O MUNDO E A RODA DA FORTUNA: Uma análise sobre  
mulheres e cartomancia no Rio de Janeiro (1860-1890)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História. Sob orientação da Prof. Dra. Silvana Mota Barbosa.

**Juiz de Fora**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Maia, Kathleen de Oliveira.

A Sacerdotisa, O Mundo e A Roda da Fortuna: : uma análise sobre mulheres e cartomancia no Rio de Janeiro (1860-1890) / Kathleen de Oliveira Maia. -- 2023.

122 p. : il.

Orientadora: Silvana Mota Barbosa  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2023.

1. Cartomancia. 2. Mulheres. 3. Rio de Janeiro. 4. Baralhos. I. Barbosa, Silvana Mota, orient. II. Título.

**Kathleen de Oliveira Maia**

**A SACERDOTISA, O MUNDO E A RODA DA FORTUNA: Uma análise sobre mulheres e cartomancia no Rio de Janeiro (1860-1890)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.**

**Aprovada em 23 de junho de 2023.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Mota Barbosa - Orientadora Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Prof. Dr. Martinho Alves da Costa Júnior Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Prof. Dr. Jonis Freire  
Universidade Federal Fluminense**

**Juiz de Fora, 26/05/2023.**



**Documento assinado eletronicamente por Silvana Mota Barbosa, Professor(a), em 23/06/2023, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).**



**Documento assinado eletronicamente por Martinho Alves da Costa Junior, Professor(a), em 23/06/2023, às 13:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).**



Documento assinado eletronicamente por Jonis Freire, Usuário Externo, em 23/06/2023, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uff (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1302227 e o código CRC 255BED6B.

*Aos meus pais, Débora e Carlos Eduardo.*

## AGRADECIMENTOS

O momento dos agradecimentos demonstra que, apesar de ofício muitas vezes solitário, a pesquisa é sempre permeada por pequenas e preciosas situações em que, durante a jornada, nos sentimos agraciados por termos por perto pessoas incríveis que nos motivam a continuar. São essas miudezas de afeto que nos permitem levar tudo adiante quando nada parece caminhar nos conformes.

A Deus e aos orixás, que, nos dias onde pensava em desistir de tudo, me inspiraram a dar o meu melhor e, sobretudo, o meu possível, e por me guiarem com firmeza, paciência e axé por entre os caminhos sinuosos da vida.

À espiritualidade amiga, que me amparou nos incontáveis momentos em que achei que era pequena demais ante aos problemas e que me fortaleceu para chegar até este momento.

Agradeço à minha mãe, Débora, que sempre me incentivou ao máximo a me dedicar aos estudos, dizendo que o bem mais precioso que poderia me deixar, sem dúvidas, era a possibilidade de aprender. Mais do que isso, me ensinou que a persistência move mundos e que a determinação pode sim fazer milagres.

Ao meu “paidrasto”, Carlos Eduardo, por sempre receber com entusiasmo meus comentários sobre o mestrado ou sobre qualquer outro assunto que me interessasse. Pelo cuidado, gentileza e por ter, ao lado da minha mãe, possibilitado que eu pudesse chegar até aqui.

À minha avó, Tiana, que sempre me recebia com alegria nas voltas à Petrópolis, cozinhando minhas receitas favoritas e que, mesmo às vezes sem compreender o que eu fazia, jamais deixou de me incentivar a buscar meus objetivos.

Ao meu avô, Jorge, por me ensinar o prazer da leitura e da busca pelos novos conhecimentos. Agradeço também por ter despertado em mim o gosto por saber mais sobre o passado através das muitas histórias sobre sua vida que me contou desde a infância.

Ao meu tio, Douglas, pelo incentivo, conversas filosóficas, visitas a museus e outros tantos lugares incríveis, além de ter me motivado a desenvolver minha criatividade e a explorar minhas ideias. Aproveito para agradecer igualmente à Patrícia e D. Antônia pelo afeto de sempre.

À minha orientadora, Silvana, pela confiança em meu trabalho e pelo incentivo a seguir com meu tema de pesquisa quando ele ainda era uma pequena e insistente intuição. Pelos conselhos sobre a vida e sobre o mundo acadêmico, além de tantos ensinamentos sobre a importância de ser gentil com as pessoas ao nosso redor.

Aos professores Martinho Alves da Costa Júnior e Jonis Freire pelas valiosas considerações na banca de qualificação e, sobretudo, por tornarem esse momento de tanta apreensão em uma conversa confortável e inspiradora. Agradeço também por terem topado participar da banca de defesa do trabalho.

Ao professor Alexandre Mansur Barata, que também esteve presente desde os tempos em que fui bolsista no NEHSP e que sempre me fez refletir sobre muitos aspectos do mundo acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida e à Coordenação do Programa de Pós-graduação em História pela atenção dispensada devido aos momentos de insegurança causados pela pandemia e cortes de recursos.

Ao Thiago, por cuidar de mim nas vezes que eu me cobrava demais, me tranquilizar quando tudo parecia estar ruindo e por tanto amor. Agradeço também pelas inúmeras vezes que me fez rir até ficar sem ar e pelas conversas profundas. Aos seus pais, Sérgio e Lourdes, e ao Victor por terem me recebido tão bem em sua família.

À Letícia, minha economista favorita, pela conexão e por me alegrar mesmo estando a centenas de quilômetros de distância. Obrigada por me mostrar o quão valiosa pode ser uma amizade, por me animar quando eu necessitava e por sempre estar presente à sua maneira.

À Laiza, a quem tive a sorte de ter conhecido durante o processo de seleção do mestrado e que se tornou uma grande amiga. Sou muito grata pela sua sensibilidade, afeto e por sempre me fazer sair de nossas conversas com um sentimento de esperança sobre o mundo.

Ao Israel, pelas risadas, papos reflexivos e puxões de orelha. Apesar de termos nos distanciado por conta da correria cotidiana, você sempre esteve presente quando precisei de palavras de conforto ou piadinhas sem graça.

À Cristiane, Laura, Natália, Flaviana, Pedro, Érica, Thomaz, Eduardo, Nilciana, Olga, Raphael e todos os colegas do NEHSP pelos cafezinhos à tarde, pelos seminários organizados, pelas sugestões à minha pesquisa e por terem me recebido tão bem desde quando era bolsista de Iniciação Científica.

Por fim, gostaria de agradecer às mulheres cartomantes com as quais cruzei, por sorte ou destino, durante o decorrer da pesquisa e que, com suas trajetórias, me fizeram sorrir, chorar e repensar sobre a magia do cotidiano.



*O contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto.*

*Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino*

*O que está embaixo é como o que está no alto  
O que está no alto é como o que está embaixo  
E por essas coisas fazem-se os milagres de uma coisa só.*

*Jorge Ben Jor*

## RESUMO

O principal objetivo desta dissertação é analisar as conexões entre a cartomancia e a manutenção diária de mulheres no Rio de Janeiro, durante as décadas 1860 a 1890. Buscou-se abordar relações com a imigração, assim como investigar os vínculos das cartomantes com outros praticantes de atividades mágico-religiosas e/ou espiritualistas na Corte. Ao longo da pesquisa, foi possível demonstrar uma tendência de florescimento do interesse pelo sobrenatural durante o século XIX. Durante o desenvolvimento, analisou-se igualmente o objeto de trabalho dessas mulheres, os baralhos de cartas, enquanto produtos visuais de uma cultura esotérica transcultural influenciada por diversas correntes filosóficas, religiosas e mágicas. A pesquisa desenvolveu-se utilizando, principalmente, periódicos circulantes na Corte durante o recorte temporal estabelecido, além de diversos jogos de cartas produzidos em diferentes épocas e a obra machadiana *A cartomante*.

**Palavras-chave:** Cartomancia; Mulheres; Século XIX; Rio de Janeiro; Baralhos.

## ABSTRACT

This thesis's main purpose was to analyze the possible connections between cartomancy and women's daily maintenance in Rio de Janeiro considering the decades of 1860 until 1890, examining also the relationships with topics such as immigration. We pursue, moreover, investigate the cartomancer's links with other people who were practicing magic-religious and/or spiritualist activities in the Court, demonstrating that the interest in the supernatural during the XIX Century was flourishing. In addition, this research allowed us to ponder on those women's work tools, the pack of cards, as visual products of an esoteric culture that was influenced by diverse philosophic, religious and magical lines of thought. The research was developed using, mainly, journals which were being published in Rio during the timeline established, but also explored tarot cards produced in different contexts and the tale *A cartomante*, written by Machado de Assis.

**Keywords:** Cartomancy; Women; XIXth Century; Rio de Janeiro; Pack of cards.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Carta <i>A Sacerdotisa</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot</i> (2013).....	14
Figura 2. Ilustração da série <i>La fluidomanie</i> , de Honoré Daumier (1853).....	25
Figura 3. <i>Carta do Rei de Ouros</i> , denominada <i>Homme dangereux</i> , no baralho <i>Jeu de tarot de fantaisie</i> (1850).....	28
Figura 4. <i>Rainha de Copas</i> na versão do <i>Tarot de Marseille</i> criado por Jean Dodal (1701-1715).....	29
Figura 5. Carta <i>A Estrela</i> do <i>Tarot de Marseille</i> com as possíveis anotações de Mlle. Lenormand.....	30
Figura 6. Principais ruas onde A.V atendeu seus consulentes no Rio (1864-1884).....	37
Figura 7. A carta <i>O Mundo</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot</i> (2013).....	53
Figura 8. Gravura da série <i>Ces Bons Parisiens</i> (1860).....	58
Figura 9. Carta <i>A Roda da Fortuna</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot</i> (2013).....	71
Figura 10. Publicidade de Mme. Thereza Meraldi, “Grande Adivinha do Universo”.....	77

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Anúncios envolvendo cartomancia e cartomantes entre 1860 e 1890, por periódico.....	10
Tabela 2. Anúncios envolvendo cartomancia e cartomantes, por décadas.....	11
Tabela 3 . Cartomantes anunciantes na Corte entre 1860 e 1890.....	75

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. <i>A SACERDOTISA: CARTAS SOBRE A MESA</i> .....	17
1.1. Breves comentários sobre o contexto social e histórico.....	19
1.2. <i>Rainha de Espadas</i> : a cartomancia nos escritos de Hilda.....	22
1.3. <i>A cartomancie égyptienne</i> : os baralhos egípcios de A.V e Carmelita.....	27
1.4. Entre o <i>Valete de Ouros</i> e o <i>Nove de Espadas</i> : as práticas cartomânticas de A.V.....	32
1.5. Do Oriente a Baudelaire: alucinógenos, intrigas e o exotismo na cartomancia de Mme. Rachel e de Aydée Esmirx.....	39
1.6. Imprensa, modernidade e cartomancia: a “civilisada” Josephina da Rua S. José, n.67.....	46
1.7. Breves conclusões sobre o capítulo .....	51
2. <i>O MUNDO: A CARTOMANCIA (E AS CARTOMANTES) CRUZAM O ATLÂNTICO</i> .....	54
2.1. Algumas notas sobre imigração.....	54
2.2. Mme. Anna e as cartomantes de importação.....	57
2.3. Deitar cartas é um negócio de família: Mme. e M. Potier.....	63
2.4. <i>A Sacerdotisa</i> e o “Bruxo do Cosme Velho”: as cartomantes pelo olhar de Machado de Assis.....	67
2.5. Algumas considerações sobre <i>O Mundo</i> .....	70
3. <i>A RODA DA FORTUNA: LEITURAS DE CARTAS E A MANUTENÇÃO DIÁRIA DE MULHERES NO RIO DE JANEIRO</i> .....	72
3.1. O papel social da cartomante.....	74
3.2. Ofícios mundanos e a cartomancia.....	76
3.3. As descidas da Roda da Fortuna.....	85
3.4. Cartomancia: da inocente indústria ao ultraje à saúde pública.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102

## INTRODUÇÃO

### O caminho até aqui

Recorrentemente, aqui e acolá, perguntam sobre a origem da ideia para pesquisar cartomantes. Meu “encontro” com elas se deu de forma muito mais simples e, ousou dizer, talvez por sorte. A história deste projeto, que pouco a pouco se transformou em uma dissertação, se iniciou nos tempos em que eu era bolsista de Iniciação Científica na Universidade Federal de Juiz de Fora. Minha principal função era analisar e catalogar discursos sobre o Poder Moderador que emergiam da imprensa carioca na década de 1880, analisando principalmente jornais como *O Paiz* e o *Jornal do Commercio*.

Com o ingresso na Iniciação, também fui apresentada ao Núcleo de Estudos em História Social da Política (NEHSP), coordenado por minha orientadora, Silvana Mota Barbosa, e pelo Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata. O NEHSP se tornou mais do que um espaço de trabalho. Lá, encontrei pessoas que me acolheram, deram incentivos e sugestões essenciais para o andamento de minha pesquisa, participei de seminários internos e pude dividir angústias diversas.

Ainda que o foco da bolsa de iniciação científica fosse analisar discursos políticos, admito que, durante grande parte do tempo, passei horas a fio observando as seções de propaganda dos jornais. Dentre anúncios de produtos e serviços, topei com algumas cartomantes anunciando na folha, o que me pareceu estranho para a época. A partir daí, não sei bem dizer se o que atuou foi a intuição, o apreço pela temática ou o instinto do historiador, ou tudo isso em conjunto.

Reuni então alguns recortes dos jornais e, durante uma reunião de orientação, comentei com a prof. Silvana sobre a temática. Como orientadora sensível que é, Silvana deu seu palpite animado e certo de que ali havia muita coisa a ser desvelada, me incentivando calorosamente a adentrar naquele universo. Com a opinião dela em mente, além de uma dose de coragem, decidi então ver no que dariam aqueles burburinhos sobre cartomantes que surgiam na imprensa.

Primeiramente, procurei desenvolver a pesquisa em meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, optando por realizar um “reconhecimento” do terreno e verificar se a ideia seria viável para uma continuidade no mestrado. De forma geral, encontrar mulheres cartomantes na imprensa carioca não foi uma questão muito complexa, uma vez que a Hemeroteca Digital felizmente continha centenas de exemplares que citavam suas atividades.

No TCC, o foco foi a representação que essas mulheres criaram sobre si mesmas nas publicidades do *Jornal do Commercio*, entre 1860 e 1869. Busquei analisar que tipo de

discursos as cartomantes mencionaram nos anúncios visando assim atrair consulentes. Simultaneamente ao processo de escrita do trabalho, me encontrava prestando a seleção do Mestrado em História da UFJF.

Em 2020, após algumas semanas de aula no mestrado, a pandemia do coronavírus chegou ao Brasil fazendo com que as atividades acadêmicas fossem suspensas em virtude da necessidade de isolamento social. Entre as incertezas diárias de um cenário desolador, os cortes gigantescos de verbas para a pesquisa brasileira e o cansaço mental derivado do isolamento, estas cartomantes, separadas de mim por mais de um século, foram um acalento para a mente, mas também para o coração.

Diante da melancolia que se tornou o cotidiano, observar como essas mulheres se embrenharam em caminhos tortuosos para dar continuidade ao seu ofício e ficar surpresa com suas escolhas me fez repensar o quanto, apesar de guiarmos as narrativas sobre essas pessoas do passado, nós também somos perpassados imensamente por aqueles ou aquelas que estudamos.

### **Escolha do objeto**

Destino, sina, sorte. Quem nunca sonhou em prever o futuro? Em 1861, o periódico carioca *Jornal do Commercio*, que circulava diariamente na Corte, publicou um texto de nome “Chronica da Semana”, na seção dos folhetins. Nele, além de comentários relativos ao cenário teatral na cidade, o autor comentava sobre um curioso assunto que lhe chamou a atenção nos dias anteriores, a “introdução de uma nova e *innocente* industria na cidade Rio de Janeiro (...) a da cartomancia ou *buena dicha*” (JORNAL DO COMMERCIO, 1861, Ed.277, p.1). Longe de considerarmos que não existiam cartomantes lendo a sorte pelas ruas do Rio antes da pontuação da “Chronica da Semana”, é notável, no entanto, que as primeiras menções a esse tipo de prática na imprensa só emergem a partir da década de 1860, juntamente com as primeiras publicidades dos consultórios de cartomancia.

Os primeiros, e ainda tímidos, anúncios são os de baralhos ou livros de dar a sorte, exemplares que eram vendidos em datas próximas às festividades de São João e que visavam ao entretenimento. Em 1860, além de “O Fado, novíssimo jogo de sortes engraçadas” e o “Livro do Destino, ou jogo de sortes modernas”, os irmãos E & H Laemmert vendiam um baralho denominado “A Pythonisa de Pariz. Cartas da celebre cartomante Mlle. Lenormand” pelo preço de 2\$000 (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.170, p.4). O “A Pythonisa de Pariz” era anunciado também pelo *Correio Mercantil* no mesmo período. No ano seguinte, a divulgação continuava, dando-se mais detalhes sobre o baralho, que era composto por “36



cartas coloridas, tem a explicação em português, tudo em um elegante tachim” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1861, Ed.175, p.4).

Uma das primeiras cartomantes encontradas anunciando nas páginas dos jornais é uma mulher chamada Mme. Potier, dizendo que “ultimamente chegada de Pariz, póde ser procurada na rua da Misericórdia n.98” (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.322, p.4). Já em 1864, uma outra cartomante, identificada pelas iniciais A.V, comunicava numa publicidade que “Quem precisar dos serviços de uma boa somnambula e cartomancia póde dirigir-se á rua da Carioca, n.37, das 10 horas da manhã ás 1 da tarde.” (JORNAL DO COMMERCIO, 1864, Ed. 258, p.3). Ainda no mesmo ano, além das publicações de A.V, encontramos a “sybilla de Pariz” Rachel, que lia cartas e praticava o sonambulismo na rua Sete de Setembro, n.4 (JORNAL DO COMMERCIO, 1864, Ed.308, p.3).

Buscando adentrar nesse universo ainda pouco explorado pela historiografia, a temática deste trabalho é a atuação de mulheres cartomantes que publicaram na imprensa do Rio de Janeiro entre os anos de 1860 e 1890, buscando compreender suas práticas como um mecanismo que possibilitava a aquisição de rendimentos financeiros e sua manutenção diária na Corte. A adoção das balizas temporais assinaladas se justifica, na delimitação inicial, por representar o “marco inaugural” das discussões e anúncios sobre as cartomantes e seu ofício na imprensa do Rio de Janeiro. A cartomancia, como abordaremos posteriormente, foi alvo de opiniões e atitudes bastante controversas nas páginas dos jornais.

O limite temporal de 1890 foi definido em virtude da aprovação do novo Código Penal. No Artigo 157 do Código, estabeleceu-se que qualquer pessoa que praticasse magia, sortilégios, espiritismo e/ou cartomancia e oferecesse os serviços com o intuito de curar moléstias seria punido com prisão e pagamento de multa, uma vez que as atividades foram enquadradas como crimes contra a saúde pública. Além disso, passa-se a considerar tais práticas como ofensas à credulidade pública (BRASIL, 1890)

As justificativas para a elaboração de um trabalho com foco nas mulheres cartomantes oitocentistas não se restringem ao fato de o tema ser pouco estudado pela historiografia. Ao considerar a cartomancia enquanto modo de geração de renda e até mesmo subsistência em alguns casos, podemos pensar sobre as possibilidades e dificuldades para mulheres livres garantirem dinheiro para auxiliar na manutenção do lar ou para se sustentarem no Rio de Janeiro à época.

Ainda nessa senda, a pesquisa ajuda a observar como as mulheres ocupam espaços de protagonismo no campo do esoterismo e de religiosidades, a exemplo do espiritualismo, e as diversas discussões que derivam da ocupação desses locais de preponderância. As

contribuições perpassam também pela compreensão de mecanismos utilizados por imigrantes para se estabelecerem no novo país, especialmente no que tange às mulheres.

Como principais objetivos dessa dissertação, podemos salientar: observar o duplo caráter da cartomancia no contexto estudado, comportando-se, simultaneamente, como atividade esotérica e um serviço gerador de rendimentos financeiros às praticantes; analisar de que forma, a partir das relações de confiança, eficiência e domínio de um arcabouço específico de conhecimentos, as cartomantes são alçadas a um lugar de autoridade e protagonismo; examinar que tipo de respostas foram dadas pela sociedade carioca na imprensa no que diz respeito às práticas dessas mulheres, abrangendo agradecimentos, críticas, folhetins, etc; investigar como os serviços de cartomancia estiveram ligados diretamente às estratégias de estabelecimento e permanência de mulheres imigrantes no Rio de Janeiro.

### **Fontes e metodologia**

No que diz respeito às fontes, sua imensa maioria é composta por jornais. Os principais utilizados foram *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro*. No decorrer do texto, os leitores poderão observar, no entanto, que a maior parte das referências são ao *Jornal*. A justificativa antecipada é de que, pela sua longevidade, a folha foi a única que, ininterruptamente, conseguiu abranger todo o recorte temporal, além de ter sido a opção predileta das cartomantes trabalhadas nesta pesquisa.

Propriedade, primeiramente, do francês naturalizado brasileiro Junius Villeneuve, a assinatura mínima do *Jornal do Commercio*, válida por três meses, custava 6\$000 em 1860, enquanto a anual chegava aos 24\$000. Em 1884, os valores tinham sido reajustados para 8\$000 e 30\$000, respectivamente<sup>1</sup>. No periódico, eram publicados comentários sobre política, sobre a sociedade carioca, acontecimentos internacionais, textos teatrais, informações jurídicas e policiais, bem como uma infinidade de anúncios sobre produtos, serviços e imóveis<sup>2</sup>.

O *Gazeta de Notícias*, fundado por José Ferreira de Sousa Araújo, também fornece vestígios essenciais para a pesquisa, ainda que tenha começado a circular somente em 1875. Além das assinaturas, que por um mês custavam 1\$000, havia a possibilidade de comprar um número avulso por 40 réis no escritório do jornal, à rua do Ouvidor, 70. O escopo era até bastante parecido com o do *Jornal do Commercio*, com publicações a pedido, notícias sobre a

---

<sup>1</sup> Análise a partir de exemplares disponíveis na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*.

<sup>2</sup> Ler mais em: SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

chegada de vapores aos portos, anúncios e folhetins. O *Correio Mercantil*, cujo proprietário era J. F. Alves Branco Muniz,, também foi importante local de publicação de anúncios de cartomantes, assim como o *Diário do Rio de Janeiro*, cujas publicações cessam em 1878, e onde eram muito comuns as divulgações de almanaques e livros sobre cartomancia.

Os quatro periódicos formam assim os principais condutores das análises produzidas aqui, ainda que outros impressos, como o *Almanak Laemmert* e os pasquins *Carbonário* e *Corsário Junior* (que serão melhor apresentados nas respectivas partes em que são evocados), auxiliem no desenvolvimento do trabalho, bem como o jornal católico *Cruzeiro do Brasil*. O *Recenseamento do Brazil de 1872* também se destaca como uma preciosa fonte de informações demográficas e relativas ao mundo do trabalho na Corte. Os registros paroquiais das dioceses de Diocese de Quimper e Léon (FRA) e Nossa Senhora da Luz (PR), bem como as documentações cartoriais presentes no Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Bacacheri (PR) possibilitaram algumas descobertas.

Como será melhor apontado ao longo da dissertação, nem sempre essas mulheres cartomantes deixaram evidentes seus nomes ao publicarem nos jornais, talvez se aproveitando da aura de mistério que poderia ser evocada por deixar constar somente suas iniciais, ou ainda pelo medo de represálias. A estratégia das cartomantes, no entanto, tornou mais árdua a tarefa de localizar mais informações sobre elas.

Esse problema em relação às sujeitas sobre as quais a pesquisa se lança, contudo, se mostrou contornável. Ainda que dados mais específicos sejam importantes para compreender sobre quem se fala, ou seja, a raça, classe, gênero, nacionalidade, etc, a ausência de algumas peças no denso quebra-cabeças que era o mundo da cartomancia no Rio de Janeiro não comprometeu as investigações, pautadas mais em uma história social do que em elementos essencialmente biográficos.

Nesse sentido, foi observado que grande parte das cartomantes alegava ser oriunda de países, como França ou Espanha, fato este que, em alguns casos, inclusive pôde ser comprovado. Nesse sentido, ressalta-se, portanto, que são mulheres brancas, ainda que seu status econômico pudesse, de fato, variar. Considerando-se os locais onde atendiam ou habitavam, bem como o preço de aluguel de alguns dos sobrados que habitavam, podemos presumir que algumas delas não eram exatamente pobres, levando em consideração, em particular, as diversas viagens à Europa que constam nos jornais. Outras pareceram ter uma vida um pouco mais modesta, atuando também em outras atividades, como o comércio e a costura.

Como aportes teóricos, buscamos associar a perspectiva de uma história social das mulheres, utilizando principalmente a abordagem proposta por Louise Tilly. A autora ressalta que conectar as narrativas sobre mulheres com acontecimentos sociais e as mudanças que estes engendram é fundamental para que não se produza uma narrativa historiográfica que siga compartimentando a participação das mulheres na História, possibilitando também um mecanismo de análise das relações de poder, inserção no mundo do trabalho e construção de sociabilidades, por exemplo.

Ou seja, o trabalho tem como pressuposto metodológico uma análise de nossos sujeitos e suas práticas que não se limite a uma história das mulheres descritiva, como aponta Tilly, mas que possa contribuir para pensar o contexto social e cultural em que se insere sob uma nova ótica, que prioriza uma abordagem crítica e que considera a atuação destas mulheres cartomantes inserida no todo.

### **Organização das fontes**

Desde as pesquisas para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, procurei organizar os anúncios encontrados em planilhas que pudessem facilitar a consulta posterior. Ao todo, foram localizados e fichados 6.918 anúncios, textos e artigos contidos no *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio* entre 1860 e 1890. Abaixo, segue um detalhamento de sua disposição pelos jornais.

**Tabela 1. Anúncios envolvendo cartomancia e cartomantes entre 1860 e 1890, por periódico.**

<b>Periódico</b>	<b>Quantidade de anúncios</b>
Correio Mercantil	32
Diário do Rio de Janeiro	6
Gazeta de Notícias	742
Jornal do Commercio	6138

**Fonte:** Anúncios publicados nos periódicos *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio* entre 1860-1890.

Quanto à grande diferença do número de ocorrências, em parte, podemos explicá-lo em virtude do período de circulação de cada um dos periódicos, sendo o *Jornal do Commercio* o mais longevo entre os jornais analisados nesta pesquisa. Observou-se também que a frequência semanal de publicações no *Jornal do Commercio* também era maior que nos demais.

No que tange à distribuição por décadas, a tabela abaixo auxilia na visualização do movimento de crescimento de anúncios ao longo dos tempo. Na seção de anexos deste trabalho, poderão ser encontradas outras tabelas explicitando a disposição por palavras-chave e por ano.

**Tabela 2. Anúncios envolvendo cartomancia e cartomantes, por décadas.**

<b>Década</b>	<b>Quantidade de anúncios</b>
1860	562
1870	840
1880	5516

**Fonte:** Anúncios publicados nos periódicos *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio* entre 1860-1890.

Ao todo, foram identificados 125 cartomantes atendendo na Corte entre 1860 e 1890. Desses cartomantes, 58 eram mulheres, 13 eram homens e outros 52 foram classificados como “Sem Gênero Identificado” já que a documentação não permitiu analisar tal informação. Desses 125 cartomantes, debrucei-me especificamente sobre as ocorrências envolvendo principalmente 23 deles.

A catalogação das fontes foi feita utilizando o software Excel e os principais elementos categorizados foram o ano da publicação do anúncio, a edição e página na qual se encontrava, um breve resumo do que constava na publicidade, o cartomante ao qual se referia e o seu endereço. Posteriormente, foi feito um detalhamento das atividades de cada cartomante, uma identificação de qual era seu gênero e um levantamento dos locais que habitou e/ou trabalhou na cidade, bem como os jornais que costumava anunciar ou ser mencionada com maior frequência.

Inicialmente, utilizou-se o sistema de buscas por palavras-chave da Hemeroteca Digital. Entretanto, a prática e textos como o de Eric Brasil e Leonardo Fernandes Nascimento acerca da utilização de ferramentas digitais na pesquisa historiográfica<sup>3</sup>, demonstraram a necessidade de apurar mais as pesquisas. Muitos dos anúncios não teriam sido encontrados sem uma observação além das palavras-chave utilizadas justamente porque o mecanismo de busca da Hemeroteca, como qualquer ferramenta digital, não conseguia localizar todas as ocorrências dos termos nas páginas.

<sup>3</sup>Ver mais em: BRASIL, E.; NASCIMENTO, L.F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.33, nº 69, p. 196-219, Jan-Abr 2020.

Depois do levantamento inicial, foi realizada uma investigação mais específica acerca de cartomantes que apareciam mais vezes na imprensa e/ou estavam envolvidas em episódios que considerei como fios condutores interessantes para as discussões desta dissertação. Além de uma procura pelos nomes ou iniciais, os endereços se mostraram como importantes pistas para chegar a mais informações sobre essas mulheres nos jornais.

### Capítulos

A dissertação será organizada em três capítulos principais. O capítulo 1, de nome *A Sacerdotisa*, discutirá o que é a cartomancia, como ela foi associada a outras práticas esotéricas, mágicas ou religiosas na Corte, os diferentes tipos de baralhos utilizados pelas mulheres que anunciavam nos jornais cariocas, bem como possíveis porquês para a recorrência aos serviços das cartomantes.

Buscaremos analisar igualmente as relações estabelecidas pelas cartomantes com outros grupos de praticantes de atividades mágico-religiosas, como as sonâmbulas. Conjuntamente, refletiremos acerca da coexistência entre as ideias de modernização e progresso e as crenças no sobrenatural e subjetivo.

Introduziremos também a discussão sobre as múltiplas percepções acerca da cartomancia, tanto por parte das próprias cartomantes ou pessoas ligadas a elas, quanto por indivíduos que viam com maus olhos a “innocente indústria” que se desenvolvia no Rio de Janeiro. Nesse sentido, foram analisadas críticas às cartomantes presentes no folhetim *Cartas de um caipira*, publicado no *Jornal do Commercio*, e artigos publicados nos periódicos *Carbonario* e *Corsario Junior*.

O segundo capítulo, *O Mundo*, abordará a associação entre a cartomancia e o elemento estrangeiro, tanto sob a ótica das influências quanto da própria emigração. Além de pensar a leitura de cartas como mecanismo de manutenção diária após a chegada dessas mulheres à Corte, discutiremos a importância dada à uma tradição e refinamento europeus nos anúncios empregados por elas como forma de distinção em relação a outros praticantes de atividades mágico-religiosas e esotéricas no Rio de Janeiro. Nesse sentido, buscamos compreender melhor o grande apreço pelo que vinha do Velho Mundo, descrito pelo historiador Brito Broca como um surto de “parisina (...) cujos sintomas consistiam em ignorar o Brasil e suspirar por Paris” (VIDAL, L. LUCA, T., 2009, p. 11), e seu impacto para o grande sucesso de algumas cartomantes estrangeiras que anunciavam na Corte.

Além disso, no capítulo *O Mundo*, discutiremos a criação de uma imagem acerca das cartomantes a partir do conto machadiano *A Cartomante*, que corrobora para a criação de uma imagem acerca da mulher cartomante no Rio de Janeiro pautada em algumas características

como a origem estrangeira, a postura astuta, dentre outras. Evocaremos também alguns outros pequenos escritos, publicados nos jornais, onde as cartomantes aparecem como personagens secundárias ou principais.

Em *A Roda da Fortuna*, último capítulo, com uma abordagem mais “mundana”, discorreremos sobre o que seria o papel social da cartomante, além de evidenciar como a cartomancia operou como aliada na manutenção diária de algumas mulheres que exerciam outras atividades na Corte. Além disso, serão analisadas as conjunções entre a leitura de cartas e outras atividades utilizadas por algumas mulheres para se sustentarem, como, por exemplo, a costura ou aulas de idiomas. Discorreremos igualmente sobre algumas problemáticas envolvendo os altos e baixos da Roda da Fortuna, isto é, sobre as dificuldades enfrentadas por essas mulheres em suas trajetórias e que puderam ser mapeadas pelos jornais e literatura do período.

Feitos os primeiros apontamentos, é hora de avançar pelos consultórios da Rua do Cotovelo e de São José, os sobrados da Carioca e da Assembleia, as páginas dos jornais cariocas, os navios vindos de Paris e os baralhos egípcios, espero que as leitoras e os leitores desta dissertação possam ser envolvidos pelo fascínio exercido pelas cartomantes que atuavam no encantado Rio do último quartel do século XIX.

## 1. A SACERDOTISA: CARTAS SOBRE A MESA

Nos tradicionais baralhos de cartomancia, como o de *Smith-Waite* ou *Marseille*, nos deparamos com uma carta de nome *A Sacerdotisa*, onde uma figura feminina vestida com uma longa túnica e usando uma coroa tripla, repousa em um trono, que está situado entre duas colunas com as iniciais B e J. Sobre seu colo, a mulher traz um livro aberto, embora seu olhar não esteja direcionado a ele. *A Sacerdotisa* é associada amplamente às ideias de intuição, de sabedoria oculta e meditação (BANZHAF, 2003; JODOROWSKY e COSTA, 2016).

**Figura 1. Carta *A Sacerdotisa* do baralho *Smith-Waite Centennial Tarot* (2013)**



Fonte: Pinterest (Acesso: 31/03/21)

Segundo Hajo Banzhaf (2003, p.36),

*A Grande Sacerdotisa* representa o reino da sabedoria irracional. Ela rege as forças inconscientes, intuitivas. Ajuda a intuir os interrelacionamentos que a inteligência não consegue captar, pode fazer coisas para as quais não parece haver explicação (...) justamente pelo fato dessas experiências serem tão inexplicáveis, são postas em dúvidas pelo nosso bom senso, são ridicularizadas e descartadas como asneiras.

Um ponto que chama a atenção na interpretação sobre a carta é o alerta feito por Banzhaf sobre como a gama de assuntos regidos pela *Sacerdotisa* corre o risco de ser



questionada pelo bom senso e pela racionalidade, sendo, na maior parte dos casos, considerados como sandices que pouco merecem atenção. Se bem analisarmos, a interpretação desse arcano coincide em muitos sentidos com as cartomantes que fazem parte deste trabalho, não somente no que tange ao domínio do inexplicável, a partir de uma sabedoria que permanece oculta aos não iniciados ou alheios aos mistérios das artes mágicas e/ou esotéricas, mas, principalmente, em virtude da ridicularização e rejeição do intuitivo sob diversas formas.

O intuito deste capítulo, portanto, é investigar no que consistia o escopo de atuação das mulheres cartomantes que atuavam no Rio no último quartel do século XIX, buscando verificar também que outros tipos de atividades ligadas ao sobrenatural eram exercidas por elas, quais eram os mecanismos divinatórios que utilizavam nas consultas, como foi a recepção aos seus serviços na Corte com base no que nos conta a imprensa carioca, bem como as relações estabelecidas entre o campo da cartomancia e o avanço de ideias como civilização e modernidade.

Antes de passar às discussões próprias desta seção, precisamos esclarecer melhor alguns dos conceitos e ideias sobre os quais nos lançaremos. Optando-se pela simplificação no intuito de discutir mais profundamente outros aspectos das práticas “cartomânticas”, sempre que mencionarmos cartomancia, a tomamos pelo significado de leitura de cartas de baralho visando saber sobre eventos passados, presentes e futuros (MINOIS, 2016). O praticante então assume o papel de mediador entre a realidade sobrenatural, inapreensível aos consulentes, e a materialidade, provendo assim respostas para um conjunto bastante amplo de perguntas levantadas.

Uma boa analogia pode ser tecida em relação ao conceito de *homo magus*<sup>4</sup>, desenvolvido por Francisco Bethencourt ao analisar um contexto distante de nossas cartomantes, o dos praticantes de feitiçaria, adivinhação e curandeirismo na Portugal Seiscentista, mas que considera esses indivíduos enquanto intermediários capazes de penetrar e decifrar o oculto tanto no âmbito horizontal, entre os próprios seres humanos, quanto no vertical, abrangendo as relações entre homens e mulheres e o universo (BETHENCOURT, 2004).

Já Marcel Mauss e Henri Hubert, em seu *Esboço de uma teoria geral da magia*, defendem que a magia e a técnica caminham lado a lado uma vez que ambas presumem que seus praticantes estejam imersos em um conjunto de conhecimentos específicos que, pela

---

<sup>4</sup> Para ver mais BETHENCOURT, F. *O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

particularidade, os diferem do restante da sociedade, salientando assim que eles possuem uma autoridade particular (MAUSS e HUBERT, 2018). A tradição, nesse sentido, terá papel fundamental na definição de como serão articulados esses princípios básicos que compõem cada ofício ou prática mágica, com o estabelecimento de relações entre iniciadores e iniciados, resguardo do caráter privado da passagem desses conhecimentos e fundamentação de sua essência como a “arte do fazer”, seja ele ligado ao material ou ao sobrenatural (MAUSS e HUBERT, 2018).

É plausível assumir, portanto, que a cartomancia pode ser concebida como uma espécie de “ofício mágico”, uma vez que é, como supõe Bethencourt, uma encruzilhada entre o horizontal (mundo mundano) e o vertical (relacionado com o universo), assim como permite aos praticantes adentrar e decodificar o oculto por meio de suas cartas. Além disso, à leitura das cartas é imprescindível que o praticante esteja imerso num grupo de conhecimentos muito particulares, assegurados pela tradição e constituídos, em grande parte das vezes, pela empiria.

Georges Minois (2016) aloca a cartomancia num *hall* do que considera como predições populares, ao lado das leituras da sorte em borras de café, da quiromancia, das múltiplas formas de adivinhar o futuro. Segundo ele, a predição popular se consolida enquanto um espaço de alimentação imaginativa daqueles que a consultam, distanciando-se assim dos espaços das sociedades ocultas e dos imensos tratados mágicos, que buscam se aprofundar nos mistérios do universo, em prol do exercício de uma função consoladora (MINOIS, 2016). Essas práticas, comumente associadas às superstições, atuam tanto num nível individual, onde os leitores da sorte irão atuar, a grosso modo, como espécies de psicólogos, quanto coletivamente, evidenciando aos consulentes que todos participarão do destino do grupo, numa postura “neofatalista” (MINOIS, 2016, p.548).

O século XIX, inebriado pelas proposições liberais e da racionalidade científica, revelou-se, entretanto, como terreno fértil para o florescimento do campo de predições populares. No contexto europeu, o avanço da secularização, a derrocada da credibilidade de profecias cristãs e a incapacidade da Igreja de prover respostas consistentes às novas problemáticas engendradas pelas cisões estruturais decorrentes da Revolução Francesa (MINOIS, 2016) geram um vazio “espiritual”, do qual rapidamente se darão conta os videntes de todos os tipos. Se antes o coletivo prevalecia, com o avanço das ideias de individualidade e propriedade o desejo de saber sobre o próprio destino e suas perspectivas inunda os espíritos da população em geral e, é claro, estimula um frenesi nos consultórios, residências ou quaisquer que fossem os espaços utilizados pelos leitores de sorte para os atendimentos.

A associação com desenvolvimento da predição no continente europeu é essencial para pensar o que se passa na Corte brasileira no último quartel do Oitocentos devido à grande influência que o ocultismo europeu como um todo exerce sobre as cartomantes que atendem no Rio de Janeiro. Estamos diante de uma prática que pode ser lida como transcultural, nos termos de Wolfgang Welsch (1999), sendo resultado de uma mescla de influências culturais de diversos espaços geográficos e sociais num processo que visa oportunidades de vinculação dessas diversidades e a criação de um produto comum. Em outras palavras, estudar a cartomancia no Brasil exige um acompanhamento direto também do que se discute na Europa ao longo século XIX, uma vez que essas interações se dão tanto no campo da “arte de fazer” da cartomancia quanto no próprio fluxo imigração de leitores de cartas com destino às terras brasileiras durante toda a segunda metade do Oitocentos.

Além do caráter transcultural da cartomancia, a documentação evidencia também a correlação entre essa e outras práticas ligadas ao sobrenatural, como é o caso, principalmente, do sonambulismo, magnetismo e da quiromancia. O magnetismo e o sonambulismo se associam pela ideia de que o corpo era composto por fluidos magnéticos e que as doenças eram fruto de obstáculos que impediam o livre fluxo do fluido pelo corpo. Segundo as teorias do alemão Franz Anton Mesmer, principal responsável por teorizar as ideias do magnetismo ainda no século XVIII, os magnetizadores poderiam atuar como controladores da ação fluídica à medida que estimulassem o que ele identificou como “polos magnéticos corporais” (DARNTON, 1968), o que levaria os pacientes a transes curativos, chamados de sons magnéticos (VERONESE, 2017).

O sonambulismo se desenvolveu a partir dos experimentos de Armand Marie Jacques de Chastenet, o Marquês de Puységur, sobre os teorias e experimentos de Franz Mesmer, tendo escrito também *Mémoires pour servir à l'histoire et à l'établissement du magnétisme animal* (1820), onde discutia suas impressões sobre o magnetismo (DARNTON, 1968). Durante as práticas sonambúlicas, observou-se que algumas pessoas entravam em um estado em que suas percepções, além das capacidades sensoriais e cognitivas, sofriam uma expressiva ampliação, habilidades essas que constantemente eram utilizadas para fins divinatórios.

A quiromancia consiste na leitura das mãos do consulente, levando em consideração aspectos como o formato das mãos, profundidade e desenho das linhas e dos montes das mãos, com o intuito de previsão do futuro e aconselhamento. Apesar da publicação de alguns

manuais franceses de quiromancia desde o século XVII<sup>5</sup>, uma compilação mais rigorosa de métodos e análises foi realizada em 1859 por Adrian Adolphe Desbarolles, considerado como o pai da quiromancia moderna e autor de *Les mystères de la main: révélés et expliqués* (1859).

Ao analisar alguns dicionários correntes no período, como o *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau* (1789), encontramos entradas para “chiromancia”, “chiromante”, “nigromancia” e “nigromante”, além de “sybilla” e “pithonissa”, algumas nomenclaturas utilizadas por cartomantes nos jornais analisados. Encontra-se menção também à “*buena dicha*”, ato de “dizer a boa dita” (SILVA, 1789), ou seja, ler a sorte. Entretanto, as palavras “cartomante” e “cartomancia” não são citadas.

Com essas pontuações em mente, adentremos então, finalmente, no universo de baralhos, preparações mágicas e boas doses de perspicácia por parte das cartomantes, cujas trajetórias servem como ponto de partida para pensar diferentes maneiras de se manter cotidianamente, consumir e exercer diferentes formas de influência na Corte durante as décadas analisadas por este trabalho. Serão analisados aqui anúncios e textos referentes a seis cartomantes que ofereciam seus serviços na Corte entre os anos de 1864 e 1884. Em comum, possuem o fato de oferecerem, quase todas, mais de um tipo de serviço em seus espaços de atendimento e a construção de histórias recheadas por textos polêmicos nos jornais, confusões envolvendo outros praticantes de atividades esotéricas e religiosas, bem como significativas pistas sobre o que seria de fato ser uma cartomante no Rio de Janeiro na última parte do século XIX.

### **1.1. Breves comentários sobre o contexto social e histórico**

Durante o capítulo 1, discorreremos de maneira mais detalhada sobre possíveis articulações entre o contexto analisado e o porquê do grande número de consultórios de cartomancia localizados na Corte, sinalizando assim que havia também uma procura minimamente regular pelos locais. Entretanto, antes de adentrar no primeiro capítulo, é necessário fornecer às leitoras e leitores um breve panorama da cidade do Rio naquele momento.

O mundo do trabalho na Corte, bem como em todo o país, passava por algumas mudanças significativas na segunda metade dos Oitocentos. Com a aprovação da Lei Eusébio

---

<sup>5</sup> Títulos como *La chiromance, la physionomie et la geomance. Avec la signification des nombres, & l'usage de la rouë de Pythagore. Par le sieur de Peruchio* (1663) e *Discours sur les principes de la chiromancie* (1653) podem ser encontrados no site da Gallica (BnF).

de Queiroz, em 1850, proibiu-se o tráfico transatlântico de escravizados. Ainda que a lei de 1850 trouxesse consigo penalidades para aqueles que a desrespeitassem, na prática, navios continuavam a aportar na costa brasileira com centenas de africanos a bordo, bem como diversos senhores foram anistiados pelo crime de sequestro (ALENCASTRO, 2010).

Uma vez que o tráfico sofreu interdições mais significativas, observou-se um aumento no deslocamento local, intra e interprovincial de escravizados. Segundo Graham, no ano de 1852 “três quartos dos navios que os carregavam [os escravizados] vinham de portos a norte do Rio, e 83% dos escravos brasileiros, cujos registros informam a província de nascimento, tinham nascido no Nordeste.” (2002, p.127). Os pretos e pardos livres ou forros poderiam estar sujeitos, ainda, à reescravização, respaldada inclusive pelo aparato jurídico do período (FLORENTINO, 2003).

A possibilidade de retornar ao cativeiro produzia um panorama constante de temor e insegurança social entre esses indivíduos. Simultaneamente, a elite branca temia inversões sociais que pudessem ser engendradas pela população não-branca, assombro que remontava aos acontecimentos que se desenrolaram com a Revolução Haitiana, em 1791, e casos nacionais, como a Revolta dos Malês (1835). Não se negava a iminência do fim da escravidão, porém, estratégias de controle da população pobre, particularmente a preta e parda, estavam em curso, visando evitar sua ociosidade e possíveis revoltas.

A imigração também se colocou como uma alternativa diante da problemática em torno da significativa redução na possibilidade de aquisição de novos escravizados e, conseqüentemente, uma gradual substituição da força de trabalho cativa. O estímulo à vinda de europeus para o Brasil não se sustentou, porém, somente na demanda por trabalhadores. As teorias científicas raciais produzidas na Europa encontraram terreno fértil nas discussões de intelectuais reformistas brasileiros (AZEVEDO, 1987), embalados também pela necessidade de construção da ideia de uma nacionalidade, uma vez que a separação da metrópole em 1822 não significou a imediata emergência de um sentimento de unidade (SLEMIAN, 2015). As teorias sofisticaram os discursos racistas de inferioridade dos africanos, uma vez que buscavam atestar a superioridade branca não mais sob o argumento da barbárie, mas sim pautados em elementos ditos racionais e científicos (AZEVEDO, 1987).

Ou seja, além de se apresentar como uma solução imediata à questão da proibição do tráfico e do encarecimento da mão de obra africana, atrair imigrantes europeus permitiria que a sociedade brasileira fosse gradualmente branqueada. Embora existisse no imaginário de deputados, intelectuais e elites a figura do “imigrante ideal” (AZEVEDO, 1987, p.61), na prática, as questões envolvendo trabalho e colonos foram mais complexas. Leis como a de 11

de outubro de 1837, que regulamentava os contratos de trabalho dos estrangeiros, surgiram como tentativa de ater os recém-chegados às relações com os seus empregadores, especialmente em virtude dos altos custos de viagem e para o estabelecimento desses trabalhadores e suas famílias, importâncias essas que deveriam ser pagas pelos imigrantes aos patrões (MENDONÇA, 2012). Ainda que, por vezes, a dívida pecuniária já estivesse sanada, “os textos legais criavam dificuldades para que o trabalhador rompesse o contrato” (MENDONÇA, 2012, p.78).

As informações sobre as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos que se estabeleceram no Brasil não demoraram muito para chegar ao continente europeu. Os relatos sobre as condições de trabalho e vida miseráveis, aliadas à uma resistência também por parte dos empregadores devido a experiências malsucedidas com colonos europeus (AZEVEDO, 1987), construíram uma visão funesta para aqueles que cogitavam cruzar o Atlântico em busca de novas oportunidades. Já em 1875, por exemplo, foi editada uma circular pelo governo da França onde se tentava proibir que franceses emigrassem para o Brasil devido à má fama do país no que diz respeito à fixação de imigrantes que ali aportavam (NICOLAU, 2019).

Além das questões já mencionadas, o Rio de Janeiro também sofria com a eclosão de epidemias. Logo no início da década de 1850, a febre amarela fez centenas de vítimas na cidade, como aponta Sidney Chalhoub ao se dedicar à temática das epidemias em *Cidade Febril* (1996). Na década de 1870, o Rio novamente apresentou surtos expressivos. A doença dizimou dezenas de habitantes da cidade, sobretudo imigrantes, tornando-se, em 1870, um problema de saúde pública (CHALHOUB, 1996).

O cólera igualmente causou episódios funestos na província e na cidade do Rio de Janeiro. Além de uma violenta epidemia entre 1855 e 1858, que matou 4.542 pessoas segundo os registros oficiais (PIMENTA, BARBOSA e KODAMA, 2015, p.160), a cidade sofreu com um ressurgimento da doença entre 1867 e 1868. Entretanto, segundo o presidente da Junta de Higiene Pública, José Pereira Rego, oficialmente morreram em decorrência da doença somente 423 indivíduos, em sua maioria pessoas “como escravos, alienados, inválidos, pessoas em geral afetadas de moléstias crônicas ou praças da armada” (PIMENTA, BARBOSA e KODAMA, 2015, p.161).

Em outro momento, o presidente ainda afirma que o número de mortes era “sem dúvida insignificante para uma cidade populosa como esta” (PIMENTA, BARBOSA e KODAMA, 2015, p.161). Esse argumento ajuda a reforçar uma postura de minimização dos

efeitos do surto de 1867 por Pereira Rego, uma vez que ele atingiu predominantemente marginalizados e não cidadãos da cidade, efetivamente.

Ademais,

a partir da década de 1860 passam a ser registrados com mais frequência tubérculos pulmonares, ascite, hipoemia, angina, coqueluche, sarampo, tifo, câmaras de sangue (identificadas como disenteria no Dicionário de Medicina Popular) e disenteria propriamente dita (PIMENTA, BARBOSA e KODAMA, 2015, p.163).

É neste denso panorama, entrecortado ainda por mais acontecimentos e acasos que serão inseridos de modo mais conveniente ao longo da dissertação, que se inserem cartomantes, consulentes e críticos. Entremos agora na divisão dos capítulos e suas respectivas temáticas.

## **1.2. *Rainha de Espadas: a cartomancia nos escritos de Hilda***

Em 1865, uma série composta por três textos é publicada entre 17 e 26 de junho em dois dos maiores periódicos diários do Rio naquele momento, o *Jornal do Commercio* e o *Correio Mercantil*. Com o título *Espiritualismo*, sua autora, que assina como “Hilda, Sybilla Americana”, se dispõe a discorrer sobre uma nova doutrina que está ainda em florescimento, “a do espiritualismo ou da magia” (CORREIO MERCANTIL, 1865, Ed. B156, p.3).

Defendendo a ideia de que esse espiritualismo sempre foi parte integrante do imaginário religioso de diversas civilizações, como a grega e a persa, a sibila diz ainda que são perceptíveis elementos mágicos na doutrina cristã, apesar da existência de uma “guerra aberta da igreja papal contra tudo quanto entra no domínio do espiritualismo ou da magia” (CORREIO MERCANTIL, 1865, Ed. B156, p.3). Dentre esses exemplos de conexão entre magia e catolicismo, Hilda citará nada menos do que o nascimento de Jesus, fruto de uma mãe virgem e que foi saudado diretamente por três magos, argumentando também sobre como os milagres realizados por ele e pelos santos são exemplos dessa associação intrínseca, guiada por esse “dogma único, pai de todos os outros, universal e eterno como a razão suprema” (CORREIO MERCANTIL, 1865, Ed. B156, p.3).

No texto seguinte, uma continuação agora publicada pelo *Jornal do Commercio*, a sibila americana comunica aos seus leitores da existência de um livro, comumente chamado de Livro de Thot, que seria o único sobrevivente de uma vasta sabedoria filosófica e espiritual dos sacerdotes egípcios, permitindo assim “descobrir o passado, o presente e futuro”

(JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.171, p.1.) Discussões sobre o Livro de Thot eram constantes nos círculos esotéricos europeus<sup>6</sup>, como evidencia Helen Farley (2009), ainda que, tanto ocultistas de renome, como o francês Antoine Court de Gébelin, e até mesmo nossa sibila americana, tenham tido uma certa dificuldade para explicar com maior precisão o conteúdo do misterioso compilado.

Ambos concordam em considerar que o Livro de Thot seria uma tentativa dos antigos sacerdotes egípcios de preservar seus conhecimentos, fosse na forma de hieróglifos, para Gébelin, ou imagens, segundo Hilda. Mais adiante em seu texto, a sibila inclusive citará o ocultista francês, elogiando suas tentativas de decodificação do conteúdo do livro, o que nos leva a fazer um necessário parêntese para explicitar as relações entre o Livro de Thot e Gébelin.

Entre 1773 e 1782, Antoine Court de Gébelin lança uma série de ensaios nos quais, utilizando-se de seus estudos aprofundados sobre hermetismo e maçonaria (FARLEY, 2009), argumenta que já havia existido na humanidade uma Era Dourada, que era perfeita espiritual, social e intelectualmente. Gébelin acreditava que as sociedades modernas eram derivações menos primorosas dessa civilização original, o que o levou a se lançar sobre possíveis indícios contemporâneos de sua sabedoria.

Nesses esforços de compreensão sobre o mundo, o ocultista abordou também o enigmático Livro de Thot, sugerindo conexões entre ele e as cartas dos baralhos de tarot, à época chamados de *carte da trionfi*<sup>7</sup> (FARLEY, 2009), compostos por trunfos com valores de jogo diferenciados daqueles assumidos pelas cartas regulares<sup>8</sup> (VASCONCELOS, 2016). Para adensar ainda mais as reflexões, Gébelin propôs igualmente algumas associações das cartas com a cabala, ainda que essas relações fossem melhor desenvolvidas por estudiosos que o sucedem, como Éliphas Lévi.

Mesmo com a decodificação da Pedra de Roseta em 1822, o que possibilitou a interpretação de diversos hieróglifos e a desmistificação de muitos elementos considerados

---

<sup>6</sup> Principalmente aqueles que se dedicavam com maior afinco aos estudos sobre o *Corpus Hermeticum*, conjunto de textos que foi escrito entre os séculos II e III tendo como objetivo discutir acerca da origem do mundo, da natureza, da mente e abordando também temas como alquimia e astrologia. Para ver mais TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus hermeticum e Discurso de iniciação*. São Paulo: Hemus, 1978.

<sup>7</sup> Acredita-se que a origem dos jogos envolvendo trunfos seja a Itália, mais especificamente Milão, de onde são oriundos famosos baralhos de *carte da trionfi* como o *Visconti-Sforza* e o *Brambilla*, ambos datando do século XV. Para ver mais : VASCONCELOS, L.B. O tarô Visconti-Sforza como espaço de relações e transferências no século XV italiano. IN: *Anais da XXXII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora*. Juiz de Fora, 2017.

<sup>8</sup> Sempre que mencionarmos “cartas regulares” ou “baralhos regulares” estaremos nos referindo aos conjuntos de cartas voltados para o entretenimento e recreação e que são compostos por 56 cartas divididas em quatro naipes (ouros, paus, copas e espadas).



como mágicos, nota-se tanto pela fala de Hilda quanto pelo próprio panorama ocultista da segunda metade do século XIX que o Egito e o imaginário sobre sua sabedoria mágico-esotérica continuam bastante enraizados<sup>9</sup> (FARLEY, 2009).

Feitas as devidas apresentações sobre Antoine Court de Gébelin e sua influência no uso do tarot como método divinatório, podemos retornar aos textos de Hilda. A sibila critica o fato de os “tarotes” terem se tornado meras reproduções de “um simples montão de figuras extravagantes e sem significação” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.176, p.1), apontando como principal responsável para essa deturpação um outro o ocultista francês, Jean-Baptiste Alliette, que atuava como mercador de impressos em Paris (FARLEY, 2009). Alliette, como aponta a bibliografia sobre o tema e a própria sibila, foi o responsável pela elaboração do primeiro jogo de cartas destinado exclusivamente às práticas esotéricas, publicado no fim do século XVIII, uma vez que até então as cartas regulares e baralhos com trunfos, como o de *Marseille*<sup>10</sup>, eram os mais utilizados para adivinhações.

Acusado pela sibila americana de se basear em cálculos completamente falsos e visando somente aos lucros materiais, Alliette, que constantemente utilizava em sua identificação o anagrama Etteilla, atuava havia certo tempo como cartomante na França e prosperava, cobrando cerca de 24 libras para uma leitura de cartas e 50 para fazer um horóscopo pessoal (MINOIS, 2016). Charlatão hábil ou cartomante talentoso, o fato é que o baralho esotérico de Etteilla se torna uma febre em Paris, dando origem ainda a diversas reimpressões e reelaborações<sup>11</sup>, tendo Hilda citado algumas delas em seu texto, como “o Pequeno Etteilla, Grande e Pequeno Oraculo, o Pequeno Feiticeiro, a Pythonisa de Pariz, etc,etc” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.176, p.2).

Além das críticas à própria figura de Jean-Baptiste Alliette, a sibila censurava também os “prophetas e prophetizas que não tem por base da sua adivinhação senão systemas fantasticos e falsas instrucções” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.176, p.2), alegando que “achão-se naturalmente incapazes de preencher o papel emprehendido, e não fallão senão

---

<sup>9</sup> Tal tendência se reafirma, por exemplo, com a criação, em 1887, da famosa *Hermetic Order of Golden Dawn*, sociedade secreta cujos ritos possuem densa influência egípcia.

<sup>10</sup> O *Tarot de Marseille* é composto por 22 trunfos, ou seja, cartas maiores, e 56 cartas de naipes. Era utilizado com frequência como método divinatório, apesar de sua principal função ser o entretenimento, e continua a ser um dos mais populares baralhos de cartas esotéricas na atualidade.

<sup>11</sup> Estudiosos do tema chegam a propor a organização dos tarots ligados ao baralho original de Etteilla em três grandes grupos, sendo o primeiro o que mais se aproxima da ideia inicial e o último o que contém maiores mudanças estéticas. Ver mais em DECKER, Ronald., DEPAULIS, Thierry. e DUMMETT, Michael. *A wicked pack of cards: the origins of occult tarot*. London: Gerald Duckworth and Co., 1996.

da cabeça, ou segundo factos já de seu conhecimento, para impôrem aos espiritos fracos e de boa fê” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.176, p.2).

A reprovação dos métodos pouco apurados de diversos cartomantes não cessou nesse texto, uma vez que, na parte seguinte, Hilda assegura que a verdadeira cartomancia só poderia ser praticada por aqueles que eram iniciados nos mistérios de Thot. Ela cita como exemplo o caso de Mlle. Lenormand, cartomante famosa na França na década de 1790 por realizar previsões sobre temas políticos e que recebia em seu consultório, “em meio a desordem que dá continuidade ao condicionamento” (MINOIS, 2016, p. 532), figuras importantes da sociedade parisiense (MINOIS, 2016). Assim como a francesa, Hilda se dizia iniciada nesses mistérios, que configuram a doutrina do espiritualismo, assinalando que quem partilhava desses conhecimentos “ve a verdade na luz, ressentente uma impressão que lhe manifesta o homem inteiro, sonda os corações com seu olhar” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.176, p.3).

Depois de palavras tão poéticas e inspiradoras, a sibila retomou o tom animoso contra o uso mundano das cartas para finalizar suas reflexões, dizendo aos seus leitores que se “algum pobre insensato que escravo ainda dessas crenças tão estupidas e dessas supertições tão ridículas, creia ter que censurar o que acabo de escrever nestas publicações, que me falle razoavel e á face descoberta e eu lhe responderei” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.176, p.3).

Curiosamente, em 1882, a Livraria do Povo, situada na rua de São José, n.67, divulga em seu catálogo um exemplar de um livro chamado *Espiritismo, por Hilda cartomante e quiromante* (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, Ed.288, p.4) que, com base no que visualizamos nos textos do *Jornal do Commercio* e *Correio Mercantil*, provavelmente se trata de uma ampliação das discussões sobre espiritualismo, baralhos e falsos profetas e profetisas.

Até a publicação desses escritos nos periódicos, não encontramos menções à pessoa de Hilda na imprensa. Apesar de *Espiritualismo* em si já funcionar como uma publicidade bastante completa, combinando demonstrações de conhecimento “técnico”, hierarquização de práticas e argumentação bem construída, é somente a partir de agosto de 1865 que a cartomante irá publicar anúncios mais frequentes, onde geralmente se lia “Hilda Apostolo do Espiritualismo. Cartomante, Chiromante e Sibylla Americana. Rua do Lavradio, 59” (JORNAL DO COMMÉRCIO, 1865, Ed. 277, p.3).

A postura da cartomante ao se debruçar sobre significados da prática da cartomancia, suas origens e associações com outras esferas esotéricas, enfim, suas tentativas de pôr em palavras suas experiências, não passa despercebida para a imprensa católica da Corte. Em

uma publicação de julho de 1865, o jornal *Cruzeiro do Brasil: Órgão do Instituto Catholico* considera o texto de Hilda como uma difusão de doutrinas subversivas, onde ela “prega contra a existencia de Deus e contra a immortalidade da alma” (CRUZEIRO DO BRASIL, 1865, Ed. 40, p.3).

Quem escreve o texto se mostra profundamente revoltado com a falta de atitudes por parte das autoridades, argumentando que a Constituição “é letra morta” (CRUZEIRO DO BRASIL, 1865, Ed. 40, p.3), uma vez que vem sendo desrespeitada por pessoas como a cartomante e que nada tem sido feito por essa “gente que nos rege, que se diz catholica”. Numa visão nada otimista, o autor ainda comenta que esse tipo de postura é “uma porta aberta para as revoluções, um abysmo para o paiz” (CRUZEIRO DO BRASIL, 1865, Ed. 40, p.3).

Não encontramos nenhum tipo de resposta de Hilda sobre essa crítica direta, cujo autor poderia facilmente se encaixar no que a cartomante denomina como “atomo de lama assaz louco ou falso que se intitule representante do deos supremo do universo” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed. 277, p.3). Apesar de tamanho alvoroço causado por suas opiniões, os anúncios da sibila americana cessaram na imprensa em julho de 1866, tendo ela atendido durante essa estadia no Rio de Janeiro à rua do Lavradio, da Assembleia e em um hotel em São Domingos. Sua passagem, no entanto, abre caminhos para pensarmos diferentes aspectos sobre a cartomancia e as relações por ela engendradas na Corte.

Hilda retratava uma tendência bastante comum entre as cartomantes da Corte, que é a de oferecer outros serviços esotéricos aos consulentes que a procuram, nesse caso a quiromancia e se diz também “apostolo do espiritismo”. Sobre a quiromancia, já demos breves explicações no início deste capítulo, mas a menção direta ao espiritismo é uma referência um tanto quanto nova no repertório de cartomantes da década de 1860.

Desde a década de 1840, o chamado *modern spiritualism* ganhava cada vez mais adeptos nos Estados Unidos. Diferindo-se do espiritismo francês de Allan Kardec por se direcionar a elementos mais mundanos, realizando adivinhações em demonstrações públicas e cobrando ingressos, o espiritualismo moderno americano aproximava-se da vertente francesa pela a crença na vida após a morte e na comunicação com o mundo dos espíritos entre as suas práticas (PORTELLA e COSTA, 2019). O fenômeno das mesas girantes, que se movimentavam a partir da influência dos espíritos, maravilhava indivíduos em diversas partes, como demonstra a ilustração do caricaturista Honoré Daumier abaixo, recheada também por ironia.

**Figura 2. Ilustração da série *La fluidomanie*, de Honoré Daumier (1853)**



**Fonte:** *Le Charivari*, 22/06/1853. Disponível em: <http://bir.brandeis.edu/handle/10192/2795> (Acesso em 06/07/21)

Levando em consideração a origem da sibila e os conhecimentos que ela apontou nos textos publicados, não é uma má hipótese assumir que Hilda era uma adepta do espiritualismo moderno nascido nos EUA em meados de 1840, especialmente pois as mulheres assumem um papel de protagonismo nas atividades desenvolvidas e compõem grande parte do corpo mediúnico (PORTELLA e COSTA, 2019). Um exemplo disso é o caso das irmãs Margareth e Katherine Fox, que se destacaram na difusão das ideias do espiritualismo moderno e das mesas girantes durante as décadas de 1840 e 1850 (WEISBERG, 2011).

O mais interessante a se ressaltar, baseado nas documentações envolvendo Hilda, é o fato da cartomante se dispor a escrever sobre suas práticas e ideias, algo que não encontra paralelo na imprensa brasileira até então. Longe de buscar considerá-la como uma cartomante intelectual, é inegável, no entanto, que a sibila demonstrava uma boa argumentação sobre os temas dos quais se dispõe a escrever, proporcionando assim um ponto de vista intrigante sobre como cartomantes do século XIX articularam ideias, tais quais as do hermetismo e da cabala, ao seu ofício, demonstrando assim que, frequentemente, a cartomancia não era uma atividade fechada em si mesma, sendo permeada por diversas influências esotéricas e religiosas.

Tal como a Rainha de Espadas, arcano menor do tarot que representa mulheres guiadas pelo intelecto e pela força da razão (JODOROWSKY e COSTA, 2016), Hilda nos deixa a problemática da veracidade de alguns sistemas de adivinhação associados à decodificação feita por Jean-Baptiste Alliette, questão essa que nos guia adiante em nosso aprofundamento no mundo das cartomantes do Rio de Janeiro, agora adentrando nos

consultórios da rua da Carioca, n.37 e da Assembleia, n.62, respectivamente os espaços de atendimento da cartomante A.V e da jovem Carmelita.

### **1.3. A *cartomancie égyptienne*: os baralhos egípcios de A.V e Carmelita**

A cartomante Carmelita começou sua trajetória de anúncios com uma publicação no *Jornal do Commercio* em julho de 1868, salientando que “recem-chegada, abrio o seu consultorio de cartomancia, á rua da Assembleia, n.62, sobrado, e convida as pessoas que quizerem admirar a sua curiosidade” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed. 187, p.3). Anteriormente, quem ocupava o n.62 da rua da Assembleia era uma cartomante e sonâmbula conhecida por Mme. Pettu, que estava de mudança para a rua da Assembleia, n.111 em abril de 1868 (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed. 92, p.3).

É somente em 1869 que temos maiores indícios sobre Carmelita, que afirma ser espanhola (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.152, p.3). Ainda que tenha publicado mais na imprensa do que Hilda, por exemplo, recorrendo ao *Jornal do Commercio* cerca de trinta e sete vezes entre sua primeira publicação em 1868 e última em 1873, as informações sobre a “jovem cartomante” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed. 187, p.3) são relativamente escassas. Sabe-se que Carmelita, na verdade, era Maria Carolina, como ela nos faz saber a partir de um anúncio já em 1873, informando aos consulentes que, àquele momento, atendia no Largo de São Domingos (JORNAL DO COMMERCIO, 1873, Ed. 314, p.6).

A preciosidade dos anúncios da cartomante é revelada quando ela especifica em suas publicidades a forma de leitura de cartas que empregava nos atendimentos, utilizando as “unicas e verdadeiras cartas egypcias, por um systema inimitavel” (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed. 152, p.3). Era bastante raro que as cartomantes divulgassem na imprensa o tipo de cartas que utilizavam em suas consultas, o que torna a caracterização empregada por Carmelita um bom indício sobre quais os tipos de baralhos eram manuseados.

Já em 1870, uma outra cartomante da Corte, que atuava com o pseudônimo A.V, dizia no *Jornal do Commercio* que jogava a “cartomancia egypcienne” (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 228, p.3) em seu consultório da rua da Carioca, n.37, onde os consulentes poderiam dispor das atividades de uma sonâmbula lúcida e eram dadas notícias sobre objetos e pessoas perdidas, dentre outros. Sobre A.V, muito mais ainda deve ser dito, porém, neste subcapítulo optamos por focar nos sistemas de leituras de cartas utilizados por algumas cartomantes do Rio, posteriormente discutindo mais aspectos de suas práticas.

Se bem recordarmos das argumentações desenvolvidas pela sibila Hilda em seus textos, a temática da cartomancia egípcia já estava presente, tanto em seu aspecto ideal, derivado do Livro de Thot, quanto sob o projeto ambicioso de Jean-Baptiste Alliette na produção do primeiro baralho exclusivamente voltado para o esoterismo. Investigando na plataforma Gallica (BnF) baralhos de influência egípcia que pudessem circular na Europa período, sobressaem-se os jogos de cartas que, de alguma maneira, estão ligados à tradição de Alliette, com influências astrológicas, herméticas e da cabala, como é o caso do *Jeu de tarot de fantaisie "égyptien" dit Grand Etteilla*, lançado possivelmente em 1850, segundo as informações da Gallica.

**Figura 3. Carta do Rei de Ouros, denominada *Homme dangereux*, no baralho *Jeu de tarot de fantaisie* (1850)**



**Fonte:** Gallica (BnF). Acesso em: 10/03/21

Na carta acima, por exemplo, o autor do baralho optou por inserir uma legenda para identificar o homem representado, apresentando-o como Sesóstris ou Rhamsès, o Grande. Entretanto, mesmo sem a legenda, os observadores poderiam constatar que se tratava de uma referência à cultura egípcia pelas vestimentas do homem, especialmente por conta da

utilização de um *pschent*, dupla coroa utilizada pelos faraós do Egito<sup>12</sup>, bem como pelos hieróglifos contidos no trono onde repousa a figura real.

Além das menções mais diretas sobre os instrumentos de trabalho feitas por Carmelita e A.V, é possível supor que circulassem no Rio de Janeiro durante o último quartel do século XIX alguns outros tipos de baralho. Em seus anúncios, a livraria gerida pelos irmãos Edward e Heinrich Laemmert, apresentava aos leitores do *Jornal do Commercio* o baralho *A Pythonissa de Paris*, ou “Cartas da célebre cartomante Mlle. Lenormand” (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.146, p.3).

Segundo a publicidade, que traz também um breve resumo sobre quem foi Mlle. Lenormand e quais seus principais feitos, o conjunto era formado por “36 cartas coloridas, coloridas, com explicação em português, tudo em um elegante tachim, proprio para ser oferecido ás senhoras” (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.146, p.3). O baralho poderia ser obtido pelo preço de 2\$000, mesmo valor cobrado pela cartomante Carmelita para um atendimento em 1868 (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed. 187, p.3).

Não é ousado ponderar igualmente sobre a utilização do *Tarot de Marseille* na Corte, uma vez que diversas versões dele foram reimpressas durante todo o século XIX na França. Ainda no início do século XVIII, já havia sido criada uma versão específica do baralho voltada para a exportação (fig.2), ilustrada por Jean Dodal entre 1701 e 1715. Apesar do jogo de *Marseille*, àquele momento, não ser utilizado somente para adivinhações, é curioso observar o crescente interesse na difusão desse tipo de cartas para outras regiões.

**Figura 4. Rainha de Copas na versão do *Tarot de Marseille* criado por Jean Dodal (1701-1715)**

---

<sup>12</sup> Formado pela intersecção da coroa Branca, associada ao deus Seth, e da coroa Vermelha, associada ao deus Hórus. Ver mais em: EDUCALINGO. *Pschent* [on-line]. Disponível <<https://educalingo.com/pt/dic-fr/pschent>>. Ago 2022.



Fonte: Gallica (BnF). Acesso: 10/03/21

No acervo da Gallica, consta também uma versão do baralho de Marseille criada por Jean-François Tourcaty entre 1734 e 1753. As anotações presentes nas cartas são atribuídas à Mlle. Lenormand (fig.3). Tal hipótese é consistente, uma vez que esse tipo de tarot era uma das ferramentas de trabalho da cartomante, como indica Georges Minois (2016) e demonstra como muitos praticantes da cartomancia adaptaram baralhos regulares aos seus métodos de jogar cartas. Mais uma vez, o nome familiar de Jean-Baptiste Alliette emerge, uma vez que o ocultista foi responsável pela criação de um livro denominado *Manière de se recreer avec un jeu de cartes* (1770), onde ensinava aos interessados como transformar jogos regulares em ferramentas de adivinhação.

**Figura 5. Carta *A Estrela* do *Tarot de Marseille* com as possíveis anotações de Mlle.**

**Lenormand**





**Fonte:** Gallica (BnF). Acesso: 10/03/21

Em 1889, encontramos vestígios no *Jornal do Commercio* indicando a comercialização dos baralhos egípcios na cidade do Rio de Janeiro. Em um pequeno anúncio publicado em dezembro de 1889, um ex-funcionário da Casa Theresa, loja de variedades, comenta ao público em geral que é “o unico que vende actualmente os legitimos artigos e especialidades que se encontravão na mesma, como seião: cartas de cartomante (Grand Tarot Eypcien) e outras especialidades, na rua Sete de Setembro, n.115”(JORNAL DO COMMERCIO, 1889, Ed. 335, p.6).

É possível assumir, portanto, que a Casa Theresa era um ponto de comercialização de itens ligados à cartomancia, como ressaltado pelo ex-funcionário. No caso do Grand Tarot Eypcien, assume-se que, provavelmente, o baralho era uma das reimpressões do tarot de Etteilla. Deste modo, nota-se que, àquele momento, não era preciso uma viagem até a Europa para adquirir baralhos divinatórios para se jogar com o sistema egípcio.

Levantadas as hipóteses acerca do que seria a cartomancia egípcia citada por A.V e Carmelita, bem como a apresentação de alguns outros baralhos que possivelmente circulavam nas leituras de cartas de outras mulheres que fazem parte desta pesquisa, algumas conclusões são possíveis. A primeira delas é aferir que, apesar de muitas dessas mulheres compartilharem determinadas práticas, a cartomancia possuía diferentes ferramentas e sistemas de leitura, o que torna impróprio abordar o tema de maneira homogênea.

Um segundo ponto é observar um movimento contínuo entre as tendências esotéricas europeias, principalmente as francesas, e o que era desenvolvido pelas cartomantes brasileiras, o que pode ser exemplificado pela utilização das cartas egípcias derivadas das discussões de Antoine Court de Gébelin e de Etteilla, bem com a influência de Mlle. Lenormand na publicação do baralho *A Pythonisa de Paris* pelos irmãos Laemmert em 1860.

Dando continuidade às nossas investigações, o próximo subcapítulo será dedicado à já mencionada e enigmática A.V, discutindo sobre estratégias de destaque em meio aos diversos anúncios veiculados nas páginas das folhas diárias do Rio, as polêmicas no exercício da cartomancia e as articulações tecidas por cartomantes para driblar a ação das autoridades em relação ao seu ofício.

#### **1.4. Entre o *Valete de Ouros* e o *Nove de Espadas*: as práticas cartomânticas de A.V**

A primeira aparição de A.V nos periódicos cariocas se dá em 1864, quando ela publica seu anúncio inaugural no *Jornal do Commercio*, onde podemos ler “ A.V. Quem precisar dos serviços de uma boa somnambula e cartomancia pôde dirigir-se á rua da Carioca n.37, das 10 horas da manhã ás 1 da tarde” (JORNAL DO COMMERCIO, 1864, Ed.258, p.3). Segundo as investigações feitas na Hemeroteca Digital, a cartomante publicou na imprensa até, pelo menos, 1884, estabelecendo assim uma das “carreiras” mais longevas na cidade do Rio.

Identificando-se como uma “senhora cartomante” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.81, p.2), A.V fez do sonambulismo uma das marcas registradas de seu consultório na rua da Carioca, n.37. Em 1872, comenta que, além de uma “somnambula lucida chegada da Europa” (JORNAL DO COMMERCIO, 1872, Ed.6, p.5), conta com um jovem sonâmbulo nacional (JORNAL DO COMMERCIO, 1872, Ed.6, p.5). O rapaz, “dito melhor [sonâmbulo] que existe no Brazil e muito conhecido por suas descobertas. especialmente para a cura de molestias pumonares e outras” (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed.297, p.3), chamava-se Maximiliano.

No que diz respeito ao tratamento de moléstias pulmonares, aliás, A.V parece ter se tornado uma referência, uma vez que, além das publicidades envolvendo o sonâmbulo Maximiliano no início da década de 1870, em 14 de maio de 1868 a cartomante já vendia “um remedio para as doenças pulmonares” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed.134, p.3). Ainda em 1868, um pequeno texto é publicado no *Jornal do Commercio*, assinado por “Vidal”, morador à rua da Carioca n.37, que agradece “ás pessoas que tiverão a bondade de elogiar meu remedio, com o qual forão ellas curadas” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868,

Ed.147, p.1), ressaltando que poderiam “contar com o meu zelo e coragem, pois que farei com todos os esforços que estiverem a meu alcance para o bem do publico” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed.147, p.1). Alguns dias depois, novamente encontramos menções a Vidal na imprensa, desta vez anunciando seu remédio contra as moléstias pulmonares e dizendo que cada frasco “vai acompanhado da firma do autor” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed.160, p.7).

Sobre a identidade deste misterioso vendedor, a edição de 30 de novembro de 1869 do *Jornal do Commercio* parece nos fornecer alguma informação, uma vez que um homem de nome João Vidal informava que vendia em seu escritório provisório na rua da Carioca n.37 exemplares do “mappa commercial da Companhia Fluminense” (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.332, p.3). Sabe-se também que pouco tempo antes, em abril de 1869, alguém vendia no sobrado da Carioca, n.37 “a maneira e o conhecimento dos vegetaes para preparar o remedio contra as molestias pulmonares”, pelo motivo de “seu dono se retirar” (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed. 112, p.4).

Nesse ponto do texto, quem lê pode se perguntar o porquê de tamanha curiosidade na pessoa de João Vidal sendo que o ponto central desta seção é a cartomante A.V, uma mulher. Como bem aponta Carlo Ginzburg (1989), nosso trabalho como historiadores necessita de um apego aos indícios, que, no caso de A.V, se encontram nas próprias iniciais veiculadas por ela na imprensa. A.V poderia, de fato, ser uma Vidal tendo em vista sua atuação direta com moléstias pulmonares antes mesmo de João Vidal anunciar seus mapas e medicamentos nas páginas do *Jornal do Commercio*, além do próprio direcionamento de seu sonâmbulo Maximiliano para o tratamento dos pulmões dos consulentes que a procuravam.

Ainda que seja João Vidal quem responde na imprensa pelo remédio vendido na rua da Carioca n.37, é digno de nota salientar que, após o anúncio da venda do conhecimento sobre os vegetais em abril de 1869, é A.V quem desaparece da imprensa diária carioca, voltando a anunciar somente em julho de 1870 ao comunicar que estava “voltando de sua viagem” (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 205, p.7).

Bem mais adiante, quando A.V já havia se mudado para a rua de São José n.107 (JORNAL DO COMMERCIO, 1873, Ed.165, p.6), uma mulher chamada Mme. Françoise Vidal diz que “faz sciente a quem interessar que hoje 20 do corrente mez retirou os poderes que ao Sr. Conde da Lagravière tinha dado por uma procuração para o mesmo senhor lhe tratar de seus negocios, ficando assim a dita procuração sem mais effeito algum para o futuro” (JORNAL COMMERCIO, 1874, Ed.111, p.6).

Françoise Vidal assina seu comunicado com o mesmo endereço onde atende A.V até, segundo consta, o início de 1875, quando seus anúncios passam a indicar o sobrado da rua da Carioca n.42 como o local dos atendimentos. Essa nova convergência ressalta a possibilidade de que a cartomante fosse integrante da família Vidal, ainda que, mesmo após exaustivas buscas, não tenham sido encontradas maiores informações sobre João e Françoise além do seu envolvimento com negócios, que poderiam facilmente abranger tantos remédios e mapas comerciais, mas, da mesma forma, a cartomancia.

Retornando aos serviços oferecidos por A.V, observa-se que a cartomante é especialista em casos de roubos, como indica uma publicação de agosto de 1868, afirmando que atua sobre questões relativas a “roubos, intrigas, molestias, etc” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed. 294, p.3). Em agosto de 1868, lemos o seguinte anúncio “A.V ...Cartomante verdadeira, rua da Carioca n.37, somnambula nacional, que fez achar-se o furto dos brilhantes que foi anunciado no dia 25 de junho. Consulta-se para molestias”(JORNAL DO COMMERCIO,1868, Ed.217, p.3).

Analisando diversos jornais em circulação na Corte ao momento da publicação, não encontramos nenhuma menção a um furto ou roubo de joias no dia 25 de junho de 1868. A prisão que mais se assemelha ao delito descrito por A.V é a de Rosa, escrava de Malaquias Cordeiro de Castro, que estava alugada para trabalhos na rua do Catete, onde teria furtado, além de joias, algumas roupas, tendo sido presa em 05 de novembro de 1868 (CORREIO MERCANTIL, 1868, Ed.304, p.2).

O fato de o crime descrito por A.V não ter sido noticiado diretamente na imprensa é curioso, levando-se em consideração que esse tipo de delito constantemente preenchia as páginas dos jornais, como é o caso de um furto de brilhantes ocorrido na cidade de Valença e descrito na edição do dia 10 de agosto de 1869 do *Diário do Rio de Janeiro*. Nesse sentido, alguns pontos merecem ser levantados. No primeiro deles, poderíamos supor que os anúncios aos quais A.V se refere não foram publicados diretamente nos jornais, mas sim pelas próprias ruas do Rio, o que explicaria, talvez, sua ausência nos periódicos.

Porém, como demonstra o caso do furto em Valença, seria peculiar que o crime não fosse anunciado na imprensa. A ideia não é dizer que a cartomante de fato não tenha ajudado na resolução do crime. Porém, a partir das próprias evidências fornecidas por A.V no anúncio, a menção ao furto pode ter funcionado como um artifício publicitário que, além de instigar a curiosidade, poderia trazer mais clientes ao seu consultório por transmitir a ideia de eficácia dos serviços.

Seguindo o caminho apontado por Minois (2016), a análise de atividades esotéricas envolvendo a predição deve perpassar muito mais pelo seu papel como alívio e estímulo à ação do que necessariamente pela eficácia de fato. Nesse sentido, o que nos interessa nas afirmações de A.V sobre os roubos, ainda que seja bastante curioso o fato de a imprensa não noticiar tal furto, é como ela construiu um discurso sobre as atividades que exercia, ultrapassando temas como intrigas, aspectos sentimentais e leitura do futuro, e atuando igualmente em esferas materiais e concretas, como roubos.

Além de auxiliar na resolução de furtos, A.V afirma que encontrava “pretos fugidos” (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 318, p.3). Ressaltar essa “especialidade” corrobora ainda mais para demonstrar que a cartomante está ancorada não só num âmbito de atuação emocional e subjetivo, mas que também poderia ser consultada por pessoas que buscavam resoluções de casos mundanos, como saber onde estavam seus escravos fugidos. Aumenta-se assim o leque de clientes que poderiam se interessar pelos serviços, especialmente considerando que ela e seus consulentes estão inseridos numa sociedade estruturada sobre bases escravistas e onde o direito de propriedade é um ponto central nas relações estabelecidas entre os indivíduos.

A popularidade de A.V se confirma igualmente levando em conta as críticas que irrompem, ocasionalmente, na imprensa da Corte. Em 1869, a edição n.26 do periódico *Propriedade do Club X*, jornal “sério e jocoso” (PROPRIEDADE DO CLUB X, 1867, Ed.1, p.1), entre comentários sobre a festa de inauguração da nova sede da sociedade carnavalesca Tenentes do Diabo<sup>13</sup> e pequenos folhetins, publicava o texto teatral da comédia em um ato *O erro pelo erro*, criada por alguém com o codinome Pick-Nick. Na trama, os principais personagens são os colegas Augusto, jornalista, e Paulo, estudante de medicina, que, dentre outras coisas, conversam sobre uma tal “cartomante verdadeira”, na rua da Carioca, n. 37” (PROPRIEDADE DO CLUB X, 1869. Ed. 26, p.4). Endividado, Paulo encontrava-se pensativo sobre como solucionar sua questão e, numa súbita ponderação, cogita recorrer à “somnambula A.V [que] diz que descobre intrigas” (PROPRIEDADE DO CLUB X, 1869. Ed. 26, p.4).

O personagem acrescenta ao talento de descobrir intrigas da sonâmbula e cartomante a potencialidade de ela mesma também fabricá-las, argumento sustentado em uma cena posterior quando ele comenta que ri das “esposas ciumentas que lá cahem e dos candidos e

---

<sup>13</sup> Agremiação que viria a se tornar tradicionalíssima no Rio de Janeiro nas décadas seguintes, como demonstra NEPOMUCENO, Eric Brasil. Nos dias de Momo: Repressão e racialização através da Casa de Detenção da Corte (1879-1888). In: *III Seminário Nacional de Pós-Graduandos em História das Instituições - Historiografia e instituições: caminhos possíveis de investigação*, 2010, Rio de Janeiro.

ingenuos maridos que vão se consultar ácerca das infidelidades domesticas, e ao deixarem-lhe a porta encontram ainda um desvairado *amante* que recorre ás suas *artes* nos transe mais difficeis da vida” (PROPRIEDADE DO CLUB X, 1869. Ed. 26, p.4). Esse trecho do texto é significativo não somente para observar que tipo de impressão o público possuía em relação às atividades desenvolvidas por A.V, mas como um panorama mais geral da opinião sobre a cartomancia e o sonambulismo, uma vez que Paulo ressalta posteriormente que essas eram as ideias que tinha sobre para o que serve uma sonâmbula.

Mais adiante, Augusto escarnecia da possibilidade de que um homem intelectual como Paulo consulte uma cartomante, chegando a sugerir que o amigo estivesse caído de amores pela sonâmbula, dizendo que “só este annuncio é capaz de inspirar uma paixão” (PROPRIEDADE DO CLUB X, 1869. Ed. 26, p.4). A pontuação de Paulo sobre a sedução causada pela publicidade de A.V demonstra como é importante para essas cartomantes que os seus anúncios, além de concisos, tragam em si algum encantamento, atraindo assim, pelas promessas de eficiência e pela curiosidade, o público.

Apesar do tom crítico, representado especialmente na postura de Augusto, nota-se que a peça oscila entre a consideração das cartomantes enquanto enganadoras e fabricantes de intrigas, como sugerido por Paulo, e a atração pela aura de mistério que elas exalam. A postura de Augusto demonstra igualmente as críticas do discurso médico do período acerca das cartomantes que diziam curar moléstias em seus consultórios, expressando assim o ceticismo e a preocupação dos doutores em relação às artes de curar que não se inseriam no meio acadêmico.

No caso de um texto publicado no folhetim *Cartas de um caipira* em 1875, a censura e a zombaria em relação à mesma A.V são muito mais cristalinas. Publicado pelo *Jornal do Commercio*, o *Cartas de um caipira* era assinado por um indivíduo de codinome Felipe que, costumeiramente, dedicava-se a espinafrar através das palavras diversas “personalidades” da sociedade carioca. Na edição de 19 de novembro de 1875, o nome, ou melhor, as siglas da vez, eram as de A.V. Dirigindo-se ao seu interlocutor habitual, chamado Mano Chico, Felipe inicia suas reflexões sobre a cartomante dizendo que ela “acha-se desde muito tempo no Rio de Janeiro” e que “tem uma habilidade especial para varias cousas e principalmente para adivinhar, com o auxilio do nove de espadas e valete de ouros, quem foi que commetteu tal ou tal roubo” (JORNAL DO COMMERCIO, 1875, Ed. 321, p.2).

Adiante, comenta que teve um “parente” que foi se consultar com A.V sobre uma pulseira de brilhantes que foi furtada, desejoso de saber quem seria o responsável pelo desaparecimento da mesma, e recebeu como resposta uma descrição que servia para “meio

mundo africano” (JORNAL DO COMMERCIO, 1875, Ed. 321, p.2). Os vaticínios da cartomante, no entanto, não previram que o parente de Felipe fosse encontrar, por meios mais terrenos, o verdadeiro responsável pelo crime, procurando rapidamente a delegacia. Nesse momento, ele se depara com a própria “cartomante *celebre*” no local, que se queixava “de que lhe haviam furtado na vespera algumas centenas de mil reis; e pedia ao chefe [de polícia], quasi de mãos postas, que fizesse todo o possível para descobrir quem era o ladrão!” (JORNAL DO COMMERCIO, 1875, Ed. 321, p.2).

Considerando a mulher como uma “espertalhona” (JORNAL DO COMMERCIO, 1875, Ed. 321, p.2), Felipe se pergunta se seria necessário mais alguma prova para encaminhar a cartomante ao júri, fato este que, para infelicidade do autor de *Cartas de um caipira*, não seria concretizado nem naquele ano e nem na década seguinte. Por ora, cabe ressaltar como a imprensa, além de espaço para manifestação das cartomantes por meio de seus anúncios e ocasionais outros tipos de produção, também proporciona uma rica possibilidade de análise sobre como a cartomancia e as práticas a ela relacionadas eram compreendidas por uma parcela da sociedade carioca, mais instruída e inserida nesse espaço de produção e difusão de ideias.

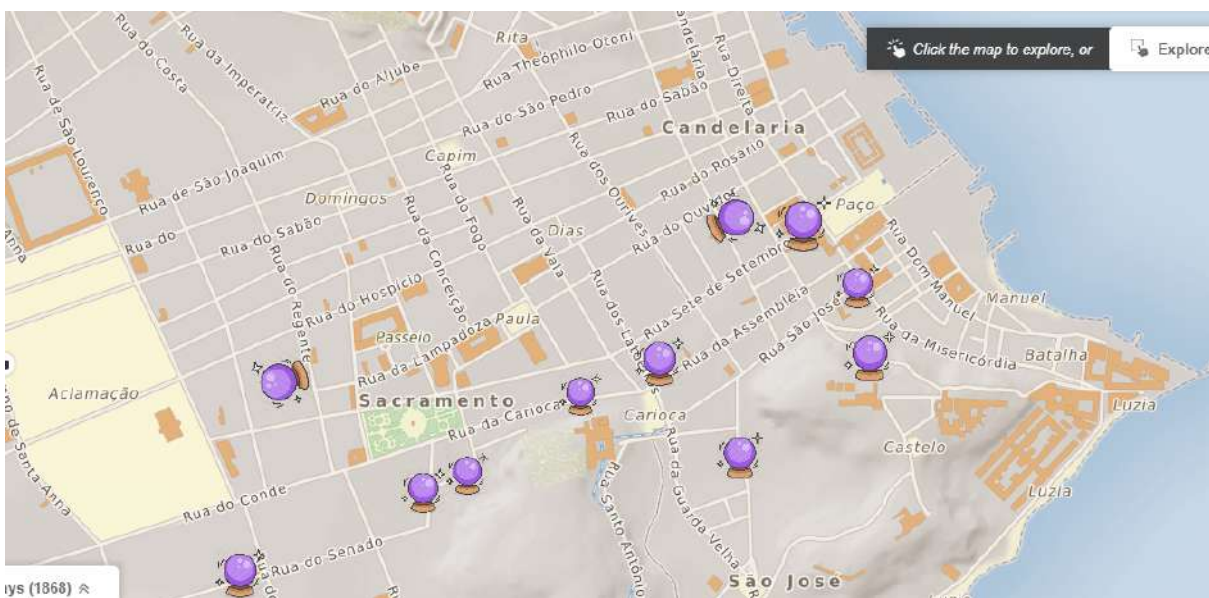
O mais perto que se aproxima de uma intervenção policial envolvendo A.V é a prisão, em 25 de abril de 1865, de um preto chamado Israel Francisco da Costa por ser “distribuidor de dar fortuna, curandeiro e feiticeiro” e de vinte e uma outras pessoas, dentre livres e escravas, que “tinham ido consultar o charlatão (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.114, p.1). Sobre a identidade dos detidos, sabemos que os livres eram Maria Joaquina Vasques Guedes Pinto, Thomaz Torquato, Marcellino Castillo Doria, João de Almeida, Maria da Conceição, Domignos, Josepha Gonçalves de S.Bento, Petronilha Vieira da Conceição, Maria Josepha, Maria Felicidade, Maria Felicidade da Conceição, Virgínia Maria da Conceição, Luiz Jacques, Virgínia Joaquina da Cunha Cesar e os escravos Rufo, Luiz, Olympio, Dulcinda, Quintilianna e Maria (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed.114, p.1).

Curiosamente, o endereço do preto era a rua da Carioca, n.37, mesmo local que A.V dava consultas como cartomante e sonâmbula. Aparentemente, nada é feito em relação à A.V. Primeiro porque nenhum dos nomes que constam na lista dos presos se aproxima das suas iniciais ou cujo sobrenome fosse Vidal, seguindo então a hipótese já levantada anteriormente sobre a identidade de A.V. Um segundo argumento sobre a desvinculação da cartomante do ocorrido se dá com a continuidade de suas publicidades na imprensa regularmente logo depois dos acontecimentos do dia 25 de abril, indicando que as atividades não foram interrompidas com as prisões que se deram no mesmo endereço dias antes.

Como ponto final sobre a conturbada e “celebre”, como dizia seu anúncio, trajetória de A.V no Rio de Janeiro, é válido observar um aspecto que encontra convergência na vivência de outras cartomantes, mas que é notadamente verificável no caso de A.V por seu longo percurso na imprensa. Trata-se da grande mobilidade espacial das cartomantes. A.V acumulava em sua carreira “cartomântica” muitas mudanças de endereço na Corte.

Ainda que tenha se estabelecido solidamente na rua da Carioca, n.37 por cerca de oito anos, ela foi uma das cartomantes que mais circularam na cidade, atendendo em outros momentos nos sobrados da rua da Carioca n.42, 50 e 115, de São José n.9, 46 e 107, além da rua da Assembleia n.93, dentre outros locais nos quais permaneceu por menor período de tempo.

**Figura 6. Principais ruas onde A.V atendeu seus consulentes no Rio (1864-1884)**



**Fonte:** Imagine Rio e Refício. Obs: Adaptações feitas pela própria autora

Verificamos que existiram alguns espaços noticiados nos jornais como próprios para o exercício da cartomancia, como fica explícito, por exemplo, neste anúncio de 1874: “Aluga-se o primeiro andar de um imóvel à rua do Cotovello, n.13, próprio pra uma cartomante. Tratar no becco do Fisco, n.7” (JORNAL DO COMMERCIO, 1874, Ed. 195, p.8). No ano seguinte, novamente topamos com anúncios relacionados, desta vez alugando “o 1º e o 2º andares da casa da rua do Cotovello, n.9, juntos ou separados, o 1º está próprio para uma senhora cartomante, por ser conhecido como a casa de Mme. das Cartas” (JORNAL DO COMMERCIO, 1875, Ed. 252, p. 6).



Em 1877, novamente manifesta-se no jornal a possibilidade de aluguel do imóvel da rua do Cotovelo, n.9, desta vez alegando-se que seria um bom lugar para “um casal ou uma cartomante”, cobrando-se o valor de 35\$000 mensais (JORNAL DO COMMERCIO, 1877, Ed. 234, p. 3). O espaço foi ocupado anteriormente por uma cartomante chamada Mme. Marie “a mais antiga que existe no Rio de Janeiro”, que dizia atuar na Corte desde o ano de 1859 (JORNAL DO COMMERCIO, 1866, Ed. 72, p. 3).

A rua do Cotovelo, aliás, era um conhecido reduto de cartomantes no Rio de Janeiro. Em 1882, um homem que assina como “um madeireiro” reclama na *Gazeta de Notícias* que

continuam a ser agarradas e incomodadas as pessoas que passam pelo becco do Cotovelo por um homem em mangas de camisa, a fim de os levar a um cartomante; é preciso que a autoridade acabe com este escandaloso abuso; pois nem todos os que passam n'este becco vão para tirar cartas (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, Ed. 123, p.3)

Entre 1859 e 1883, encontramos evidências de que cinco cartomantes residiram e atenderam, mesmo que por um curto período de tempo, na rua do Cotovelo, sendo elas Anna (1872), Anna Albet (1877), A.V (1883), Marie (por volta de 1859<sup>14</sup>) e Mme. C (1882). Isso ocorreu, do mesmo modo, com a rua da Assembleia, logradouro de Anna (1874), A.V (em 1875 e 1882), Carmelita (1873), Hilda (1866), Jenny (1873), Mme. Potier (em 1867 e 1868), Mme. Armand (1874) e Rosa (1875).

Passaremos agora a falar sobre uma outra sibila, cujos anúncios e atividades desenvolvidas nos permitem compreender um pouco mais sobre como a cartomancia, em alguns casos, foi associada a variadas práticas esotéricas, tal qual o sonambulismo, e se tornou alvo de crítica por parte de indivíduos que se dedicavam a tais ofícios na corte. Os acontecimentos envolvendo essa cartomante corroboram igualmente para investigar as relações entre cartomantes e outros grupos na Corte, como os sonâmbulos e magnetizadores.

### **1.5. Do Oriente a Baudelaire: alucinógenos, intrigas e o exotismo na cartomancia de Mme. Rachel e Aydée Esmirx**

Segundo Maria Claudia Magnani, pode-se estabelecer uma diferenciação entre as sibilas e as pitonisas a partir do escopo de atuação de cada uma delas, sustentando que ambas fazem “o elo entre o profano e o sagrado atendendo à necessidade humana tanto de se comunicar com o transcendente, como de saber dos acontecimentos porvindouros” (2016, p.116), pressuposto este que se alinha diretamente com o conceito de *homo magus* de

<sup>14</sup> Data estimada, pois o primeiro indício da atividade de Marie na Corte se dá em um anúncio de 1866, onde ela diz que já atendia no Rio desde 1859 e que estava de mudança para a rua de São José n.1.

Bethencourt, da função da magia proposta por Mauss e Hubert e, conseqüentemente, com as cartomantes que analisamos.

Para a autora, enquanto as pitonisas atuavam fazendo “o uso de vapores advindos de ervas alucinógenas” e falando “sobre os futuros pessoais daqueles que as procuravam” (MAGNANI, 2016, p.116), as sibilas se encarregavam acerca das predições “de futuros coletivos, como resultados de guerras, com vitórias ou derrotas, sobre riquezas e pobreza das nações, sobre decisões políticas de resultados dramáticos para a coletividade” (MAGNANI, 2016, p.116). No caso das cartomantes cariocas, esses conceitos parecem se mesclar, assumindo significados mais amplos. Em terras brasileiras, a sibila se adapta às “causas menores” e passa a orientar os passos dos aflitos consulentes que enchem as salas de seus consultórios.

Em 1864, o *Jornal do Commercio* anuncia:

Rachel. Sybilla de Pariz de passagem nesta côrte, offerece aos adeptos do magnetismo o seu prestimo de somnambulismo, espiritismo e cartomancia, na rua Sete de Setembro (antiga do Cano), n.4. Igualmente participa-lhes que acaba de receber a nova preparação egypcia denominada dawamesk, muito em uso na Asia, assim como na Europa, para obter as visões as mais agradaveis e até mesmo a visão de quem se deseja saber, sem necessidade de ser somnambulizado (JORNAL DO COMMERCIO, 1864, Ed. 308, p.3)

A breve “passagem” pela Corte se converteu em, pelo menos, duas décadas de atuação constante no ramo da cartomancia e do sonambulismo. Anna Rachel, como ela nos faz saber apenas em 1878, é uma das poucas cartomantes cujo nome consta no *Almanak Laemmert*, publicação onde eram veiculados endereços sobre serviços oferecidos na Corte, indicando que ela atuava como cartomante e residia na “rua de São José, n.91” (ALMANAK LAEMMERT, 1868, Ed.25, p.1528).

Além dos serviços de sonambulismo, espiritismo e cartomancia, como ela anuncia na edição 308 de 1864 do *Jornal do Commercio*, sabemos que Rachel vendia “o melhor remédio para curar instantaneamente as dores de dentes” (JORNAL DO COMMÉRCIO, 1867, Ed. 257, p.3), bem como “o afamado Collyrio da Sibylla para curar todas as inflamações dos olhos e o Elixir da Cigana para curar instantaneamente qualquer dôr de dente” (JORNAL DO COMMERCIO, 1866, Ed. 77, p.4), dizendo nessa mesma publicidade que distribuiria gratuitamente essas preparações aos pobres.

Já observamos neste trabalho como a venda de homeopantias foi empregada por cartomantes, entretanto, o que mais chama atenção no caso de Rachel é a preparação egípcia chamada *dawamesk* que consta em seu primeiro anúncio. Na obra *Paraisos Artificiais*,

publicada por Charles Baudelaire em 1860, o autor descreve, além de sua própria experiência com o haxixe, uma definição bastante elucidativa do que seria esse curioso preparado.

Baudelaire comentava que o *dawamesk* seria um confeito de origem árabe,

uma mistura do extrato gorduroso [óleo de cannabis], açúcar e diversas fragrâncias tais como baunilha, pistache, amêndoa, almíscar. Às vezes, acrescenta-se mesmo um pouco de cantárida, com uma finalidade que nada tem em comum com os resultados frequentes do haxixe. Sob esta nova forma, o haxixe nada tem de desagradável. (1998, p.18 e 19)

Não é possível saber com muita clareza se as pessoas que liam o *Jornal do Commercio* sabiam ao certo do que se tratava o *dawamesk*, uma vez que, pelo menos na imprensa diária que circulava no período de publicação do anúncio, não foram encontradas menções à preparação. A hipótese de que os leitores poderiam ter contato com o conceito e os usos do *dawamesk* por meio do próprio livro *Paraisos Artificiais* também cai por terra ao constatarmos que nenhum livreiro anunciava nem a versão francesa<sup>15</sup> e, muito menos, uma tradução da obra, que foi lançada somente em 1982. Ainda que possamos, em um último palpite, pensar no trânsito de brasileiros mais abastados em terras francesas como vetor de conhecimento específico sobre o *dawamesk*, isso não seria suficiente para descartar nossa principal hipótese sobre a preparação, a de que ela era desconhecida por grande parcela daqueles que se deparassem com a publicidade de Rachel.

A exotividade da preparação à base de haxixe e açúcar é ressaltada, principalmente, pela sua associação com o Egito, berço da sabedoria mágica e inspiração constante para ocultistas de diversas épocas, como já ressaltado em momentos anteriores deste trabalho. O próprio Charles Baudelaire, ao expressar suas opiniões sobre o confeito, faz questão de ressaltar suas diferenças ante ao haxixe que era consumido habitualmente, especialmente no que tange aos resultados. Nota-se, tanto no caso de Baudelaire quanto no anúncio de Rachel, que a excentricidade do *dawamesk* está diretamente relacionada ao fato de sua origem oriental.

As percepções de ambos em relação ao *dawamesk* podem ser lidas segundo os pressupostos do orientalismo de Edward Said (1990), onde tudo que provém do Oriente merece análise, categorização e hierarquização minuciosas, pautadas na ideia da diferença entre o familiar (ocidental) e estranho (oriental). Considerando-se o panorama de expansão imperialista europeu no século XIX, que compreende territórios como o Egito, por exemplo, o orientalismo assume aspectos mais formais e científicos, com a incorporação das discussões

---

<sup>15</sup> O livro foi publicado sob o nome *Les paradis artificiels*.

orientalistas ao positivismo, darwinismo, marxismo, etc., bem como a criação de sociedades como a Royal Asiatic Society (SAID, 1990).

Como comentado anteriormente, o aguçamento da curiosidade do público era um atributo valioso nas publicidades das cartomantes, uma vez que poderia atrair até mesmo pessoas céticas a fim de verificar as atividades desenvolvidas naquele consultório, estratégia que pode ser visualizada no anúncio da recém-chegada Rachel sobre o confeito *dawamesk* em 1864 no *Jornal do Commercio*, disputando seu espaço no meio esotérico carioca.

Uma outra cartomante parece seguir a mesma senda para atrair clientes. Num exemplar de 04 de outubro de 1877, Aydée Esmirx, jovem turca, anunciava que é uma “grande cartomante e somnambula, recém-chegada da Europa [e] avisa ao respeitavel público que dá consulta dessa sciencia todos os dias nos seu consultório. N.B- Ella veste-se à moda do seu paiz” (JORNAL DO COMMERCIO, 1877, Ed.275, p.7). A primeira parte do anúncio assemelha-se a dezenas de textos publicados por cartomantes nas folhas diárias. Porém, se bem notarmos, a segunda parte lança mão do exotismo, a partir do destaque da roupa utilizada pela jovem nos atendimentos. Não basta, portanto, ser oriunda da Turquia, deve-se minimamente “provar”.

O caso da preparação egípcia não é o único ponto inusitado na história de Rachel na imprensa carioca. No ano de 1869, uma polêmica envolvendo cartomantes e sonâmbulas emerge no *Jornal do Commercio*, revelando que, apesar do convívio harmônico, como no caso de A.V e seu sonâmbulo nacional, em determinados casos existiam animosidades entre os praticantes dessas duas atividades. Lemos, em edição do *Jornal do Commercio* de 08 de abril de 1869, o seguinte comunicado:

Mme. Elise, somnambula que dá consultas na rua Sete de Setembro n.78, sobrado, dá 1 às 2 horas, tendo sido informada de que algumas pessoas já ficarão enganadas pelos falsos anuncios de uma *cartomante* com o nome de RACHEL, declara publicamente, afim de evitar outros enganos que nunca entrou nem ha de entrar em semelhante casa, mas que até nem mesmo conhece essa mulher. (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed. 97, p. 3)

Esse comentário muito provavelmente deriva da insatisfação em relação a um anúncio publicado por Rachel em 31 de março de 1869, bem como nos dias subsequentes, em que ela anunciava: “Mme. Rachel, cartomante, moradora á rua de S.José n.91, continúa a dar consultas de somnambula, das 9 horas da manhã ás 8 da noite, sendo a sonambula a mesma que dá consultas na rua Sete de Setembro n.78. Preço 10\$000” (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed. 89, p.7).

Em 09 de abril de 1869, uma sonâmbula chamada Mme. Elise comenta que

não achando de sua conveniencia sustentar uma polemica com essa *cartomante*, com o nome de RACHEL, e tendo a publicamente revalado só para satisfazer aos individuos que já ficarão logrados pelos seus annuncios, deixa agora ás pessoas respeitaveis que a conhecem e ás que se dignarem consulta-la, de avaliar essa mulher pela sua propria resposta. Por qual razão essa *cartomante* faz tanto mysterio a respeito do nome verdadeiro da sua tal *unica somnambula???*” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed.99, p.3).

Logo a seguir, encontramos na imprensa um longo texto assinado por uma mulher chamada Idalina, onde ela se propõe a defender Mme. Rachel das falsas acusações de Mme. Elise, dizendo que

pois que eu, Idalina, é que consultei até sabbado 3 do corrente no consultorio a Propaganda do Magnetismo, na rua Sete de Setembro, n.8, e em casa de Mme. Rachel, servindo-se o magnetizador ha tempos do nome de Mme. Elisa para acreditar a sua casa e ter mais concurrencia, em razão de Mme. Rachel taxar o preço de 10\$ por cada consulta. (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.100, p.3)

Nesse momento, Idalina acrescentou às acaloradas discussões a informação de que Mme. Elise na verdade era um homem, fato que ela poderia comprovar por dar consultas “ha muitos annos (...) com o mesmo magnetizador” (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.100, p.3). A mulher dizia que, pelo motivo do magnetizador ter se retirado momentaneamente da Corte, ela seguiu dando consultas, desta vez à casa de Mme. Rachel, na rua do Parto (posteriormente chamada de São José) n.91 e que, quando o homem retornou ao Rio de Janeiro, ela concordou em atender “em ambas as casas, tendo de ir ao primeiro chamado” (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.100, p.3).

Idalina finalizou suas declarações pontuando que parou de dar consultas no consultório da rua Sete de Setembro por se achar incomodada com a situação entre a cartomante Rachel e o magnetizador, mas alertava que “se a questão continuar, eu direi o que melhor é calar para não ser fatal” (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.100, p.3). Com a questão entre os consultórios da rua de São José e de Sete de Setembro aparentemente resolvida e exposta à quem desejasse compreendê-la nas páginas do *Jornal do Commercio*, mais uma vez nos deparamos com nítidas críticas de magnetizadores e sonâmbulos dirigidas às cartomantes.

Em 28 de dezembro de 1869, o Consultório de Propaganda do Magnetismo, sediado na rua Sete de Setembro n.31, que ensinava “theorica e praticamente a arte de magnetisar” deixava claro, após vários pedidos, que

repelle qualquer responsabilidade das consultas de somnambulismo dadas fóra do seu consultorio, e ainda mais daquelas dadas por *somnambula* em *casa de cartomante*, isto é, casa de mulher que *deita cartas*, a qual nada sabendo nem entendendo da arte de somnambular, não póde de maneira alguma conhecer se a tal somnambula (principalmente *somnambula velha*) finge ou não dormir, e não póde, portanto, dar lealmente consultas de somnambulismo (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.330, p.7)

As indisposições entre cartomantes e sonâmbulas não se dissiparam com a virada da década, uma vez que continuamos a encontrar contundentes censuras à prática de sonambulismo em “casas de cartomante”, como a da sonâmbula Mme. Eugenie, que atende no Consultório de Propaganda do Magnetismo e taxa como fingidas as sonâmbulas que atendiam em associação com cartomantes (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 271, p.3).

Eugenie publicou cerca de seis textos entre 1870 e 1871 nos quais defendia que o público se consultasse somente com sonâmbulas efetivamente inseridas em consultórios “sérios” de magnetismo. Em janeiro de 1870, os membros do Consultório de Propaganda chegam inclusive a dizer que Idalina, a sonâmbula que testemunhava a favor de Rachel após os primeiros desentendimentos expostos no *Jornal do Commercio*, “com um dos olhos tapado, que desde muito tempo já não tem lucidez alguma, nem tão pouco lhe é possível dormir por causa de sua muita idade” (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 23, p.3), não teria condições nenhuma de oferecer serviços de sonambulismo.

Mme. Rachel parecia pouco se importar com os ataques do Consultório, publicando em seus anúncios que “moradora à rua de S.José, n.91, continua a dar consultas de somnambula das 9 da manhã às 8 da noite, sendo a somnambula a melhor que existe nesta Corte, preço 10\$000” (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 146, p.3). O preço das consultas de sonambulismo e cartomancia oferecidos eram, inclusive, bastante acima da média em relação a outras cartomantes que atendiam na Corte, como A.V, que cobrava 5\$000 (JORNAL DO COMMERCIO, 1875, Ed.321, p.2), e Carmelita, que atendia pelo preço de 2\$000 (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed. 187, p.3).

Esse era, por exemplo, o preço para se tirar uma fotografia no estúdio da rua do Hospício, 104 (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 271, p.8), assinar o *Jornal do Commercio* pelo período de três meses ou comprar os dois volumes de *O Guarani*, de José de Alencar, na livraria Garnier da rua do Ouvidor n.69 (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed.19, p.2).

Mais uma vez, agora em 1878, a cartomante parecia estar envolvida em questões polêmicas na Corte. Segundo um comunicado publicado em 28 de março de 1878, Rachel, agora assinando como Anna Rachel, demonstra sua discordância em relação ao chefe de polícia por ele haver “resolvido acabar com as casas de cartomancia existentes nesta côrte”, alegando que a cartomancia era “innocente arte ou sciencia (...) admittida em todas as grandes cidades da Europa” (JORNAL DO COMMERCIO, 1878, Ed.87, p.6). Ponderava, entretanto, que a decisão teve de ser tomada porque, de fato, existiam muitas cartomantes que, mesmo

diante das vistas grossas das autoridades, testaram o menosprezo “dando e administrando remedios para diversas molestias”.

Seu intuito no texto publicado, porém, surpreende quando a cartomante dizia nunca ter administrado remédios em seu consultório (JORNAL DO COMMERCIO, 1878, Ed.87, p.6). Se a memória dos leitores do *Jornal* e das autoridades era curta, nós, como observadores afastados desse passado e providos de uma linearidade de fontes, sabemos, entretanto, que a sibila vendia anos antes o “Collyrio da Sibylla” e o “Elixir da Cigana” (JORNAL DO COMMERCIO, 1866, Ed. 77, p.4).

Para legitimar ainda mais seu testemunho, Rachel desafia que “se alguém me contestar o desafio que o faça perante a policia, porquanto eu sempre respeitei a lei e as autoridades, e sou incapaz de abusar, assim procedendo, cumpro meu dever. Rio de Janeiro, 27 de Março de 1878. Rua de S.José, n.91. Anna Rachel” (JORNAL DO COMMERCIO, 1878, Ed.87, p.6).

Personagem complexa das páginas do *Jornal do Commercio*, como procuramos salientar a partir dos episódios trazidos à tona neste subcapítulo, as narrativas empregadas pela cartomante na forma de seus anúncios e aquelas que foram usadas contra ela nos fornecem algumas possíveis reflexões. A primeira delas é notar como praticantes de diversas atividades esotéricas e mágico-religiosas buscaram, através da imprensa, delimitar seus campos de atuação, desenvolvendo uma hierarquização baseada nos conhecimentos teóricos, na experiência e na credulidade sobre o que era oferecido. Ao cunhar a diferenciação entre os espaços sérios de consulta a sonâmbulos e magnetizadores e as “casas de cartomante”, baliza-se a esfera daquilo que é legítimo e do que pode ser lido como charlatanismo, pelo menos no âmbito do discurso.

Notou-se também como o orientalismo, sob a perspectiva do exotismo, foi utilizado como forma de atrair a curiosidade e atenção do público nos anúncios de Rachel e Aydée Esmirx, transformando assim as consultas com as cartomantes não somente em serviços, mas em verdadeiras experiências. A venda do *dawamesk* e dos elixires da Cigana e da Sibila demonstra como a Rachel se insere, assim como A.V, em um mercado de produtos esotéricos com fins diversificados, que abrangem desde a cura de moléstias até o acesso às “visões mais agradáveis”, onde se inseriam cartomantes, feiticeiros, adivinhos, dentre outros e cujas práticas vinham sendo observadas e reprimidas pelas autoridades, como podemos apreender pelo comunicado publicado por Rachel em 1878.

Adiante, fechando o primeiro eixo do trabalho, investigaremos os anúncios de Mme. Josephina, cartomante que atendia no Rio no início dos anos 1880, e que empenhou nos

jornais uma quantidade expressiva de publicidades sobre seus atendimentos, destacando-se igualmente por críticas contundentes encontradas na imprensa acerca de sua atuação.

### **1.6. Imprensa, modernidade e cartomancia: a “civilisada” Josephina da Rua S. José, n.67**

Ao contrário de jornais mais aclamados, como as folhas diárias *Jornal do Commercio* e *Gazeta de Notícias*, em 1882 o *Corsario Junior*, “periodico critico e noticioso” (1882, Ed.23, p.1) que circulou pela Corte entre 1882 e 1883, publicou comentários cortantes sobre a atuação de cartomantes na cidade, uma vez que o “lema” do jornal era receber “dennuncias de factos veridicos, para levar ao conhecimento do publico”. Com o codinome “O vigilante”, alguém publica o seguinte texto em 23 de agosto:

Chamamos a atenção da policia para um *genero de industria*, que reputamos um verdadeiro roubo feito por certos *espertalhões* sobre as pessoas profundamente fanaticas e tolas. Referimo-nos á impudica cafila de cartomantes, que impunemente, annuncião pela *Gazeta de Noticias* que *dão consultas por meio de cartas*, comendo dois mil reis por cada consulta, quando não conseguem levar a victima a cahir repetidas vezes com elevadas quantias porque sempre deixam uma abertura, em que parece á victuma acha-lhe sahida, mas que é uma verdadeira *ratoeira*! E a imprensa que se diz *honrada e seria* é cúmplice nesta ladroeira porque recebe os annuncios que só poderiam ser recebidos pelos da Calabria. Taes são as seguintes casas! Mme. Josephina - da qual a Sn<sup>a</sup> *Gazeta* tem publicado grande numero de annuncios, Rua de S. Jozé, n.67, sobrado. (...) Pensamos que já é tempo de acabar-se com similhante marotéira Sn<sup>a</sup> Policia vamos! Maõs á obra!... (CORSARIO JUNIOR, 1882, Ed. 23, p.2)

De fato, “O vigilante” tinha razão sobre a quantidade de anúncios publicados por Josephina no *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1882 e 1884, tendo sido catalogadas para a presente dissertação mais de 200 menções à cartomante somente neste periódico. Há de se ressaltar que as dinâmicas para anunciar em cada jornal eram diferentes, porém como aponta Rodrigo Cardoso Soares de Araújo, o valor “padrão” cobrado por cada anúncio costumava ser de “80 réis por linha” (2015, p.185) no caso de periódicos bem estabelecidos, como o *Jornal do Commercio* e da *Gazeta*. Em folhas menos conceituadas ou ainda florescendo no mercado editorial, esse preço poderia baixar para 60 réis por linha (ARAÚJO, 2015).

Ou seja, anunciar com tamanha frequência nos jornais exigia uma soma considerável de dinheiro, ainda que a publicidade contasse com poucas linhas, como o faz Mme. Josephina, que “previne as suas amigas e freguezas que acaba de chegar da Europa e continua a dar consultas por meio das cartas, na rua S.José, n.67, sobrado” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, Ed. 163, p.4). Voltando ao comentário do “Vigilante” sobre Josephina no *Corsário Junior*, é possível notar a insatisfação do autor com a postura tanto das autoridades, mas, principalmente, a dos editores dos jornais, que permitem que sejam livremente veiculadas as



artimanhas dos “espertalhões” sem que nada fosse feito. Esse argumento é bastante semelhante ao que Felipe, autor das *Cartas de um caipira*, empregou no caso da cartomante A.V, demonstrando assim que, mesmo com constantes denúncias e críticas na imprensa, nada parecia atingir essas cartomantes.

A postura dos editores está de acordo com a ponderação de Araújo ao salientar que esses grandes jornais “não abriam mão da importante fonte de receita” (2015, p.185) que eram os valiosos anúncios publicados ao final das edições diárias, não importasse qual fosse o teor do que era propagandeado, política editorial semelhante ao que ocorria com os textos a pedido, custando “120 réis por linha”, onde “publicava-se qualquer material desde que acompanhado de seu devido valor” (ARAÚJO, 2015, p.185).

Ainda em 1882, um outro jornal se dedicava a reprovar a facilidade com a qual cartomantes estavam publicando na imprensa carioca. O *Carbonário*, periódico comprometido “a conquista da moderna civilização” e que planejava subir “a collina do futuro para, do alto, saudar o sol da regeneração” (CARBONÁRIO, 1881, Ed.1, p.1), se consolidou como um dos pasquins com críticas cáusticas a figura das mulheres cartomantes da Corte durante a década de 1880. Num texto com o título “Cartomantes” e sem assinatura, publicado em 16 de junho de 1882, lê-se:

Na *Gazeta de Notícias* de 9 do corrente vem um annuncio que julgamos de todo o ponto digno de merecer a attenção da policia. Eis o annuncio: Cartomante - Mme. Josephina previne ás suas amigas e freguezes que acaba de chegar da Europa e que continúa a dar consultas, por meio de cartas, á rua de S. José n.67, sobrado. Como esta existem outras casas, como a do beco do Cotovello n.2, etc. Se isto não é um escarneo aos costumes da sociedade, é, sem duvida a mais descommunal affronta feita ás autoridades e uma armadilha armada á boa fé dos pobres de espirito, crentes das predicções da *buena dicha*. Tal industria deve chamar a attenção da policia, se ella existe. Repugna extraordinariamente esse modo de *ganhar a vida*, enganando tão grosseiramente os pobres incautos. (CARBONÁRIO, 1882, Ed.97, p.2)

Nesse texto, a ideia de indústria<sup>16</sup> da *buena dicha*, que havia sido empregada duas décadas antes pelo *Jornal do Commercio* para descrever o crescimento da atividade de cartomantes na imprensa (JORNAL DO COMMERCIO, 1861, Ed.277, p.1), é utilizada como forma de alerta às autoridades sobre o alastramento dos consultórios de cartomancia pela cidade, atividade considerada como inocente na publicação do *Jornal do Commercio* em 1861. Mais uma vez, ainda que de maneira mais velada do que a do *Corsário Junior*, o autor de “Cartomantes” critica a posição assumida pelos jornais de maior prestígio no que diz respeito às leitoras de cartas.

---

<sup>16</sup>À época, o termo indústria poderia significar o engenho ou destreza para os negócios, ofícios e para a própria vida (SILVA, 1789).

Josephina faz mais uma aparição no *Carbonário*, em 1883, na seção “Factos e boatos”, espécie de coluna social onde se contavam mexericos indiscretos da vida de pessoas, com seus nomes substituídos por outros. Ao comentar sobre uma mulher chamada Henriquetta, o autor do texto caçoava da mesma por comprar um talismã de “Josephina cartomante” (CARBONARIO, 1883, Ed.232, p.3), sendo possível notar que o jornal oscilava entre a cobrança categórica por medidas adequadas para coibir a enganação que Josephina exerceria sobre “os pobres incautos” e o escárnio sobre a efetividade das práticas da mesma.

Um outro texto publicado em 1885, de autoria de “O Castiço”, chegou a afirmar que esse tipo de mulher, a cartomante, “exerce a dupla seducção do sexo e da linguagem de mulher civilisada e astuciosa” (CARBONÁRIO, 1885, Ed.14, p.4). Sobre os aspectos de modernidade, Josephina estava alguns passos à frente de suas contemporâneas, uma vez que foi uma das primeiras a possuir um número de telefone urbano, o n.143 (JORNAL DO COMMERCIO, 1884, Ed. 342, p.4.), o que faz questão de anunciar nas suas publicidades no *Jornal do Commercio*.

Diante das intensas discussões acerca dos malefícios que a cartomancia representa à ordem e credulidade, nas palavras dos autores que publicam no *Corsário Junior* e no *Carbonário*, cremos ser o momento propício para discutir de forma mais aprofundada as relações entre a cartomancia e o ideal de progresso que permeiam os discursos sobre a leitura de cartas no Rio durante o último quarto do século XIX.

O fim de século brasileiro é marcado pela influência de movimentos e discussões intelectuais mais consistentes, como podemos perceber pela atuação da chamada “geração de 1870”, comprometida duplamente com um reformismo tanto no mundo das ideias quanto na política, como propõe Ângela Alonso (2000). Alonso destaca também que, apesar dos claros intercâmbios intelectuais entre a geração de 1870 e correntes de pensamento europeias, como o positivismo e o darwinismo, considerar esses indivíduos como meros reprodutores leva à uma compreensão simplista de sua atuação e impacto no cenário intelectual brasileiro do período, uma vez que são observáveis esforços potentes de reelaboração conceitual.

A noção de progresso social, incorporada por esses intelectuais como tentativa de diferenciação da tradição monárquica, presume “desenvolvimento econômico; complexificação social; secularização das instituições; expansão da participação política; racionalização do Estado” (ALONSO, 2000, p.47), num pressuposto de que civilizar é modernizar, argumento esse que circula entre outras esferas, como a imprensa. Seguindo esse caminho, o conceito de desencantamento do mundo, de Max Weber, apresenta-se como uma boa complementação da discussão que envolve secularização, racionalidade e modernidade,

uma vez que proporciona um melhor entendimento dos impactos do “progresso” nas esferas mágica e religiosa. O desencantamento do mundo, para Weber, seria o processo de substituição do apelo “às forças misteriosas” (1982, p.165), comumente associadas à magia, por uma intelectualização da solução de problemáticas do mundo material, pautada agora em “meios técnicos e cálculos” (1982, p.165).

Retornando à leitura dos textos publicados no *Corsário Junior* e no *Carbonário* no início da década de 1880, podemos notar que, além do apelo às autoridades no intuito de coibir a cartomancia por se tratar de uma espécie de estelionato, os autores se pautavam nas ideias de progresso e civilização para alegar que tal tipo de serviço e, mais ainda, a recorrência do público a ele, não corresponde ao que se espera de uma sociedade moderna, como almejam ambos os periódicos. Nota-se como os argumentos se associam diretamente às ideias de modernidade e da necessidade de desencantar o mundo em prol de um genuíno progresso.

Conquanto tenham destinado considerável energia à proibição da “nova indústria” no Rio de Janeiro, a documentação revela que os anúncios e consultórios de cartomantes não paravam de se multiplicar. Mas o que leva as cartomantes a exercerem tamanha força sobre crédulos ou cétricos naquele contexto? Uma das possíveis respostas pode ser formulada a partir da afirmação de Georges Minois (2016) de que contextos de incerteza individual, social e política seriam impulsionadores de atividades envolvendo previsões. Como já dito anteriormente, mais do que uma eficácia comprovada das previsões, valoriza-se a capacidade de produzir respostas e que elas possam aliviar e levar à ação (MINOIS, 2016).

Pelo entrelaçamento essencial da cartomante com o momento presente, é impossível considerar que a cartomancia seja neutra e muito menos passiva. Prever é trabalhar com intenções por parte da cartomante e de quem a consulta, que certamente o faz com aspirações específicas em mente, afinal, é essencial à leitura das cartas que haja uma pergunta. A cartomancia, portanto, como diversas outras formas de predição, “não nos esclarece sobre o futuro, mas reflete o presente” (MINOIS, 2016, p.1) Sendo assim, o cotidiano e os acontecimentos permitem vislumbrar com mais clareza um dos possíveis porquês do sucesso das cartomantes no período.

Julgar que as pessoas frequentavam “casas de cartomante” apenas por ser uma moda efervescente, trazida pelos vapores franceses que aportavam no Rio, é uma afirmação um tanto quanto simples para uma questão que assume ares mais complexos tendo em vista a dimensão que a prática da cartomancia toma na cidade. O trabalho da cartomante necessita, invariavelmente, de um público, numa lógica que, a grosso modo, assemelha-se à máxima da

oferta e da procura. Nossa principal suposição sobre o sucesso da cartomancia é a de que os cartomantes poderiam responder a questões para as quais nem a religião e nem a razão lograram êxito em solucionar. Como salienta Minois, “a deusa Razão, apesar dos sarcasmos de seus servos, é impotente diante da cartomante” (2016, p.515).

Como já pudemos observar até então, o leque de atuação das cartomantes era bastante amplo, contradizendo a ideia cunhada, por exemplo, pela literatura (ver capítulo 2) de que elas se dedicavam basicamente aos assuntos do coração. Ao declarar em seu anúncio que é especialista em resolver fuga de escravos, por exemplo, A.V acessa um conjunto de preocupações que fazem parte do cotidiano da sociedade escravocrata brasileira, ou seja, a ameaça à propriedade, com a escapada dos escravizados, e o medo das insurreições de cativos, que poderiam gerar um “haitianismo” à brasileira (YOUSSEF, 2009).

A lei Eusébio de Queiroz (1850), que, ao menos no âmbito teórico, proibia o tráfico transatlântico de escravizados, e o aumento da pressão política do movimento abolicionista em meados de 1868 (ALONSO, 2015) acirram a preocupação da elite escravista com a força de trabalho. No Rio de Janeiro, o cenário mostrado pelo *Recenseamento do Brazil de 1872* revela que a maior parte de seus habitantes era livre, 490.087 indivíduos, sendo que dentre esse número 121.145 eram pardos e 57.715 pretos. Os escravizados, pardos ou pretos, correspondiam a 292.637 pessoas. No caso dos libertos, e até mesmo dos ingênuos<sup>17</sup>, a apreensão se dava também em relação à reescravização, sustentada pelo próprio estatuto jurídico (FLORENTINO, 2003). A inquietude em relação aos rumos do país assola toda a gente.

A doença, igualmente, fazia parte do dia a dia dos cariocas. Além de moléstias pulmonares, que figuravam entre o escopo de tratamentos oferecidos pelas cartomantes Rachel e A.V, a cidade do Rio enfrentou no início de 1850 uma epidemia de febre amarela. Entre explicações sobrenaturais, religiosas e científicas sobre o assunto, centenas de pessoas morreram em decorrência da febre. Para Chalhoub, os doutores estavam todos tomados pela “confusão e incerteza reinantes” (CHALHOUB, 1996, p. 71). Para os imigrantes, a situação parecia ainda pior, uma vez que eram as principais vítimas fatais da doença, que era pouco combatida pelo organismo dos estrangeiros.

Depois de um período sem significativas eclosões, entre 1873 e 1876 o Rio foi novamente assolado pela febre amarela. Se em 1850 a postura do governo imperial pode ser lida como pouco contundente em relação ao combate à doença, na década de 1870 trata-se de um problema de saúde pública (CHALHOUB, 1996). Com os impactos mais profundos da

---

<sup>17</sup> Definição jurídica para caracterizar filhos de escravizados que, ao nascer, já eram considerados livres.

proibição do tráfico transatlântico e as problemáticas decorrentes da importação ilegal de escravizados, a elite escravista enxerga nos imigrantes a possibilidade de suprir a escassez de mão de obra e, segundo Chalhoub, “suavizar - por assim dizer - a transição do trabalho escravo para o trabalho ‘livre’” (1996, p.89). Ser imigrante na Corte nesse período envolve, portanto, o temor da peste, as incertezas sobre a nova terra e ainda as complexas relações de trabalho tecidas naquele contexto<sup>18</sup>.

Além de todas essas circunstâncias de ordem mais geral, não podemos nos abster de observar as microscópicas relações interpessoais, pautadas no amor, ódio, inveja, repulsa. O sofrimento pela devoção incorrespondida, a busca pelo culpado de injustiças cometidas, a descoberta de desafetos, o caminho para a resolução de intrigas...tudo isso poderá ser esclarecido, resolvido ou cuidado pela cartomante, que como salienta Josephina em seus anúncios, “faz descobertas de qualquer espécie” (JORNAL DO COMMERCIO, 1883, Ed.133, p.6).

Sendo assim, com base nas pontuações trazidas nos últimos parágrafos, dividimos com o leitor algumas de nossas principais suposições no que diz respeito ao motivo pelo qual, a despeito das maledicências jornalísticas, da censura religiosa e da atuação das autoridades, a cartomancia continua em plena efervescência na Corte. A partir das evidências encontradas na bibliografia e nos jornais analisados, tendemos a concordar com Minois em sua reflexão de que a penúria “favorece a procura de meios de predição, com a esperança de encontrar uma segurança reconfortante” (2016, p.214).

### **1.7. Breves conclusões sobre o capítulo**

Antes de adentrarmos nos assuntos do capítulo *O Mundo*, faz-se necessário amalgamar algumas conclusões sobre o que foi discutido n’*A Sacerdotisa*. A primeira delas é a compreender que as distinções que são criadas entre as próprias cartomantes e outros praticantes de atividades esotéricas, como as sonâmbulas, nos auxiliam a observar que não se pode falar de cartomancia e cartomantes na corte de forma homogênea. Seja pelas hierarquizações entre iniciadas e falsas profetisas tecidas por Hilda em *Espiritualismo* ou pelo uso do termo “casa de cartomante” como um termo pejorativo por Mme. Eugenie e Mme.

---

<sup>18</sup> Nesse contexto, o que se nota é que a principal forma de distinção entre o trabalho escravo e livre era a condição jurídica do trabalhador em questão, uma vez que são notáveis elementos de um ou outra forma de utilização da mão de obra nas relações de trabalho. Ver mais sobre os debates sobre a precariedade da liberdade e trabalho no século XIX em: LIMA, H. E. Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, v.6, n. 11, p. 289-326, 2005.

Elisa em relação à Rachel, é perceptível um esforço de particularização, que será utilizado tanto na promoção dos próprios serviços, mas igualmente como distintivo entre a cartomancia legítima e o charlatanismo.

Pudemos concluir também que as cartomantes se debruçavam sobre uma gama de atividades esotéricas e religiosas variada, oferecendo, em sua maioria, sessões de sonambulismo e quiromancia, apesar de todo o empenho das sonâmbulas para tentarem afastar suas ações daquelas exercidas por cartomantes-sonâmbulas. A venda de homeopantias e outros tipos de preparações com o intuito de curar moléstias, aliás, foi um recurso abundantemente utilizado pelas cartomantes A.V e Rachel ao longo de sua trajetória na Corte, o que, inclusive, foi densamente condenado pelos jornais e autoridades, resultando em uma maior vigilância na década de 1870, como revelado no abaixo assinado publicado por Rachel em 1878.

Os casos evocados demonstraram como era amplo o conjunto de demandas que poderiam ser levadas às cartomantes em busca de resolução ou esclarecimento. Das intrigas à fuga de escravizados, o âmbito de atividade da cartomante abrangia o social e o privado numa mescla entre as concepções de pitonisa e sibila. Falaremos melhor sobre o papel social exercido pelas leitoras de cartas posteriormente, porém, fica evidente que, ao contrário do que comumente se aferia, nem somente dos assuntos do coração tratava a cartomancia, engendrando igualmente situações um tanto quanto concretas, como roubos ou perdas materiais em geral.

A imprensa exerce um papel essencial como local de expressão das críticas e comentários sobre a cartomancia, fosse ela conectada com a religião, como o caso do *Cruzeiro do Brasil*, ou um periódico de grande nome e abrangência, como o *Jornal do Commercio*. Por meio de folhetins, publicações a pedido e outros meios, muitos indivíduos expressaram seu descontentamento com a escalada da “nova e inocente indústria” no Rio de Janeiro. Em seus argumentos, mesclavam-se o apelo aos bons costumes e a urgência de direcionamento da sociedade brasileira à modernização, ideia essa que constava já nas discussões de círculos intelectuais como a chamada geração de 1870. Simultaneamente, as publicidades das cartomantes continuam a ferver nas folhas diárias, demonstrando, na prática, que “a deusa Razão, apesar dos sarcasmos de seus servos, é impotente diante da cartomante” (MINOIS, 2016, p.515).

## 2. O MUNDO: A CARTOMANCIA (E AS CARTOMANTES) CRUZAM O ATLÂNTICO

Para iniciar o segundo capítulo da dissertação, discorreremos brevemente sobre a carta d'*O Mundo*, 21º arcano maior do baralho de tarot. Na carta, uma mulher com o semblante sereno está circundada por uma grande guirlanda de folhas semelhantes ao louro, indicativo de boas-novas (JODOROWSKY e COSTA, 2016). As quatro figuras que se encontram nos cantos correspondem ao tetramorfo, que seria uma representação imagética da associação entre os quatro evangelistas bíblicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) e suas correspondências animais (HERNANDO, 2011).

**Figura 7. A carta *O Mundo* do baralho *Smith-Waite Centennial Tarot* (2013)**



Fonte: Pinterest

Segundo Alejandro Jodorowsky e Marianne Costa (2016, p.271), “O Mundo indica realização. (...) Essa carta também pode incitar a uma viagem: à descoberta do mundo no sentido literal do termo” (JODOROWSKY e COSTA, 2016, p.271). É a partir desse sentido interpretativo da carta, o de deslocamentos e percursos, que apresentaremos a seguir a temática deste capítulo.

O principal objetivo do capítulo 2 é discutir as relações entre o elemento estrangeiro e a cartomancia no Rio de Janeiro, compreendendo tanto a emigração das sujeitas que o compõem e as dinâmicas para se estabelecerem no Novo Mundo, quanto as influências europeias em diversas estratégias de promoção dos serviços. Aproveitaremos, igualmente, para refletir sobre a criação de uma imagem acerca das cartomantes que envolve estrangeirismo e astúcia, dentre outras características, veiculada especialmente pela literatura. Para tanto, analisaremos a representação da cartomante presente no conto *A Cartomante*, de Machado de Assis.

Analisaremos aqui textos e publicidades publicados nos periódicos *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* e *O Globo: órgão da Agência Americana Telegraphica*, assim como entradas no *Almanak Laemmert*, entre 1860 e 1882. Registros paroquiais da Diocese de Quimper e Léon (FRA) e da Paróquia N. Senhora da Luz (PR) também serão utilizados, além de documentos cartoriais presentes no Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Bacacheri (PR). Além disso, no subcapítulo sobre *A Cartomante*, será utilizado o conto escrito por Machado de Assis em 1884 e que foi publicado em 1896.

### **2.1. Algumas notas sobre imigração**

Como já introduzido anteriormente, a imigração esteve envolvida em duas problemáticas significativas que se desenrolaram antes e durante o período compreendido por esta dissertação: a gradual necessidade de substituição da força de trabalho cativa e as ideias de branqueamento da sociedade brasileira. Visto, a princípio e por alguns, como uma dupla solução, fantasiava-se sobre o “imigrante ideal e o tipo de condições que lhe deviam ser oferecidas a fim de que ele se fixasse no país e cumprisse com a sua suposta missão de introdutor e agente de progresso e civilização” (AZEVEDO, 1987, p.61). Entretanto, desde as primeiras experiências de proprietários de terras com o colonato alemão e suíço, essa ideia foi questionada pela prática, onde os imigrantes, por vezes, contrapunham-se ao exercício de suas funções devido às condições de trabalho.

A representação ideal, contudo, não abrangia europeus como um todo. Segundo Menezes (2013), havia no próprio continente europeu um discurso de inferiorização dos países ibéricos em relação a países da chamada “Europa ativa”, marcada pela industrialização e avanços tecnológicos. Nesse sentido, estipula-se ainda uma distinção entre a influência benéfica exercida na sociedade brasileira por ingleses e franceses, por exemplo, da portuguesa, uma vez que o país fazia parte da dita “Europa passiva” (MENEZES, 2013).



Correntemente, passou-se a chamar de “estrangeiro” o imigrante que não correspondia exatamente ao modelo ideal pela resistência ao cumprimento das atividades, ressaltando-o como um elemento exógeno ao sistema (MENEZES, 2013). Célia Azevedo ressalta que, por vezes, os ânimos entre patrões e trabalhadores imigrantes se acirravam pois os segundos alegavam não ter as aptidões necessárias para os ofícios do campo, uma vez que “tendiam mais para as atividades comerciais” (AZEVEDO, 1987, p.126).

Muitos irão buscar nas cidades seu sustento. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, “exerceu a atração de pessoas em busca de melhores condições sociais e de oportunidades no mercado em expansão, constituindo, assim, um verdadeiro mosaico de raças e de etnias distintas” (NICOLAU, 2018, p. 91). Nos jornais circulantes à época, era possível ver professores, comerciantes e diversos outros trabalhadores de origem europeia anunciando seus serviços em periódicos da Corte, destacando-se os franceses, como demonstra a densa pesquisa de Giselle Nicolau (2018) acerca da imigração francesa no Rio.

No que tange às mulheres, somavam-se outros tipos de problemáticas. No entanto, como apontam Lená Menezes e Maria Izilda de Matos (2017), a historiografia, ao se dedicar aos fenômenos migratórios, teve a tendência de relativizar a participação feminina nos processos de deslocamento, justificando tal prática pela parca expressividade no número de mulheres estrangeiras recém-chegadas ao Brasil segundo as estimativas oficiais. As historiadoras criticam tal perspectiva tanto pela visão generalista, que pouco considera as especificidades de cada fluxo migratório com direção às terras brasileiras, quanto por privilegiarem em suas análises trajetórias e práticas sob a perspectiva masculina.

Para as mulheres cujos maridos e filhos partiam em direção à América, as responsabilidades de manutenção financeira do lar se somavam às ocupações domésticas. Àquelas que deixaram a terra natal, sozinhas ou acompanhando seus familiares, em busca de melhores condições de vida, o destino também não foi mais gentil. Não era difícil observar na imprensa, tal como ocorria com os homens, mulheres imigrantes oferecendo seus serviços, a maioria ligada aos ofícios “femininos”. Na costura e na moda, destacavam-se as francesas (NICOLAU, 2018). Na assistência ao parto, além de mulheres francesas, as de origem alemã também tinham seus nomes constando na lista do *Almanak Laemmert* (BARBOSA, 2016).

Havia ainda quem atuasse em atividades ligadas aos conhecimentos esotéricos e espiritualistas. Como já mencionado, a imigração é uma das encruzilhadas que conectam muitas das cartomantes presentes nesse trabalho. Sendo forma única de sustento ou aliada na conquista de melhores condições de vida, principalmente o sonambulismo e cartomancia se

colocam enquanto alternativas possíveis de geração de rendimentos para mulheres recém-chegadas da Europa.

Como demonstra Michelle Veronese a respeito das sonâmbulas e magnetizadoras no Rio de Janeiro, esse tipo de práticas, “que transitavam entre o possível e o impossível, o natural e o sobrenatural” (VERONESE, 2017, p.119), representavam, simultaneamente, a possibilidade dessas mulheres se manterem financeiramente na Corte e de acessar um conjunto de conhecimentos que poderia alçá-las a um reconhecimento que rompe a esfera do mundo doméstico. Tal introdução ao âmbito público é notável tanto pelo próprio emprego de publicidades em grandes jornais com o intuito de propagandear os serviços, quanto pelas próprias discussões em torno do ofício e da figura das cartomantes na imprensa.

Ainda que algumas cartomantes ressaltassem que tinham à disposição dos clientes sonâmbulos nacionais, como o caso da já mencionada A.V ao citar o jovem Maximiliano<sup>19</sup>, o elemento estrangeiro somava maior valor às práticas desenvolvidas nos consultórios. Joana Montaleone, analisando a atuação de costureiras, mucamas e lavadeiras no Rio entre 1850 e 1920, ressaltou que “se a costureira ou o alfaiate fosse estrangeiro, melhor para os negócios”(MONTALEONE, 2019, p.9), pressuposto este que poderia ser facilmente aplicado ao caso das leitoras de cartas. Com essas questões em mente, partimos então para o primeiro subcapítulo, que visa atrelar nossas hipóteses acerca da tradição europeia, especialmente francesa, na cartomancia e alguns discursos empregados nos anúncios da cartomante Anna.

## **2.2. Mme. Anna e as cartomantes de importação**

Uma leitura sobre as influências estrangeiras na cartomancia praticada no Brasil precisa partir, necessariamente, de dois pontos. O primeiro deles consiste em considerar as imensas ebulições na seara das predições e práticas sobrenaturais que ocorreram na passagem do século XVIII para o XIX na Europa, especialmente no caso da França. A racionalização da vida e dos hábitos proposta pelo liberalismo não extingue, no entanto, o ímpeto de adentrar nos mistérios da existência. Como já apontado no capítulo 1, coexistem antigas e novas formas de se tentar prever o futuro, desvendar ações passadas e orientar o presente. Essas efervescências, naturalmente, não se fecharam em si mesmas, ou melhor, no continente europeu.

Um segundo apontamento essencial antes de continuarmos é levar em consideração as relações entre a França e o Brasil durante a segunda metade do século XIX. Tais

---

<sup>19</sup> Ver mais no subcapítulo 1.3. *Entre o Valete de Ouros e o Nove de Espadas: as práticas cartomânticas de A.V.*

enraizamentos da cultura francesa em terras tropicais podem ser compreendidos, por exemplo, pelas percepções de Norbert Elias acerca do conceito de *civilité*, ou civilidade. Segundo ele, no século XVIII, a burguesia ascendente francesa havia incorporado da sociedade de corte “as convenções de estilo, as formas de intercâmbio social, o controle das emoções, a estima pela cortesia, a importância da boa fala e da conversa, a eloquência da linguagem e muito mais” (ELIAS, 1994, p.52).

Considerada como um modelo político, intelectual e cultural de nação comprometida com o progresso e os princípios liberais pelas elites brasileiras, exporta-se da França também o apreço ao que é tido como civilizado<sup>20</sup>. Marcio Pereira (2009), ao analisar as presenças culturais francesas no Brasil, ressalta as constantes viagens de indivíduos mais abastados à França a fim de complementar suas bases educacionais, bem como a vinda de diversos intelectuais franceses para coordenarem instituições educacionais no Brasil. No que diz respeito, por exemplo, à moda, autores como Everton Barbosa (2019) chegam a utilizar o termo transferência cultural para caracterizar a influência francesa nos modos de vestir veiculados por periódicos cariocas voltados ao público feminino na segunda metade do século XIX, como o *Jornal das Senhoras*.

As duas contextualizações são essenciais para compreender o porquê de constantes menções à terra natal ou aos métodos europeus encontradas nas publicidades de cartomantes. Articula-se então uma tradição no ofício desenvolvido, fundamentada pela intensa retomada do tema da predição na vida cotidiana na França do início do Oitocentos, bem como pelo desenvolvimento de *séances* mediúnicas e de estudos ocultistas e o apreço enraizado na sociedade brasileira por tudo aquilo que era importado do país europeu.

A cartomancia na França assume durante o século XIX contornos mais intelectuais, com a publicação de longos ensaios pelos próprios praticantes acerca do ofício, como é o caso de *Justification des sciences divinatoires* (1847), de Mlle. Lelièvre, e a constante presença de escritores, literatos e pensadores nos consultórios de cartomantes (MINOIS, 2016). Nesse sentido, o argumento de que a leitura de cartas possuía um conjunto específico de conhecimentos e métodos documentados, e que era sustentada como prática coerente por membros da camada intelectual da sociedade francesa, por exemplo, pode igualmente ser aplicado pelas cartomantes “de importação” para legitimar sua atuação na Corte.

Constatar se, de fato, todas as mulheres que se diziam europeias efetivamente o eram não se coloca como uma possibilidade na pesquisa devido à escassez de dados e

---

<sup>20</sup> Para maiores discussões sobre as diferenças entendidas entre o conceito de civilizado e civilização, ou seja, *civilité* e *civilisation* ver ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, v 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

problemáticas relativas ao acesso a arquivos na pandemia. Entretanto, é um exercício interessante observar de que forma algumas delas evocaram a herança francesa como uma forma de sobressaírem em relação a outras cartomantes, especialmente na década de 1870, quando o fluxo de anúncios na grande imprensa se eleva.

Além da já citada Mme. Rachel, dita “sybilla de Pariz” (JORNAL DO COMMERCIO, 1864, Ed. 308, p.3), encontramos menções mais sofisticadas em relação à tradição francesa. Na edição de 10 de outubro de 1870 do *Jornal do Commercio* lemos:

Mme. Anna, chiromante e cartomante, discipula do celebre professor Desbarolly e de Mlle. Lenorman, dá consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 6 da tarde: para chiromancia 25\$, cartomancia 2\$ e 5\$: no becco da Torre n.7 , 1º andar. (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed.279, p.3)

Por Desbarolly compreendemos Adrien Adolphe Desbarolles. Desbarolles era um pintor e litógrafo parisiense, bem como amigo próximo do escritor Alexandre Dumas, como demonstram uma série de correspondências entre os dois disponíveis em diversas edições do *Le Mousquetaire*, diário impresso de Dumas que era vendido diariamente em Paris entre 1853 e 1857<sup>21</sup>. Considerado o “Grand Maître” da quiromancia, Desbarolles publicou alguns livros como o *Les mystères de la main* (1859), com edições reimpressas até a contemporaneidade, e *Almanach de la main pour 1867* (1867), ambos com cópias disponíveis integralmente no site da *Bibliothèque nationale de France* (BnF).

Como muitos dos praticantes de artes divinatórias, o “grande mestre” da quiromancia também sofreu com a ironia e o escárnio de cétricos. Em um das gravuras de uma série denominada *Ces Bons Parisiens*, ilustrada por Honoré Daumier e publicada na revista ilustrada francesa *Le Charivari* em 1860, observamos uma mulher com um livro de quiromancia aberto, provavelmente um exemplar do *Les mystères de la main*, apontando para uma de suas ilustrações. O homem ao seu lado, que, posteriormente, descobrimos ser seu marido, está assustado.

### **Figura 8. Gravura da série *Ces Bons Parisiens* (1860)**

---

<sup>21</sup> Para acessar na íntegra as edições do *Le Mousquetaire*, acessar o acervo do projeto Alexandre Dumas, organizado pela *École normale supérieure de Lyon* (ENS-Lyon), pelo link: <https://alexandredumas.org/> (Acesso em: 02/07/21).



**Fonte:** *Le Charivari*, 30/01/1860. Disponível em: <http://bir.brandeis.edu/handle/10192/3668> (Acesso em: 02/07/21)

Na legenda, lemos “- Ah! Théophile...estou aprendendo coisas lindas sobre você ... segundo o livro de Monsieur Desbarolles, vejo que você tem nas mãos a linha da devassidão! - Ah! Bah...”. A gravura faz uma leitura cômica chamando a atenção para os possíveis embaraços decorrentes dos prognósticos realizados pela quiromancia. Daumier, que era conhecido em seu tempo pelas caricaturas políticas, não poupou em sua série *La Fluidomanie* as zombarias sobre o grande frenesi da sociedade francesa em relação ao fenômeno das mesas girantes e o sobrenatural como um todo, cunhando o próprio conceito de “*fluidomanie*”, ou seja, fluidomania<sup>22</sup> (PIERSSSENS, 2007, p.76).

Feitas as considerações acerca de Adolphe Desbarolles e sua atuação na França, passemos então à Mlle. Lenormand. Tendo inclusive seu nome utilizado em baralhos<sup>23</sup>, como o já citado *Pythonisa de Pariz*, Marie-Anne Adélaïde Lenormand fazia horóscopos pessoais, previa o futuro com “borra de café, clara de ovo, chumbo derretido, linhas da mão, gotas de água despejadas sobre um espelho de Veneza, adivinhação pelo nome, jogo de 33 figurinhas jogadas dentro de um triângulo” (MINOIS, 2016, p.532).

<sup>22</sup> Fluido aludindo ao conceito de fluido magnético pensado por Franz Mesmer e pelo Marquês de Puységur. Ver mais em DARNTON, Robert. *Mesmerism and the End of the Enlightenment in France*. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

<sup>23</sup> Além do exemplar *Pythonisa de Pariz*, a terminologia “baralho Lenormand” tem sido utilizada frequentemente para designar baralhos do tipo cigano (composto por apenas 36 cartas e com simbologias diferentes das apresentadas pelo tarot), embora não existam indícios concretos que apontem para uma conexão entre a cartomante e o baralho. Ver mais em: RIEMMA, Constantino K. *Baralho Lenormand - Baralho Cigano*. Disponível em: [http://www.clubedotaro.com.br/site/h23\\_19\\_lenormand.asp](http://www.clubedotaro.com.br/site/h23_19_lenormand.asp) (Acesso em: 26/08/22).

Tendo afirmado que constavam entre seus consulentes figuras como Robespierre, Marat e Maria Antonieta, a *mademoiselle* cunha sua fama e inclusive publica alguns livros, como *Souvenirs prophétiques d'une sibylle* (1814) e, em 1798, a *Le mot à l'oreille ou le Don Quichotte des dames*, revista que poderia ser assinada pelo público (MINOIS, 2016). Diferente do ocorrido com Desbarolles, Lenormand acabou presa em maio de 1794 sob as acusações de leitura da sorte e perturbação da ordem pública (MINOIS, 2016).

Diferentemente do que encontramos no Brasil até a edição do Código Penal de 1890, em 1791, a França já buscava coibir as práticas divinatórias no interior do país. O Código Penal francês de 1810 realizava um adendo ao decreto anterior: punição com multa de 10 a 15 francos para os que fizessem adivinhações e prognósticos. Em 1853, os regulamentos policiais ainda estimulavam a prisão dos que faziam das leituras de futuro uma profissão (MINOIS, 2016).

Solta em julho de 1794, Mlle. Lenormand continuou livremente a oferecer seus serviços e publicar textos, apesar de ser constantemente vigiada pela polícia parisiense sob a suspeita de participar de diversos complôs contra figuras importantes (MINOIS, 2016). Sua trajetória como sibila, marcada por diversas polêmicas, certamente inspirou outras mulheres a seguirem o mesmo caminho.

Nesse sentido, podemos finalmente retornar à Mme. Anna, do outro lado do Atlântico. Não possuímos mecanismos para verificar se a informação de ser uma discípula de Desbarolles e Lenormand é verídica. No entanto, nos interessa compreender como a cartomante evoca tais nomes, apesar de alguns erros na grafia, como forma de validação ao trabalho que começava a desenvolver na Corte em 1870. Fazemos antes um breve exercício para observar a circulação das ideias e das próprias pessoas dos dois ocultistas nas folhas dos periódicos publicados no Rio entre 1860 e 1879.

No caso de Desbarolles, encontramos poucas menções nos impressos, nacionais e franceses. Em 1878, num texto chamado “Uma visita a Alexandre Dumas”, publicado anonimamente na seção “Variedades” do *Jornal do Commercio*, Adolphe Desbarolles foi citado como o principal responsável por fascinar Dumas com a quiromancia, afirmando ainda que se trata de uma prática “contagiosa” (JORNAL DO COMMERCIO, 1875, Ed.145, p.4).

Desbarolles aparece novamente nas variedades do *Jornal* no ano de 1878, citado em “As mãos”, de autoria anônima, onde o autor comenta sobre a simpatia que tem em relação à “sciencia de Desbarolles”, por acreditar que as mãos representam “a synthese de todos os poderes da humanidade” (JORNAL DO COMMERCIO, 1878, Ed.17, p.2). Não há nenhuma

menção no período à venda de exemplares de *Les mystères de la main* ou qualquer outra obra do quiromante nas livrarias da Corte.

O nome de Mlle. Lenormand esteve presente mais vezes nos jornais, na maioria das vezes sendo citada por conta das publicidades envolvendo o baralho “A Pythonisa de Pariz”. Em 1870, num dos trechos de “Ecos de Paris”, texto publicado pelo *Diário*, Thomas Grimm comentava sobre as previsões relacionadas a Napoleão feitas por Nostradamus<sup>24</sup> e o posterior reinado de seu sobrinho, Luís Bonaparte. Mlle. Lenormand, chamada de “feiticeira” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1870, Ed.168, p.3) por Grimm, foi mencionada como a responsável por revelar à imperatriz Josephine, a partir dos escritos de Nostradamus, o destino do cônjuge. Minois aponta que Josephine havia visitado Lenormand antes da ascensão de Napoleão, tendo dito à futura imperatriz que ela “representaria o mais belo papel na França” (2016, p.532).

Tais indícios não nos permitem afirmar que os leitores e leitoras do *Diário* e do *Jornal do Commercio*, periódico em que Mme. Anna anunciava, conheciam plenamente o trabalho de Lenormand e Desbarolles. Porém, a partir dos próprios trechos evocados, é possível assumir que os mais interessados no ocultismo e em práticas esotéricas já tivessem topado com o “Grand Maître” e a “feiticeira” pelas páginas dos jornais, trazendo assim autoridade às atividades desenvolvidas no Becco da Torre, n.7. No caso do público totalmente leigo no assunto, mas mesmo assim ávido pelas descobertas sobre o futuro, o enunciado do anúncio era igualmente atraente, dessa vez pelo elemento estrangeiro.

Mais tarde, em julho de 1872, Anna mudou-se para a Rua do Cotovelo, n.29. Automeando-se “celebre e distinta cartomante e sybilla” (JORNAL DO COMMERCIO, 1872, Ed.198B, p.1), ela afirmava que possuía no novo endereço alguns bons cômodos a serem alugados para homens do comércio. Em 1874, já estabelecida em outro local, no primeiro andar da Rua da Assembleia, n.82, ela faz saber aos leitores do *Jornal do Commercio* que agora dava lições de cartomancia (JORNAL DO COMMERCIO, 1874, Ed. 278, p.1). A discípula se transformava também em professora para os que desejavam adentrar no oculto.

Apesar da predominância francesa, a cartomancia igualmente era elo entre mulheres de diversas outras nacionalidades que aportaram no Brasil. Nos anúncios da cartomante Olivia Amois, por exemplo, que residia à Rua da Uruguaiana, constava que sua nacionalidade era espanhola (JORNAL DO COMMERCIO, 1888, Ed.260, p.6). A jovem Carmelita igualmente

---

<sup>24</sup> Nostradamus (1503-1566) foi um astrólogo e vidente francês cujas profecias, especialmente as presentes no seu almanaque *Centúrias* (1555), supostamente previram acontecimentos como a Revolução Francesa e a ascensão de Hitler.

se apresentava como natural da Espanha (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed. 187, p.3). Mme. Hilda, citada no primeiro capítulo, era chamada de “sybilla americana” (JORNAL DO COMMERCIO, 1865, Ed. 303, p.2). A russa Mme. Campet oferecia seus serviços entre 1876 e 1877 pela quantia de 1\$000.

### **2.3. Deitar cartas é um negócio de família: Mme. e M. Potier**

Em 21 de novembro de 1860, Mme. Potier publicava seu primeiro anúncio nas páginas do *Jornal do Commercio*. Uma das primeiras a utilizar a imprensa diária do Rio de Janeiro como forma de publicizar seus serviços de cartomancia, Potier comunicava no pequeno texto que havia retornado recentemente de uma viagem à Paris e que continuava dando consultas. Além da cartomancia, oferecia a possibilidade do usufruto de uma “machina elétrica” que curava moléstias através de seus choques (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.322, p. 4). Diferentemente de outras leitoras de cartas que anunciavam no período, ela oferecia aos consulentes inclusive a comodidade de serem atendidos em suas residências (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.21, p. 3.)

Antigamente moradora à Rua do Cotovelo, n.9, a cartomante fez questão de ressaltar que mudou de endereço após a visita ao continente europeu, passando a atender no sobrado da rua da Misericórdia, n.98 (JORNAL DO COMMERCIO,1860, Ed.302, p.4). Depois de poucos meses, no entanto, as publicidades da madame desapareceram da imprensa. O hiato foi rompido somente no ano de 1867, quando Potier anuncia que, por motivos de viagem, havia se ausentado da Corte, mas que dali em diante a clientela poderia se dirigir à rua da Assembleia, n.62 caso desejassem se consultar com ela (JORNAL DO COMMERCIO, 1867, Ed.326, p. 4). Nesse segundo período de atuação, ressaltava em suas publicidades que era a “primeira cartomante do Rio de Janeiro” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed.219, p. 2).

Em 28 de abril de 1870, Mme. Potier fazia saber ao público que “mudou-se para a rua de S.José, n.45, sobrado, onde continúa a dar consultas” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1870, Ed.116, p.4). A mudança de endereço veio acompanhada de outras novidades. Em agosto do mesmo ano, um homem sob a alcunha Monsieur Potier comunicava no *Diário do Rio de Janeiro* que tinha “a honra de participar que acaba de receber da senhora sua mãe, trabalhos todos particulares sobre cartomancia” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1870, Ed. 216, p. 4) salientando que o endereço era o sobrado da Rua de S. José, n.45.

Ao que tudo indica, a cartomante esteve afastada do ofício, legando temporariamente ao filho seus “trabalhos todos particulares”, devido a questões médicas. Em um anúncio de 02



de janeiro de 1872, a madame dizia que “achando-se melhor de saúde, continua a dar consultas, na rua de S.José, n.45, sobrado” (JORNAL DO COMMERCIO, 1872, Ed.2, p.4). De fato, após esse comunicado de retomada das atividades, os anúncios envolvendo o M. Potier somem da imprensa, dando lugar aos da mãe. No final de setembro de 1872, Potier filho volta a publicar anúncios na Corte.

Em 1873, durante o mês de setembro, encontramos publicidades simultâneas de mãe e filho, o que indica que ao menos em um determinado momento da atuação dos dois na Corte, os atendimentos no sobrado da Rua de São José eram praticados concomitantemente. O monsieur assumiu os serviços oferecidos no sobrado entre outubro e dezembro do mesmo ano, em virtude da viagem da mãe, que foi descoberta posteriormente em anúncio de dezembro de 1873, quando a cartomante ressaltava que já se encontrava disponível para ser consultada novamente no sobrado (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1873, Ed. 344, p.4). Após 1875, o nome de Mme. Potier desaparece dos jornais, permanecendo atuante, no entanto, o filho, que além da cartomancia, praticava a quiromancia (JORNAL DO COMMERCIO, 1876, Ed. 195, p.6).

Além de transmitir seus conhecimentos para o filho, Mme. Potier também foi citada por uma outra cartomante da Corte como uma espécie de mentora no ramo da cartomancia. Mme. Augusta, como era chamada, dizia que “sucessora de Mme. Potier, a quem comprou e pagou a freguezia de cartomancia, continúa a estar sempre na rua da Misericórdia, n.98” (JORNAL DO COMMERCIO, 1867, Ed.332, p.4). Em 1877, novamente Augusta ressaltava que era sucessora da “antiga e afamada Mme. Potier” (JORNAL DO COMMERCIO, 1877, Ed.200, p.6).

A ideia de legado esteve presente como forma de ressaltar uma tradição na cartomancia, ou melhor, a garantia de oferecer leituras de cartas que correspondessem à expectativa dos consulentes e fossem acuradas. Como já dito anteriormente, as cartomantes e seu público não devem ser compreendidos de maneira particularizada, uma vez que a oferta dos serviços esteve diretamente ligada às necessidades e curiosidades daqueles que procuravam essas mulheres. Nesse sentido, ao recorrer à menção de legados positivos já conhecidos pelo público, como no caso de Mme. Augusta ao se referir à Potier, busca-se gerar uma garantia de que o consulente não estaria perdendo seu dinheiro com cartomantes charlatães.

No caso de Mme. Augusta, nota-se inclusive que a mulher comprou uma “freguezia de cartomancia”, que nesse caso corresponderia ao espaço para os atendimentos. Para recordarmos, Mme. Potier atuou na Rua da Misericórdia, n.98 em 1860, endereço que consta

inclusive em seu único registro no *Almanak Laemmert*, em 1863 (ALMANAK LAEMMERT, 1863, Ed.20, p.1538), mesmo lugar ocupado por Augusta entre 1867 e 1877. Apesar de outras cartomantes terem utilizado menções ao legado como forma de promoção, como veremos mais adiante, o caso de Augusta e Mme. Potier é o único onde é mencionada a venda de uma “freguezia de cartomancia”.

Diferentemente da maioria das cartomantes presentes nesse trabalho, pudemos traçar com maior precisão quem era Mme. Potier. Analisando textos na imprensa onde fossem mencionados tanto mãe quanto filho, descobrimos na seção de negociantes de drogas do *Almanak Laemmert*, no ano de 1881, um homem chamado Estienne Potier, cuja loja estava sediada na Rua de São José, n.45 (ALMANAK LAEMMERT, 1881, Ed.38, p.868). Seriam então Monsieur Potier e o negociante Estienne Potier a mesma pessoa?

A procura por maiores informações acerca de Estienne nos periódicos da Hemeroteca Digital surtiu rarefeitos resultados. Um deles, porém, destacou-se. Em uma publicação d' *O Globo: órgão da Agência Americana Telegraphica* em 1875, foi encontrada uma proclama de casamento onde constava o requerimento de Narcizo Estienne Potier, viúvo, e Maria Henriquet Rimbes (O GLOBO: ORGÃO DA AGÊNCIA AMERICANA TELEGRAPHICA, 1875, Ed.247, p. 1.)

A descoberta de um possível nome completo do negociante favoreceu a expansão das investigações para outros tipos de documentação, optando-se então pelo exame de algumas certidões contidas no acervo da plataforma *Familysearch* e que poderiam revelar mais sobre a família Potier. No livro de casamentos da Diocese de Quimper e Léon (FRA), no ano de 1859, encontramos o registro de casamento de Narcisse Estienne Potier e sua primeira esposa, Louise Ramonet (QUIMPER, Diocèse de Quimper et Léon, *Registre des actes de mariage*, 1859, v.43, registro n° 93).

No ano seguinte, nasceu o primeiro filho do casal, Jules Marie (QUIMPER, Diocèse de Quimper et Léon, *Registre des actes de baptême*, 1860, v.16, registro n° 116). Potier e Ramonet tiveram mais três filhos, Augustine Melanie (1862), Victor Narcisse (1864) e Joséphine Julia (1865). As duas meninas morreram com poucos dias de vida, como apontam as certidões de óbito contidas nos registros de falecimento da Diocese.

Além das informações sobre Narcisse, o registro matrimonial permitiu descobrir a identidade da mãe do noivo, algo de suma importância se considerarmos a hipótese de que mãe e filho eram os cartomantes Potier. Magdelaine Victoire Puisseux e Joseph François Potier constavam como os progenitores. Um outro fato interessante é observar que uma das testemunhas do matrimônio era Jean Jules Puisseux, que mais tarde descobrimos ser filho de

Magdelaine com um outro homem (QUIMPER, Diocèse de Quimper et Léon, *Registre des actes de mariage*, 1865, v.11, registro n. 152) e, portanto, meio-irmão de Narcisse Estienne. Jean Jules inclusive é o padrinho do primeiro filho de Louise Ramonet e Potier (QUIMPER, Diocèse de Quimper et Léon, *Registre des actes de baptême*, 1860, v.16, registro n.116).

As menções à Magdelaine Victoire Puiseux no acervo diocesano de Quimper se restringem aos registros de casamento de seus dois filhos. Migrando mais uma vez para a Hemeroteca Digital, entretanto, encontramos uma Magdalena Victoria Potier envolvida em um agravo de petição movido por Guilherme Midosi em 1863 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1863, Ed.169, p. 2). Além do aportuguesamento dos nomes, nota-se que a mulher passa a assinar com Potier e não mais Puiseux.

Outros fatores ajudam a endossar a hipótese de que Magdelaine era Mme. Potier. Em 13 de agosto de 1860, na seção “Movimento do porto” do *Diário do Rio de Janeiro*, constava a chegada do navio *Reine du Monde*, que aportou no Rio vindo da cidade de Havre, na França. Uma das passageiras do navio era a francesa Mme. M. Potier (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1860, Ed.201, p.2). Se recordarmos, os primeiros anúncios empregados pela cartomante Mme. Potier na imprensa datam de novembro do mesmo ano. A conexão entre os dois eventos, a chegada da francesa e os anúncios na imprensa, é enlaçada quando descobrimos que, em setembro de 1860, o “sobradinho com duas salas, dous quartos, cozinha e terraço” da rua da Misericórdia, n.98 estava para alugar (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.247, p.4). Alguns poucos dias depois, o comunicado sobre o aluguel some da imprensa, possivelmente pela chegada de uma nova moradora, já nossa conhecida.

O legado da madame não se deu somente no âmbito da cartomancia, com a atuação de Monsieur Potier. Novamente adentrando nas documentações presentes na plataforma *Familysearch*, encontramos o registro de casamento de Victorio Narcizo Potier, cujos pais eram Estevão Potier e Luísa Ramonet, com Leocádia Adelaide Carrão, em Curitiba (CURITIBA, PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ Paróquia Nossa Senhora da Luz, Registros de casamento, ano 1887, f. 65). Ao que tudo indica, trata-se de Victor Narcisse, filho de Narcisse Estienne Potier e neto de Magdelaine Victoire Puiseux.

Já em 1915, Maria Dimithildes da Conceição solicitava a retificação do registro de nascimento de seu filho legítimo com o marido, o já falecido Júlio Maria Potier (CURITIBA, Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Bacacheri, ano 1915, nº36753). Se recordarmos, o primeiro filho do casal Ramonet-Potier se chamava Jules Marie. No registro, lê-se que os avós paternos de Miguel, filho do casal, eram Etienne Potier e Luiza Emilia Potier. Sabe-se ainda, que Júlio Maria atuou no Exército (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1877,

Ed.356, p.1) constando em seu registro de óbito, em 1911, que era capitão reformado (CURITIBA, CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS DE BACACHERI, ano 1911, registro de óbito nº18231)

No que diz respeito a comentários na imprensa, M. Potier, diferentemente de sua mãe, foi citado algumas vezes em textos condenatórios sobre a cartomancia. Em 30 de agosto de 1882, por exemplo, um autor como pseudônimo “O vigilante” dizia:

Sr. Dr. Chefe de Policia fique V. Ex. sciente de que n’esta rua n.45 - ha um francez, cartomante, que exerce a medecina, e dá consultas por dinheiro, sem diploma habilitação. Queira V. Ex dar as devidas e necessariass providencias a bem da moralidade e interesses de social (CORSARIO JUNIOR, 1882, Ed.25, p.2).

Apesar de formalmente não possuir o registro para prescrever medicações e diagnosticar moléstias, que era concedido à época pela Academia Imperial de Medicina, Potier exerceu o cargo de enfermeiro marítimo na França, como aponta o registro batismal de sua filha, Augustine Melanie (QUIMPER, Diocèse de Quimper et Léon, 1862, v.18, registro nº175). Ainda que alvo das críticas do pasquim *Corsario Junior*, M. Potier continuou atendendo, até a década de 1880, tanto os que o procuravam desejando os medicamentos no depósito de drogas, quanto os que ambicionavam uma consulta de quiromancia ou cartomancia.

#### **2.4. A Sacerdotisa e o “Bruxo do Cosme Velho”: as cartomantes pelo olhar de Machado de Assis**

As reflexões sobre cartomancia e imprensa no século XIX inegavelmente remetem a um conhecido conto da literatura brasileira, de nome *A Cartomante*, publicado por Machado de Assis em 1884, no periódico *Gazeta de Notícias*. O conto posteriormente foi reunido a outras produções do autor na coletânea “*Várias Histórias*”, lançada doze anos depois. Fazemos então um breve resumo sobre a temática da obra e do porquê de sua importância para compreender as problemáticas levantadas nesta dissertação.

A narrativa se desenvolve no ano de 1869. Envolvida em um triângulo amoroso do qual fazem parte seu marido, Vilela, e o melhor amigo de infância deste, Camilo, Rita vive os dilemas e angústias de um casamento infeliz e, mais ainda, o frequente estado de apreensão por medo de que seu caso extraconjugal viesse a ser descoberto pelo marido. É nesse momento que a mulher decide procurar uma cartomante, residente na Rua da Guarda Velha, para sanar suas questões sobre o assunto.

Pouco tempo depois, uma série de cartas anônimas começa a assustar Camilo e Rita, pois o autor afirmava que sabia do relacionamento extraconjugal. Assustados, os dois buscam maneiras de despistar o anônimo. As visitas de Camilo ao amigo e à amante se reduzem, Rita sugere levar a carta recebida por Camilo para comparar às suas e a aflição aumenta à medida que cada vez mais Vilela se mostra com o semblante severo.

Em um dia, Camilo recebe um bilhete de Vilela pedindo que fosse à sua casa e, diante de toda a inquietação provocada pelas cartas anônimas, resolve ir à casa da cartomante, ainda que cético. De lá, sai convicto de que tudo não passava de suspeitas infundadas e não se demora a ir encontrar Vilela. Porém, ao chegar, se depara com Rita morta e ele mesmo acaba por ser morto pelo marido traído no fim da narrativa.

Para se analisar historicamente *A Cartomante*, nos parece adequado adotar a perspectiva da dupla historicidade utilizada por Sidney Chalhoub (2003) ao analisar o livro *Helena*. Assim como no romance, escrito em 1876, porém situado em 1850, o conto encarna diferentes temporalidades. É nesse ponto que a articulação dos escritos literários com outros tipos de fontes históricas se revela uma necessidade para buscarmos compreender as impressões de Machado sobre sua época.

Do lado literário, a trama do conto se desenrola em novembro de 1869. Analisados os jornais da década de 1860, percebe-se que se tratava de um período onde o número de cartomantes oferecendo seus serviços era considerável. Foi entre 1865 e 1869, por exemplo, que encontramos interessantes eventos envolvendo cartomantes na Corte, como a publicação dos já mencionados textos de Hilda (1865), o roubo de brilhantes “solucionado” por A.V (1868) e as problemáticas de Rachel com as sonâmbulas (1869).

Por outro lado, durante a década de 1880, verifica-se um movimento de continuidade sobre a temática da cartomancia na sociedade carioca. As publicidades de algumas cartomantes como Josephine e Cecília adquirem frequência praticamente diária no *Jornal do Commercio* e as críticas contra a cartomancia adquirem contornos mais contundentes. De meras charlatãs, as cartomantes começam a ser enxergadas como ameaças reais aos bons costumes e à saúde pública.

A figura da cartomante encarna a preocupação de intelectuais, médicos, religiosos e das autoridades durante o final do século XIX. Machado evidencia que tanto o deslumbramento de Rita quanto a contradição de Camilo ao visitar a cartomante são aspectos relevantes para compreender a dimensão da influência de tais práticas no cotidiano da cidade. Podemos encontrar paralelo, por exemplo, na peça *O erro pelo erro*, citada anteriormente no capítulo 1, onde o advogado Paulo resolve visitar uma cartomante para resolver seus dilemas

de amor e é censurado pelo amigo, o médico Augusto. Ou seja, crédulo ou cético poderiam igualmente ser atraídos pelo fascínio das sibilas.

Além de evidenciar o aspecto do ceticismo, a construção da cartomante no conto perpassa por elementos que merecem atenção por ressoarem com características das leitoras de cartas de “carne e osso”. A personagem machadiana é descrita como “uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos” (ASSIS, 2013, p. 11). A relação entre a ficção e a realidade é perceptível se notarmos, como já discutido nos subcapítulos anteriores, a influência que as estrangeiras possuíam quando se tratavam das cartas, tanto pela ideia de tradição quanto de credibilidade ante à clientela.

Nos assuntos conversados entre Camilo e a cartomante, percebe-se conexão imediata com diversas temáticas já observadas nos jornais. Após as primeiras afirmações, dizendo que Camilo estava preocupado e gostaria de saber se o desfecho da visita ao amigo seria pessimista, a cartomante se debruça sobre conteúdos identificáveis na seara de atuação das cartomantes reais: inveja e despeito de uns, afeto incondicional por parte da amada. Cria-se, portanto, um cenário onde o amor subjugaria qualquer problemática, vaticínio final dado pela cartomante ao consulente.

A personagem delineada pelas linhas e entrelinhas do conto de Machado de Assis não seria, desta forma, a personificação de uma mulher em especial, mas sim um retrato de práticas e características comuns do ofício e do que era ser uma cartomante, fosse em 1869 ou em 1884. Até mesmo o endereço da cartomante se assemelha aos de suas contemporâneas de fora do papel: Rua da Guarda Velha, logradouro onde atuaram A.V e mais dois cartomantes não identificados durante as décadas de 1870 e 1880.

Dario Neto (2012), analisando o conto sob a perspectiva da literatura e das tragicomédias gregas, propõe uma interessante interpretação para o desfecho trágico da história de Camilo e Rita sob a perspectiva da cartomante. Para ele, a responsabilidade pelo desfecho não é do destino, que teria escapado às vistas da cartomante, mas sim dos descuidos de Rita e Camilo. Dela, por ter levado à própria casa as cartas recebidas por Camilo para comparar com as que recebeu. Dele, por ter, na tentativa de despistar a atenção do amigo, tornado a relação de ambos distante e fria, o que causa desconfiança em Vilela.

Nesse sentido, o argumento é de que a proposta de Machado busca consolidar um “esvaziamento do significado transcendente, tanto no papel da sibila quanto no do destino, como também ocorre a vulgarização da causalidade que motiva a catástrofe” (NETO, 2012, p.179). Demonstra-se também como, diferentemente do que ocorre em narrativas como *Édipo*

*Rei*, o espaço ocupado pelo oráculo se transforma numa lógica “em que o sagrado se transforma em mercadoria de consumo” (NETO, 2012, p.178).

Os assuntos ligados ao sobrenatural e ao destino continuaram caros a Machado no início do século XX. Em 1904, o escritor publica o romance *Esau e Jacó* pela Livraria Garnier. Em uma das primeiras passagens da obra, Natividade, mãe dos gêmeos Pedro e Paulo, protagonistas da trama, visita juntamente com sua irmã uma cabocla que vivia no Morro do Castelo. A mulher, que fazia previsões, afirmou à Natividade que uma grande rivalidade iria marcar a relação entre os dois meninos para o resto de suas vidas, apesar de constar no destino de ambos que seriam grandes homens.

Em *Esau e Jacó*, distintivamente do que ocorre em *A Cartomante*, o vaticínio estava correto e é possível apreender que as semelhanças entre os gêmeos se reduziram às aparências. O ápice das indisposições se dá quando os dois se apaixonam por Flora, que, por caprichos do destino, igualmente se apaixona por Paulo e Pedro. A indecisão da moça persiste até seu leito de morte, onde pede aos dois irmãos para que prometam à ela se tornarem amigos. Por um tempo a promessa é cumprida, porém, logo as rivalidades afloram novamente e demonstram que o vaticínio da cabocla anos antes estava correto.

O tratamento dado por Machado de Assis a esses assuntos, salientando-se novamente suas percepções sobre cartomancia, ressoa alguns dos princípios do Realismo literário. Tal qual as produções de Honoré de Balzac, as obras machadianas exprimem um alto teor de criticismo acerca da realidade e distinguem-se do encantamento e idealização propostos pelo Romantismo das décadas anteriores. Faz-se um adendo observando que, o autor francês inclusive se debruça sobre a temática mágico-religiosa, mais especificamente o satanismo, em seu conto *L'elixir de longue vie* (1830).

## **2.5. Algumas considerações sobre *O Mundo***

Em *O Mundo*, discutimos um dos aspectos mais relevantes acerca da cartomancia ilustrada nas páginas dos jornais cariocas a partir de 1860: o elemento estrangeiro. A discussão já havia se iniciado quando apresentamos o aspecto transcultural do baralho egípcio de Alliette no capítulo 1, sendo possível constatar no capítulo 2 que a própria figura da cartomante esteve conectada ao exterior.

No caso de algumas, a imigração para terras tropicais demandava, como iremos observar no próximo capítulo, meios para sua manutenção diária e, não obstante, a de sua família. Como veremos, nem sempre essas imigrantes se utilizaram somente de uma atividade para atingir esse fim. As discussões permitiram igualmente observar a pluralidade de

nacionalidades das cartomantes que anunciavam na cidade durante o recorte temporal desta pesquisa.

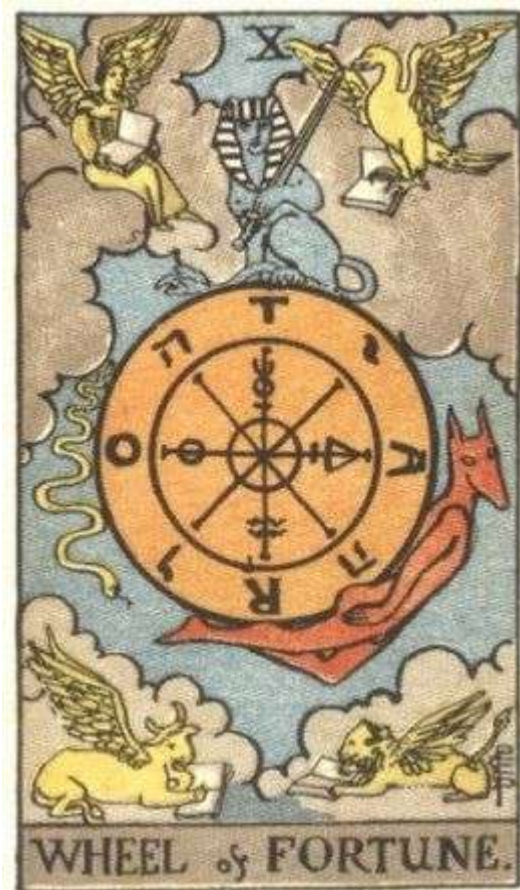
A temática do legado e tradição, tanto no caso da ligação com o continente europeu por meio da evocação de mestres e mestras, como Mlle. Lenormand, quanto pela própria transmissão dos conhecimentos para outros cartomantes, como no caso de Mme. Potier, Mme. Augusta e M. Potier, igualmente merece destaque. As articulações das cartomantes nesse sentido buscavam fundamentar suas atividades na Corte de modo a convencer a clientela de sua eficácia e distingui-las de outros praticantes de atividades mágico-religiosas que ofereciam seus serviços na cidade.

Por fim, nota-se como elementos tais quais o estrangeirismo, o ceticismo e o racionalismo, que se apresentam como basilares nos acontecimentos e experiências das cartomantes na Corte também se apresentam de forma basilar na personagem cartomante do conto de Machado de Assis. A construção da cartomante machadiana demonstra de maneira clara a ressonância das percepções de Machado de Assis com o contexto da cartomancia na Corte tanto no momento de lançamento do conto, em 1884, quanto no tempo literário onde se desenvolve a trama, o ano de 1869.



### 3. A RODA DA FORTUNA: LEITURAS DE CARTAS E A MANUTENÇÃO DE DIÁRIA DE MULHERES NO RIO DE JANEIRO

Figura 9. Carta *A Roda da Fortuna* do baralho *Smith-Waite Centennial Tarot* (2013)



Fonte: Pinterest

O arcano *Roda da Fortuna*, décima carta do baralho tradicional de tarot, abarca em sua gama de interpretações comuns algumas significações temáticas tais como o destino, a sorte, fechamento de ciclos, a grande alternância entre ascender e suceder, o movimento contínuo da vida. Alejandro Jodorowsky e Marianne Costa, “a Roda da Fortuna é claramente orientada para um fechamento do passado e uma espera do futuro”(2016, p.199). Na abordagem junguiana de Sallie Nichols (1988), focada nas percepções arquetípicas dos arcanos, a carta remete à temática da dualidade, vida e morte, movimento e estabilidade, fugaz e eterno, *yin* e *yang*.

Apesar de um arcano bastante representativo da própria ideia de sorte e destino, temas comuns à cartomancia, o simbolismo da *Roda* surgiu muito antes da consolidação do baralho de tarot como método divinatório. Ao analisar simbolicamente a *rota fortunae*, como era

chamada em latim, Jean Chevalier ressalta que a imagem da roda da fortuna remonta à Antiguidade romana e à Idade Média, preservando elementos básicos como

uma roda cor de carne, mantida no ar por um aparelho de madeira amarela e à qual se agarram dois animais estranhos, enquanto uma esfinge azul, coroada com ouro e com as asas vermelhas empunha uma espada branca e está sentada sobre um plinto estreito, pousada sobre a parte superior da roda” (CHEVALIER, 1986, p.899, tradução nossa).

A carta ilustrada pela artista Pamela Colman Smith (Fig.7) revela a potencialidade do tarot em adaptar elementos simbólicos ao longo do tempo, uma vez que, apesar de propor algumas mudanças imagéticas visíveis, como a transformação dos dois animais citados por Chevalier em quatro<sup>25</sup>, novamente evocando o tetramorfo, a inclusão de inscrições da cabala e a retirada das asas da esfinge, o arcano dez do baralho Smith-Waite continua elucidando o simbolismo da *rota fortunae* romana.

Assim como a carta da Roda da Fortuna busca explorar a dualidade, a circularidade e a própria ideia de fortuna, explicitado em termos da época “ventura boa ou má” (SILVA, 1789, p.631), o presente capítulo abordará oposições e ciclos que puderam ser identificados nas trajetórias de algumas cartomantes que atuavam no Rio de Janeiro em diversos momentos da segunda metade do Oitocentos. Abordaremos, por exemplo, a cartomancia na encruzilhada entre o mundano e o sobrenatural nas práticas das mulheres que a praticavam em conjunto a outras atividades como a costura e o comércio, buscando compreender a própria leitura de cartas utilizada como maneira de sustento financeiro feminino.

Ainda na senda da contraposição que, de alguma forma, se complementa, serão investigadas as relações entre as cartomantes e alguns outros grupos importantes que trabalhavam com espiritualidade, magia e cura na Corte, como é o caso dos curandeiros e das casas de dar fortuna. Trabalharemos também com os declives da Roda da Fortuna para cartomantes e consulentes, dissertando sobre pobreza, censura e desventuras.

O escopo documental utilizado é composto por exemplares dos jornais *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio*, bem como publicações do *Almanak Laemmert*. Além disso, foram utilizados dados oriundos do *Recenseamento do Brazil*, de 1872 para pensarmos questões relativas ao gênero e o mundo do trabalho.

---

<sup>25</sup>Além da interpretação das quatro figuras como os quatro evangelistas bíblicos, discute-se também que as figuras representadas possam fazer alusão aos quatro signos fixos dos quatro elementos Zodiaco (Aquário, Escorpião, Leão e Touro). Ver mais em: GUTTMAN, A.; JOHNSON, K. *Astrologia e mitologia: seus arquétipos e a linguagem dos símbolos*. Tradução de Julia Vidili. São Paulo: Madras, 2005.

### 3.1. O papel social da cartomante

No capítulo 1, discorreremos brevemente sobre alguns campos sobre os quais as cartomantes poderiam se debruçar em suas consultas, que envolviam desde problemáticas amorosas até o roubo de objetos de valor. Entender o escopo de atuação das cartomantes é também entender seu papel social e os desdobramentos dele. Nesse sentido, cabe refletir sobre como a predição como um todo exerce um papel fundamental na vida humana desde os mais longínquos tempos, em suas diversas formas.

O fenômeno da predição, abarcando aqui atividades diversas cujo intuito seja o de adivinhar o futuro, se constrói a partir de uma complexa teia de relações que envolvem múltiplos tempos e ações. Predizer pressupõe conexão entre o presente e o futuro, uma vez que, a grosso modo, se baseia em uma tentativa no agora de determinar o porvindouro (MINOIS, 2016). Levemos em consideração, por exemplo, uma pessoa que após uma visita à cartomante recebe uma previsão de que poderá sofrer um acidente. Naturalmente, o consulente poderá desenvolver uma postura mais cuidadosa em seus hábitos cotidianos buscando evitar tal fatalidade.

Apesar dos mecanismos utilizados para prever geralmente serem envoltos em uma atmosfera um tanto quanto mística desde a Antiguidade, a necessidade de tentar compreender o que nos aguarda é um tanto quanto material. Predizemos constantemente e das mais diversas formas, sejam elas calculadas, como ações a longo prazo com o intuito de atingir determinado objetivo, ou até mesmo devaneios sobre o que acontecerá nas próximas semanas. Como aponta Georges Minois (2016, p.2), temos uma ânsia em nos convencer de “não somos um brinquedo de um acaso cego, mas de um plano coerente”.

É nesse momento que entram em cena profetas, adivinhadores, oráculos, cartomantes e uma série de outros mediadores que prometem ao público descobrir o destino, seja ele o coletivo ou o individual. Ainda que ao propagandear seus feitos o preditor busque ressaltar a acurácia do que foi revelado, a essência máxima de intuir o futuro não é a de acertar, mas sim a de proporcionar consolo e estímulo (MINOIS, 2016). Por esse motivo, não podemos considerar que predizer é neutro, uma vez que gera no consulente algum tipo de emoção e ação, mesmo que esta seja a de considerar ceticamente o que lhe foi comunicado.

No caso das cartomantes, o papel terapêutico parece se reforçar. Numa análise sobre a cartomancia francesa do século XIX, Georges Minois (2016) faz uma analogia entre o trabalho da cartomante e o de uma psicóloga, ressaltando a predominância da escuta por parte da leitora de cartas e sua conexão com o subconsciente dos indivíduos. No caso das

consultantes do gênero feminino, os locais de atendimento das cartomantes poderiam funcionar como locais para exprimir confidências e buscar direcionamento, especialmente se considerarmos que em outros espaços, como a religião, nem sempre poderiam encontrar formas de sanar algumas inquietações.

Sobre isso, a pesquisadora Michelle Veronese salienta, por exemplo, como a confissão foi constantemente empregada como um exercício de poder sobre as mulheres. Mais que condenar moralmente, “os capelães e vigários poderiam muito bem ser convidados a prestar conta sobre o que ouviam das suas fiéis nos confessionários, logo, qualquer desvio ou desejo de transgressão por parte delas seriam rapidamente reprimidos por pais e maridos” (VERONESE, 2017, p.33).

Compreender a cartomancia enquanto aconselhamento nos auxilia a entender o porquê de, apesar de todas as refutações científicas, religiosas ou puramente céticas, as pessoas continuavam a procurar na leitura de cartas uma forma de encontrar respostas para seus desassossegos. Dessa forma, ainda que a previsão não se concretizasse de fato, pelo menos no momento presente o consultante estaria munido de algum tipo de explicação ou sentido para a situação explicitada à cartomante, reforçando a ideia de não ser apenas um brinquete nas mãos do destino, como sustentado por Minois.

No que tange aos praticantes de cartomancia da Corte, podemos traçar uma breve análise daqueles e daquelas cujos anúncios foram encontrados nas fontes durante o recorte temporal desta pesquisa, como demonstra a tabela abaixo.

**Tabela 3 . Cartomantes anunciantes na Corte entre 1860 e 1890**

	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>	<b>Sem identificação</b>	<b>Total</b>
<b>Quantidade</b>	60	13	52	125

**Fonte:** Anúncios publicados nos periódicos *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio* entre 1860-1890. Periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Antes de prosseguirmos, faz-se necessário um pequeno adendo sobre a categoria “Sem identificação”. A categoria aloca pessoas cuja identidade não pode ser identificada devido à utilização apenas de iniciais como forma de se apresentarem na imprensa ou, majoritariamente, empregavam somente o substantivo “Cartomante” nas publicidades. Na maior parte dos casos, não puderam ser encontradas informações mais aprofundadas sobre esses indivíduos, ainda que, se observarmos a tendência das outras categorias, poderiam se tratar de uma maioria feminina.

É perceptível que a quantidade de mulheres se destaca em relação à dos homens. Apesar de Minois (2016) lançar mão do argumento de que pessoas do gênero feminino teriam melhor afinidade com a cartomancia devido à sua natureza mais sensível, a predominância, como argumentaremos ao longo do próximo subcapítulo, pode ser explicada em vias muito mais objetivas. Se pensarmos a questão pelo viés do mundo do trabalho oitocentista, é possível observar que os campos nos quais as mulheres poderiam atuar como força de trabalho não eram tão extensos.

Segundo o *Recenseamento do Brasil* (1872), na província do Rio de Janeiro à época do censo haviam 234.281 mulheres livres, sendo que 97.750 delas afirmaram exercer algum tipo de profissão, destacando-se respectivamente a de (45.709 mulheres), prestadoras de serviços domésticos (23.160 mulheres) e costureiras (14.658 mulheres). Havia igualmente parteiras e professoras, as últimas incluídas na categoria “Professores e Homens de Letras”, nomenclatura esta que funciona como um lembrete de que havia demasiada distância entre atuar no campo intelectual e efetivamente ser enxergada como parte do mesmo.

Algumas outras senhoras e senhoritas exerciam a função de comerciantes. Como ressalta Joana Montaleone (2019), muitas delas se dedicavam especialmente à venda de produtos importados relacionados ao universo da moda e costura, como vidrilhos e miçangas. Já no último quartel do século XIX, comercializavam também máquinas de costura, elemento que possibilitava que muitas mulheres trabalhassem de suas casas em processos mais complexos do que os pequenos ajustes e remendos.

Apesar da inserção no mundo do trabalho, as mulheres não recebiam seus rendimentos de modo compatível com as altíssimas cargas de trabalho empenhadas e as necessidades cotidianas delas e de suas famílias, como aponta Cristiane Ribeiro (2019) ao analisar a temática da emancipação e trabalho feminino no Oitocentos. Nesse sentido, é plausível sugerir que o exercício de outras atividades remuneradas não descritas pelo senso ou consideradas enquanto maneiras “institucionais” de garantir dinheiro suficiente para sua manutenção cotidiana, dentre elas a própria cartomancia.

### **3.2. Ofícios mundanos e a cartomancia**

A partir do que foi investigado na imprensa, foi possível observar duas maneiras predominantes no exercício da cartomancia pelas mulheres que compõem esta pesquisa. A primeira envolve a utilização unicamente da leitura de cartas e outros ofícios ligados ao supra sensível como maneira de ganhar seu sustento diário, oferecendo frequentemente sessões de

sonambulismo, quiromancia ou vendendo certos produtos, como já citado *dawamesk*. A segunda envolve uma associação da cartomancia com outros ofícios mais “mundanos” como forma dessas mulheres se manterem financeiramente. Focaremos, neste subcapítulo, no segundo caso.

Costumeiramente, o ofício mais comum encontrado de maneira conjugada ao trabalho como cartomante era o de lecionar. Se observarmos os dados do *Recenseamento do Brasil em 1872* para a província do Rio de Janeiro, nota-se que uma boa quantidade de mulheres que se declararam como professoras, 129 brasileiras e 23 estrangeiras àquele momento, movimento este confirmado pelos numerosos anúncios de professoras de especialidades diversas nas páginas dos jornais e do *Almanak Laemmert*, publicação voltada para o oferecimento das mais diversas atividades, como comércio e medicina.

No caso das estrangeiras, a educação revelou-se como um fértil espaço para o desenvolvimento de uma clientela interessada (e, além disso, abastada financeiramente) na instrução de suas moças de acordo com um modelos de civilidade europeus e reduzindo as enormes despesas que uma formação completa no exterior poderiam gerar (RIBEIRO, 2019).

O laço entre a cartomancia e o ensino aparece de modo evidente nas publicações de Mme. Armand, francesa. Ela anuncia no *Jornal do Commercio*, em dois pequenos textos, um em francês e outro em português: “Mme. Armand. Cartomancia. Sistema Lenormand: consultations de 8 horas da manhã às 8 horas da noite. Também se encarrega da correspondência. Lições de francês, escrita, leitura, aritmética: rua da Assembléa, n.113, 2º andar” (JORNAL DO COMMERCIO, 1874, Ed.303, p.5).

Em setembro de 1876, Thereza Meraldi inicia seus anúncios no *Jornal do Commercio* e na *Gazeta de Notícias*. Lê-se que, “recém-chegada nesta cidade, muito conhecida na Europa e no Rio da Prata, oferece ao respeitável público os serviços de consultas de cartomante e magnetismo. A professora fala cinco idiomas e dá aulas de piano”(JORNAL DO COMMERCIO, 1876, Ed.246, p.5). No ano seguinte, no entanto, notamos que sua trajetória como professora de piano foi ínfima, uma vez que Meraldi anunciava a venda de seu piano, que teria sido utilizado somente por 6 meses (JORNAL DO COMMERCIO, 1877, Ed.55, p.1).

O fato de escrever em suas publicidades a familiaridade com diversos idiomas e a proficiência com o piano demonstra claramente que não se tratava de uma mulher pobre. Como ressalta Everton Barbosa (2016), no período, a sensibilidade musical das mulheres era extremamente incentivada nas famílias que compunham a elite da Corte, ambiente este que era propício para a atuação de professoras de instrumentos como o piano, especialmente as

estrangeiras. O que motivou o afastamento precoce de Thereza do ofício permanece obscuro, entretanto, ela lançou mão de outras opções além da cartomancia e do magnetismo para se promover.

Thereza Meraldi utiliza-se de um artifício até então sem precedentes nos anúncios de outras cartomantes da Corte: publica no *Jornal do Commercio* uma publicidade contendo a ilustração de um rosto feminino, quiçá da própria Meraldi. Antes de passarmos ao anúncio, é necessário pontuar que o uso sistemático de imagens nos periódicos diários perpassava por diversos entraves técnicos que a reprodução engendrava, limitando significativamente a publicação das mesmas na imprensa, como ressalta Rodrigo Araujo (2015). Grande parte das produções imagéticas que circulavam nos jornais era relativa a produtos voltados para saúde e beleza.

**Figura 10. Publicidade de Mme. Thereza Meraldi, “Grande Adivinha do Universo”.**



Fonte: *Jornal do Commercio*, 1878, Ed.73, p.4.

No texto, a mulher afirma que é professora de “varias sciencias”. Levando-se em consideração a menção subsequente ao magnetismo, astrologia e além da própria cartomancia, pode-se supor que as ciências das quais era professora eram estas, bem como os idiomas, que cita recorrentemente. Numa estrutura textual que utiliza com muita frequência artifícios adjetivos como “a maior” ou “a única”, mesclada à utilização até então inédita de imagens por cartomantes, Meraldi busca distinguir-se das outras tantas contemporâneas.

Ensinar a cartomancia, dentre outros campos, também foi uma estratégia utilizada por Mme. Victoria, que atuou na corte entre 1881 e 1883. Inicialmente nas publicações utilizava o tímido acrônimo “V.E” para anunciar consultas de cartas e leituras no pó de café e nas claras de ovo, disponíveis na Rua de Rua do Lavradio, n.147(JORNAL DO COMMERCIO, 1881, Ed.360 p.5). Em abril de 1883, juntamente com sua mudança para a Rua Luiz de Camões, Mme. Victoria passou a ensinar para “quem quizer aprender” as suas técnicas de adivinhação (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1883, Ed.158, p.3). Ela ofereceu os serviços pelo menos até dezembro de 1883, quando, assim como tantas outras, desapareceu das páginas dos jornais.

Os casos de Mme. Armand, Thereza Meraldi e Mme. Victoria nos levam a refletir sobre como, durante sua inserção social enquanto professora, a cartomante também pudesse formar uma clientela curiosa a respeito das leituras de cartas. A sociabilidade era um importante elemento no desenvolvimento de uma bem-sucedida trajetória na cartomancia, uma vez que a verificação da eficácia dos serviços oferecidos poderia ser aferida pelos testemunhos dos consulentes, assim como indicações.

Um exemplo disso pode ser verificado em um pequeno e significativo texto publicado no *Jornal do Commercio* em 1871. Nele, uma pessoa identificada como Maria Rosas agradece eternamente à D.Rosa Albertina Mello de Figueiredo pelos serviços de cartomancia prestados (JORNAL DO COMMERCIO, 1871, Ed.106, p.2). É interessante ressaltar que, antes do agradecimento publicado por Maria Rosas, a cartomante Rosa, diferentemente de suas contemporâneas, não havia publicado um anúncio sequer na imprensa que demonstrasse sua ligação com o mundo das cartas.

Se, por um lado, o pequeno texto demonstra um sentimento de gratidão por parte de Maria, por outro ele funciona como um anúncio involuntário da eficácia das leituras de cartas de Rosa. Não se verificou nos anos seguintes nenhum indício de publicações sobre cartomancia por parte de D. Rosa, entretanto, foi possível descobrir que ela trabalhava com costuras e bordados, como consta no primeiro registro de sua aparição no *Almanak Laemmert*, em 1858, onde Rosa é apontada como professora de língua francesa e desenho na seção dos “Professores de varias sciencias”(ALMANAK LAEMMERT, 1858, Ed.15, p.525).

Em anúncio no *Jornal dos Typographos*, ela faz saber que, além de “professora do imperial Instituto dos Meninos Cegos, dá lições por casas particulares de portuguez, francez, desenho e musica, desenho a cabellos, e toda a qualidade de bordados, (ainda os mais difficeis) chrochet, tricot, flores e trabalhos de missanga, etc”(JORNAL DOS TYPHOGRAPHOS, 1858, Ed.9, p.3), dizendo ainda que poderia ser encontrada na Rua Nova do Conde, n.106 ou em sua residência, n.95.



A instituição privada onde Albertina lecionava, criada em 1854 por D. Pedro II, seguia o modelo do Instituto de Meninos Cegos de Paris e oferecia algumas vagas destinadas a alunos que não pudessem pagar pelo ensino (SANTOS, 2020). Eram oferecidas aulas de gramática portuguesa, francesa e aritmética, além de música e artes mecânicas, campo onde se enquadrariam as lições de Rosa Albertina.

A associação entre costura, ensino e cartomancia nos remetem a algumas importantes reflexões. O acúmulo de atividades exercidas por Rosa Albertina reflete a problemática da disparidade entre as remunerações que poderiam ser obtidas por homens e mulheres que exerciam a mesma ocupação, especialmente no caso de professoras. No Recenseamento de 1872, a categoria de profissionais dedicados ao ensino constava como “Professores e Homens de Letras” (IBGE, 1872, p.366), demonstrando assim que, apesar da pequena diferença entre o número de professores do gênero masculino e feminino, respectivamente 179 e 152, o prestígio dos primeiros imperava no ramo educacional e intelectual.

No caso dos cuidados com as roupas, especialmente da costura, que abrangia uma quantidade muito maior de mulheres (segundo o censo, entre estrangeiras e brasileiras, 15.158), semelhante precariedade poderia ser observada. Segundo Joana Montaleone (2019), com o crescimento dos ateliês e lojas especializadas na Corte, muitas das costureiras que trabalhavam em suas próprias residências passaram a atuar em tarefas específicas na confecção das roupas, como por exemplo pregas botões, e não mais produzindo a peça completa. Diante disso, verificou-se um declínio na remuneração dessas costureiras, visto que o processo de produção das roupas passou a ser setorizado e as costureiras domésticas não eram mais as responsáveis pela elaboração do produto final.

Em 1855, um texto publicado por Rosa no *Jornal do Commercio* encontramos alguns indícios das motivações que fizeram com que ela se dedicasse às diversas atividades identificadas. Nele, ela comenta que

estando em principio de seu divorcio com seu marido Joaquim José de Figueiredo (...) previne ao respeitavel publico que não faça nenhuma transacção com seu marido Joaquim José de Figueiredo, sob pena de ser nullo tudo quanto fizer depois do primeiro despacho do Rev. Vigario Geral desta côrte, a quem já se acha affecto o conhecimento de seu divorcio. (JORNAL DO COMMERCIO, 1855, Ed. 260, p.4)

Foi possível acompanhar algumas etapas do processo de divórcio pela imprensa, revelando que a autora foi Rosa Albertina. Para a insatisfação da mulher, o pedido foi negado.

Em 1871, depois de já ter divulgado na imprensa diversos anúncios acerca dos serviços que oferecia, ela publica um texto que reforça o insucesso da separação e as infelicidades que vinha vivenciando. A professora diz:

Meu marido nada deve, nem pôde dever quem vive ha vinte e tantos annos só de seus rendimentos, que, como todos sabem são de sobra para quem não sustenta sua mulher e tem relaxado a educação dos filhos ao posto que não ha assento de baptismo nem têm padrinhos os dous mais velhos, tendo um 21 e o outro 19 annos! O mais novo, que tem 17 é pagão! Eis o pai cuidadoso, que dizia em 1855. "Não consinto no divorcio, porque a educação de meus filhos fica moral e physicamente prejudicada". Muitos remorsos devem ter aqueles que concorrêrão para que eu perdesse um processo em que tinha tanta justiça. Fizerão a desgraça de meus filhos, tirando-me o direito de educa-los e dirigi-los para o bem... Rosa Albertina de Mello Figueiredo. Rio, 7 de julho de 1871 (JORNAL DO COMMERCIO, 1871, Ed.188, p.3)

A partir dos dois escritos publicados, pode-se apreender que Rosa era responsável pelos rendimentos familiares, uma vez que publiciza o desleixo do marido para com suas responsabilidades, salientando o fato de que o filho mais novo inclusive não havia sido batizado. Além disso, anteriormente, ela já havia ressaltado aos seus clientes que não fizessem nenhum tipo de negócio em seu nome diretamente com Joaquim, demonstrando as animosidades presentes no cotidiano familiar.

Os estudos de Dayse Lúcida Silva Santos (2004) sobre divórcio e nulidade de casamentos revelam que, durante o século XIX, a tendência nos casos de divórcio era de que as ações fossem movidas pelas mulheres. Os processos poderiam se estender por anos e necessitavam de testemunhas, que geralmente eram do gênero masculino. Apesar de em muitos casos o parecer do Vigário Geral ou Bispo responsável ser negativo para o divórcio, muitos casais simplesmente deixavam de viver no mesmo lar, mantendo somente na teoria o matrimônio.

Esse parece ter sido o caso de Rosa Albertina, que apesar de se referir a Joaquim como marido, ressalta as adversidades que teve na criação dos filhos. Ela ainda ressalta o papel que as testemunhas tiveram nas desgraças familiares subsequentes, uma vez que, pela não concessão do divórcio, a mulher não pode dar condições mais adequadas ao desenvolvimento de seus filhos. Apesar de todas as empreitadas enfrentadas no sustento da casa e da família, verificou-se nos registros paroquiais da Paróquia de Santo Antônio dos Pobres (RJ) que dois dos três filhos mencionados por Rosa se casaram em 1870, Joaquim José, em setembro, e Maria Augusta, em outubro (BRASIL, Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica, 1616-1980).

A breve história de Rosa Albertina demonstra alguns dos possíveis mecanismos utilizados por mulheres das camadas médias e pobres da sociedade carioca para a manutenção de seus lares, às vezes auxiliando o cônjuge com os gastos ou até mesmo, como no caso dela, assumindo integralmente as responsabilidades. A cartomancia, nesse caso, possivelmente foi utilizada como maneira de complemento dos rendimentos já obtidos como costureira e professora, uma vez que não se encontram anúncios específicos sobre a atividade publicizados por ela.

Além da costura e do ensino, encontramos um caso de associação das leituras de cartas ao comércio. Em 1870, no *Jornal do Commercio*, Mme. C. Saillan anuncia a Violeta dos Alpes, sua loja de perfumaria e “diversos objetos de fantasia” (JORNAL DO COMMERCIO, 1870, Ed. 63, p.3) na rua de S. José, n.45. Além disso, ela vendia igualmente itens de vestuário, como luvas e chapéus. No ano seguinte, no entanto, cessam os anúncios da loja e Mme. Saillan reaparece, agora se dedicando à venda de brinquedos e em novo endereço, na rua de S. Francisco, segundo consta na edição n.28 do *Almanak Laemmert*.

Em 1874, com a mudança do comerciante F. L. Figueira de Mello para outro local na rua do Ouvidor, Saillan compra sua antiga loja de perfumes e brinquedos, voltando assim a se dedicar ao ofício de comerciante. Figueira de Mello realizou uma vasta liquidação na ocasião de sua mudança para o número 49 da rua do Ouvidor e, por meio da listagem de produtos dos quais gostaria de se desfazer, podemos ter um breve vislumbre dos itens que mais tarde passariam a ser vendidos pela nova dona do local. Dentre os brinquedos, constavam velocípedes, carrinhos, jogos de xadrez e paciência. Na perfumaria, destacavam-se latas de pó de arroz, sabonetes de amêndoas em caixinha e jóias de borracha, além de gravatas, luvas e meias.

Arelada ao ramo dos negociantes, descobrimos que as movimentações comerciais Mme. C representam uma das possibilidades abertas às estrangeiras para manterem-se no Rio de Janeiro: a abertura de lojas de importação (MONTALEONE, 2019). Para aquelas que dispunham de melhores condições financeiras, estabelecimentos voltados à moda e outros assuntos ligados ao universo feminino, caso prosperassem, poderiam garantir uma estadia um pouco menos penosa às imigrantes em solo brasileiro. Entretanto, ao contrário de outras donas de lojas bem sucedidas, como Mme. Catherine Dazon, cuja trajetória foi estudada por Joana Montaleone (2019), os negócios de Saillan padeceram prematuramente.

Além do desaparecimento dos anúncios na imprensa e do *Almanak Laemmert* após 1873, o término das atividades comerciais de Mme. C é comprovado quando ela publica, em abril de 1876, um texto no periódico *Gazeta de Notícias* com a seguinte narrativa:

Mme Constance Saillan e não Saillan Constance, como por engano publicaram os jornaes, bem conhecida n'esta corte, onde teve lojas de bonecos nas ruas de S.José, travessa de S. Francisco de Paula e por último na rua do Ouvidor, n.41, cujo importante estabelecimento passou ao negociante d'esta praça Figueira de Mello, abandonando o commercio resolveu voltar á sua antiga profissão de cartomante, para o que fez e realisou uma viagem á França com o fim de estudar os processos e systemas mais accitos d'esta sublime arte; tendo chegado de volta á corte no vapor 9 do corrente, participa ao publico que associou-se ao bem conhecido cartomante Poitier, á rua de S.José n.45, 1º andar, onde reside com o professor habilissimo dá lições, consultas e bota carta pelo modico preço de 1\$000 por cada pessoa (*GAZETA DE NOTICIAS*, 1876, Ed.111, p.3)

Afora a constatação de que o negócio da rua do Ouvidor havia igualmente tido o mesmo destino da Violeta dos Alpes e da loja da rua de S.Francisco, a publicação elucida o novo, mas não inédito, ganha pão de Mme.Saillan: a cartomancia. Diferentemente das outras mulheres neste subcapítulo contempladas, Saillan fornece aos seus leitores contemporâneos e a nós um breve, mas esclarecido panorama de sua guinada ao mundo das cartas.

Além de voltar a jogar cartas, ela comenta sobre uma viagem à França para aprender novos processos e sistemas da “sublime arte”. De fato, no fim de novembro de 1875, anuncia-se no *Jornal do Commercio* um grande leilão de móveis realizado em nome de Mme. Constança Saillan, devido à mesma se retirar para a Europa. Dentre os bens leiloados, estão um sofá estofado de seda, espelhos, mobília austríaca, guarda-vestidos, porcelana e utensílios diversos (*JORNAL DO COMMERCIO*, 1875, Ed. 329, p.4). O leiloeiro ressalta ainda que “todos os moveis e ornamentos são de gosto apurado e estão, podendo dizer-se novos” (*JORNAL DO COMMERCIO*, 1875, Ed. 329, p.4).

Os tipos e origens dos bens de Saillan permitem assumir que ela não era uma mulher pobre, apesar dos três negócios mal sucedidos que geriu na Corte. Em 1877, a mulher aparece realizando uma doação de 5\$000 para a Comissão de Socorro aos afetados pelas enchentes ocorridas em Portugal, quantia razoável se comparada às de outros subscritores na ação, incluindo alguns homens, que fizeram doações em torno de 1\$000 e 3\$000.

No retorno ao Rio, ela se associa ao cartomante e professor de cartomancia Poitier. É interessante notar que Constance Saillan ocupa entre janeiro e março de 1870 a loja do n.45 da Rua de S.José. endereço no qual, um mês depois, passa a atender Mme. Potier, mãe de Narciso e onde, durante muitos anos, o próprio cartomante passou a atuar. Não seria exagero pressupor que o contato de Constance com a família Potier datasse de sua breve passagem pela loja da Rua de S.José, que depois passou a ser ocupada pelo próprio M. Potier como depósito de drogas.

Mme. C. não fez um anúncio de cartomancia sequer além da divulgação realizada na *Gazeta de Notícias* em 1876, algo que igualmente não foi observado nas publicidades habituais de Monsieur Potier. Durante todo o ano de 1876, a única informação sobre ela presente nos jornais, além da associação entre os cartomantes, foi a chegada de 12 caixas de roupas feitas encomendadas por Saillan e que estavam a bordo do vapor *Gironde*, proveniente de Bordeaux (JORNAL DO COMMERCIO, 1876, Ed. 103, p.1).

Em julho de 1879, no *Gazeta da Noite*, é anunciado um outro leilão de bens em nome de Mme. Constance Saillan, agora por motivo da mesma se retirar para a província de Minas Gerais (GAZETA DA NOITE, 1879, Ed.76, p.4). Diferentemente do primeiro, não há menção extensiva aos elementos que seriam leiloados, somente uma indicação de que se tratavam de móveis relativamente novos e que o evento se daria na Rua do Riachuelo.

A mudança de Constance, no entanto, não dura muito tempo. Em outubro de 1879, por meio de um anúncio no *Jornal do Commercio*, Mme. Saillan faz saber aos seus antigos clientes que reabriu o seu ateliê de costuras no sobrado da rua da Uruguayana, n. 51. Além disso, ressalta que seus vestidos, de última moda, são vendidos a preços muito reduzidos (JORNAL DO COMMERCIO, 1879, Ed.343, p.6). A esta época, em decorrência do deslocamento para as Minas e da ausência de qualquer outro sinal de conexão com Potier, é possível presumir que a “sociedade” entre os cartomantes havia se desfeito.

O caso de Mme. Saillan revela como a cartomancia foi utilizada como um recurso adicional para manutenção financeira na cidade. Quando salienta a volta à sua “antiga profissão”, ela demonstra como a leitura de cartas se comporta como um artifício flexível que, uma vez aprendido e dominado, se mostra útil em situações onde se deseja aumentar a renda habitual. Durante toda a década de 1870, o Rio experienciava a ascensão do universo da cartomancia, consolidado com um aumento no número de anunciantes na cidade. Nesse sentido, por que não fazer uso da “sublime arte” como ganha pão ou, minimamente, como um complemento?

A retomada de pequenos acontecimentos do cotidiano de Mme. Armand, Mme. Constance e D. Rosa revelam uma utilização da cartomancia de maneira um tanto mais mundana e objetiva do que a observada nos anúncios de outras cartomantes como Mme. Rachel, que se dedicaram exclusivamente a atividades voltadas para o supra sensível. Suas aparições na imprensa demonstram, além das diversas estratégias empenhadas por mulheres para garantirem sua manutenção diária no Rio de Janeiro, possíveis espaços onde poderiam oferecer os serviços de cartomancia e construir sociabilidades.

### 3.3. As descidas da Roda da Fortuna

Dos sobrados e móveis austríacos, passaremos agora a um terreno muito menos glamouroso, mas igualmente importante para compreender o desenvolvimento da cartomancia no Rio de Janeiro. Ao contrário do que ponderava durante a construção do projeto que deu origem à esta dissertação, cartomancia e penúria nem sempre estiveram associadas, vide as menções à bens, viagens constantes e compras de negócios que permearam o subcapítulo anterior.

A escolha de estudar as publicidades dos jornais implicou, inegavelmente, no desencontro com muitas outras mulheres que não tiveram condições de difundir seus serviços por meio da imprensa, já que, como foi apontado ao longo do capítulo 1, anunciar custava dinheiro. Além disso, outro âmbito penoso, o da censura, demonstrou-se presente, porém, como mais uma das camadas nas quais estavam envoltas cotidianamente as cartomantes, e não como mecanismo definidor primordial na sua atuação.

Para iniciar, considero importante trazer uma ponderação bem-humorada, apesar de cáustica, apresentada por Minois quando o autor comenta sobre a prisão de Mlle. Lenormand em 1784, que a esta altura, creio, dispensa apresentação. Trazendo à tona a explicação da cartomante, que disse não ter sido detida como uma tola e que deixou o destino ocorrer porque não tinha do que se envergonhar, ele instiga a reflexão: se são videntes as cartomantes, como podem, portanto, passar por semelhantes desgraças?

Neste subcapítulo, buscamos lançar luz sobre o lado obscuro da Roda da Fortuna, ou seja, suas descidas. Nele, abordaremos casos em que as cartomantes anunciantes nos jornais estiveram diante da pobreza, da censura e da necessidade de se reinventar. Começaremos por uma senhora, de nome Concha de Salamanca. Numa longa publicidade, aos moldes daquelas empenhadas por Mme. Thereza Meraldi anteriormente, nos deparamos pela primeira vez com Concha. Anunciava as seguintes informações:

Acaba de chegar á esta cidade, pela primeira vez, a grande cartomante D. Sibillia Concha de Salamanca, que tem estudos de nicromancia da escola das profundissimas cavernas de Sevilha, Toledo e Salamanca. Faz passar uma corrente magnetica e eletrica a todas as pessoas que sejam infelizes no amor e em todos os seus negocios e passa a dar-lhes felicidade em tudo que quizerem utilizar-se do seu prestimo o pódem fazer em todas as segundas, terças, quartas e sextas-feiras, desde as 9 horas da manhã até as 4 da tarde; na rua Alfandega n.258, sobrado. -D. Sibillia Concha de Salamanca (GAZETA DE NOTICIAS, 1875, Ed.142:4).

Apesar de uma chegada quase triunfal, com tantos elementos diferentes a serem oferecidos ao público, os anúncios de Concha se limitaram a três durante todo o ano de 1875.

A cartomante traz uma novidade até então não associada diretamente aos trabalhos exercidos por outras contemporâneas: a necromancia. Segundo o *Watkins Dictionary of Magic*, robusto dicionário que busca compreender termos ligados à magia e esoterismo, “necromancia é a forma de adivinhação na qual espíritos dos mortos são evocados para conceder presságios relativos ao futuro” (DRURY, 2005, p.347).

Na imprensa da década de 1870, geralmente, as menções são encontradas nos anúncios de necromantes, como uma mulher chamada Zarah, muçulmana, que oferecia serviços como quiromante e cartomante (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1875, Ed. 67, p.4). Além disso, em 1871, estampavam a coluna policial do *Diário do Rio de Janeiro* os desenrolares do julgamento de Juca Rosa<sup>26</sup>, conhecido como feiticeiro, nigromante e pai de santo.

Além do emprego usual, ou seja, para nomear aqueles que tinham contato com os mortos para obter previsões, o termo foi encontrado para tecer críticas políticas, como é o caso de um texto publicado na seção “Boatos” do jornal *A Reforma: Órgão Democrático*. Nele, dentre outros adjetivos empregados como mesmerizador, astrólogo e feiticeiro, o autor utiliza o termo necromante, por exemplo, para se referir ao Ministro de Relações Exteriores, Manoel Francisco Correia (A REFORMA, 1871, Ed.79, p.2).

Outro ponto de atenção reside na menção de Concha às cavernas de Salamanca, Sevilha e Toledo. As cavernas, ou covas, como eram comumente chamadas, fazem parte do imaginário espanhol desde o Medievo, em especial a Cova de Salamanca. Descrito como espaço de culto utilizado pelos celtas, que habitaram a região entre 600 e 900 a.C, durante a Idade Média a caverna foi diretamente associada ao profano (ZABOROSKI, 2015). Dentre as narrativas mais comuns, constam as de que ali habitava o próprio Diabo, que ensinava necromancia a quem tivesse coragem de visitar a cova.

As histórias ganharam corpo em algumas obras literárias produzidas entre os séculos XV e XVII, como *Entremés de la Cueva de Salamanca* (1615), escrito por Miguel de Cervantes. Em tom cômico, Cervantes narra a história de um estudante que entrou na cova para ter aulas sobre artes mágicas com o Diabo. Além do *Entremés*, o autor espanhol chega a citar em seu livro *Dom Quixote* (1605) a experiência do personagem principal ao adentrar em uma outra caverna, a de Montesinos, e conversar com seu habitante, de nome homônimo ao da cripta (ZABOROSKI, 2015). No caso de *Dom Quixote*, entretanto, não há menção aos estudos de magia.

---

<sup>26</sup> Ver mais em SAMPAIO, Gabriela R. *A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial*. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas; 2000. 271 p.

A menção às cavernas feita pela cartomante em seu anúncio inicial, portanto, está baseada em um imaginário espanhol que remonta uma série de camadas de narrativas construídas desde a Idade Média acerca dos conhecimentos necromânticos que poderiam ser apreendidos nas covas espanholas, destacando-se especialmente a de Salamanca. É curioso perceber que Concha inclusive escolhe adotar o nome da cidade como referência em seu próprio nome.

Assim como outras dezenas de cartomantes, após alguns anúncios, o paradeiro de Concha desaparece nas linhas da imprensa. No entanto, em uma leitura despreziosa de *A alma encantadora das ruas* (1908), do cronista João do Rio, nos deparamos com um nome familiar. O repórter-*flâneur*, como foi apelidado (BULHÕES, 2007), já havia demonstrado dois anos antes, ao publicar *As religiões no Rio* (1906), um interesse fervilhante por elementos espirituais e mágicos.

Em *A alma encantadora das ruas*, João do Rio dedica um capítulo para discutir sobre a realidade das mulheres miseráveis e pedintes que perambulavam pelas ruas da cidade. Entre aquelas que pediam esmolas aos fiéis nas portas de igrejas e prostitutas pobres, o autor apresenta também as “pitonisas ambulantes” (DO RIO, 2013, p.225). É nesse momento que reencontramos Concha de Salamanca. Sem especificar a nacionalidade da mulher, João do Rio conta que ela desfrutou de uma vida luxuosa enquanto era *cocotte*, tendo diversos amantes e roubando-lhes “o relógio, os lenços, os alfinetes, por diversão”(DO RIO, 2013, p.226).

Preso por um inglês e obrigada a se mudar para Lisboa, Concha continuou com seus pequenos furtos, sendo obrigada por este e outros motivos não explicitados, a vir para terras brasileiras como criada. Entretanto, pouco depois, passou a atuar como cartomante andarilha. Neste ponto, os fios entre a cartomante de Salamanca que anunciava nos jornais no final da década de 1870 e a pitonisa ambulante de João do Rio parecem se entrelaçar.

É necessário, entretanto, levar em consideração a análise das fontes literárias a partir do princípio da verdade do simbólico, ou seja, compreendendo seus personagens enquanto perfis de concepção sobre o real na visão de cada autor (PESAVENTO, 2006). Não se pode afirmar com precisão se, de fato, Concha possuía tendências cleptomânicas, por exemplo, ou se esse elemento foi especulado por João do Rio devido ao modo como vivia a cartomante e imprimido à personalidade da mulher.

Finalizando sua breve menção à Concha, o cronista narra que, durante suas perambulações em busca de esmolas, a mulher geralmente aproveitava para oferecer aos indivíduos que lhe prestavam caridade a leitura de *buena dicha*, ou melhor, ver a “*suerte del*



*barajo*” (JOÃO DO RIO, 2013. p.226). João do Rio faz então um comentário que sintetiza a alma dos questionamentos sobre a popularidade explosiva da cartomancia nas décadas finais do século XIX, “Quem nestas épocas de dispersivas crenças, deixará de saber da própria sorte?” (JOÃO DO RIO, 2013. p.226).

A história da sibila Concha de Salamanca nos parece ter tido um final desvalido, diferentemente de outras cartomantes, como Mme. Rachel, que chegaram ao fim da vida como cartomantes gozando de condições financeiras no mínimo confortáveis. Dos anúncios na *Gazeta de Noticias* ao oferecimento das leituras da *suerte del barajo* pelas ruas do Rio de Janeiro, percebe-se no caso de Concha e, provavelmente, de muitas outras cartomantes com as quais cruzamos brevemente pelos jornais, que a Roda da Fortuna girou trazendo consigo infortúnios.

Esse parecia igualmente o caso de Mme. Julia Vidal. Os primeiros anúncios envolvendo a cartomante começam a surgir na Corte por volta de abril de 1887, apresentando estrutura muito semelhante à utilizada por outras mulheres, evidenciando que utilizava diversos sistemas para leitura do futuro, incluindo, além das cartas, a quiromancia (JORNAL DO COMMERCIO, 1887, Ed.113, p.5). O sobrenome Vidal nos faz retornar a uma problemática discutida no capítulo 1, a identidade da cartomante A.V, que atendeu por quase três décadas na Corte.

As últimas menções à A.V nos jornais datam do ano de 1885, quando atendia na Rua de S. José, n.23. Dois anos depois, Mme. Julia Vidal começa a oferecer seus serviços na cidade. Se não se tratava da mesma pessoa, pelo menos poderia haver algum nível de parentesco, numa suposição de que, assim como os Poitier, a cartomancia poderia ser uma atividade que transitava entre gerações.

No fim de 1889, nos deparamos com a seguinte nota no *Jornal do Commercio*:

Pobreza aparente. No dia 15 do corrente falleceu na casa n.1 da rua do Rezende uma cartomante de nome Julia Vidal. Tal era o seu estado de pobreza aparente que algumas pessoas promoverão uma subscrição para fazer seu enterro. Hontem, porém, apresentou-se ao subdelegado da freguezia de Santo Antonio uma antiga criada de Julia declarando que esta tinha dinheiro guardado em casa. A autoridade policial deu immediatamente busca na casa onde residia a finada cartomante e depois de varias pesquisas encontrou dentro de um caixão, entre varias bugingangas, concernentes a profissão de Julia, um sacco contendo 1.000 libras sterlingas. Proseguindo a autoridade policial nas pesquisas, ainda encontrou mais libras embrulhadas em pedaços de pannos, atirados aqui e acolá, de modo a não provocar suspeitas sobre seu conteúdo. O dinheiro encontrado eleva-se á somma de 22:000\$ sendo essa quantia arrecadada pela autoridade. (JORNAL DO COMMERCIO, 1889, Ed. 322, p.2)

Não se sabe o porquê de Julia Vidal ter se utilizado de uma fachada tão intensa de pobreza em sua vida cotidiana, algo que fez com que fosse necessário existir uma subscrição

para que se pagassem os custos do seu enterro. Entretanto, com as investigações policiais iniciadas após o testemunho da ex-criada, descobre-se que a mulher tinha mais do que o suficiente para viver uma vida luxuosa. Podemos imaginar a reação dos subscritores ao ler nas páginas do *Jornal do Commercio* que a mulher tinha em sua posse 20:000\$ réis.

Por meio de outra publicação, agora do *Gazeta de Notícias* podemos apreender alguns outros detalhes sobre a vida da cartomante. No texto, intitulado “Mendiga...e rica”, a narrativa do pós-morte é a mesma: Julia Vidal foi encontrada já falecida em seu endereço e, devido a precariedade do local, foi necessária uma subscrição para o enterro, que alcançou o total de 30\$000. Segundo o autor do texto, “os móveis eram insignificantes e de pouco valor” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1889, Ed. 323, p.1), fato este que pode explicar o porquê de não ter havido notícias sobre um grande leilão, como ocorreu nas circunstâncias da viagem de Mme. Constance Saillan, por exemplo.

Os desdobramentos entre morte, subscrição e a descoberta da fortuna são melhor esmiuçados pela *Gazeta*. A criada havia, na verdade, recorrido ao subdelegado, Sr. Dr. Eduardo Santos, para que este liberasse o acesso da mesma à casa de Vidal, no intuito de retirar bens que ela dizia serem seus. Aproveitou igualmente para contar ao escrivão e ao subdelegado sobre a existência de um quartinho onde Mme. Julia não permitia, de modo algum, a entrada de qualquer outra pessoa que não ela.

À contragosto da falecida, descobriu-se que na sala ela guardava uma série de elementos que diziam respeito ao seu ofício, cartas, “trapos sem serventia”, que no entanto traziam preciosidades, para sermos mais exatos, libras esterlinas. Detalhando melhor, o autor fornece um pequeno inventário do que pôde ser encontrado no quarto privado, dizendo que

em dois caixotes abertos e cobertos por palhas e garrafas sobrepostas, foram também encontrados dois saccos com grande numero de libras esterlinas, uma caderneta da Caixa Economica com entradas n valor de mais de tres contos, duas letras do Banco do Brasil, importando em mais de 22:000\$ a arrecadação feita em titulos e dinheiro (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1889, Ed. 323, p.1)

Sobre o dinheiro, sabe-se que foi encaminhado para a 2º Vara dos Ausentes para que os possíveis herdeiros se manifestassem (JORNAL DO COMMERCIO, 1889, Ed. 339, p.3). Todavia, segundo o *Gazeta de Notícias*, Julia não tinha herdeiros conhecidos, fato que motivou uma frase sarcástica no fim da história sobre a cartomante mendiga: “Eis aqui como se transformou uma mendiga morta em defunta rica. E provavel que agora apareçam alguns parentes” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1889, Ed. 323, p.1). Os móveis insignificantes foram à leilão no dia 5 de dezembro de 1889.

Apesar de muitas incógnitas dignas de um folhetim, o *post mortem* de Julia nos possibilitou aferir mais informações sobre sua vida do que tudo o que já sabíamos a seu respeito anteriormente. Além de perceber que a mulher levava uma vida solitária, sem nenhum familiar até onde as autoridades puderam verificar, descobrimos também que ela utilizou durante algum tempo o nome Henriqueta da Silva Vidal, mencionado quando o Juiz da 2º Vara dos Ausentes comunica no *Jornal do Commercio* o recebimento dos bens da falecida.

As razões para que alguém vivesse em tamanha modéstia mesmo possuindo recursos financeiros permanecem misteriosas, porém podemos supor que a cartomante estivesse procurando não chamar a atenção para si, visto que as libras esterlinas e cadernetas foram escondidas milimetricamente e fechadas no quarto. Não se pôde apurar se Julia Vidal possuía outras ocupações além de ser cartomante. O que se sabe é que uma consulta de cartomancia, segundo pôde ser averiguado com base nos anúncios de outras cartomantes, poderia custar entre 2\$000 e 10\$000<sup>27</sup>, sendo, portanto, necessário que Julia tivesse um público muito bem estabelecido e muitas consultas para alcançar o altíssimo valor encontrado na casa.

Ainda no universo dos capitais, gostaríamos de elencar o caso de outra cartomante, Anna Albet. A mulher, que começou a anunciar na corte em março de 1887, parecia seguir o mesmo caminho de suas contemporâneas: pequenas publicidades, oferecendo serviços de cartomancia e sonambulismo, além de aulas para os que desejassem aprender a ler cartas. Aparentemente, Anna morava sozinha, como demonstrou um pequeno anúncio publicado em 1878, onde uma “senhora só” procurava uma boa criada para fazer os serviços de casa no mesmo endereço ocupado pela cartomante, a rua do Cotovelo, n.37 (JORNAL DO COMMERCIO, 1878, Ed. 239, p.6).

A história de Albet teria sido similar a de muitas outras mulheres se, no entanto, não tivesse sido atrelada a um acontecimento curioso. Segundo um texto de autoria anônima publicado no *Jornal do Commercio*, Anna recebeu de um indivíduo incógnito a importância de 50\$000 para saber detalhes da vida de uma mulher casada, fatos considerados pelo autor como indecentes (JORNAL DO COMMERCIO, 1877, Ed.283 p.5). A cartomante, por sua vez, não chegou a responder aos questionamentos do cliente porque este não retornou à sua casa para tal. Entretanto, mandou comprarem quatro bilhetes de loteria com o dinheiro recebido.

O que Anna não esperava era que a cédula recebida do consulente misterioso era falsa. A responsável por descobrir a adulteração da nota foi outra Anna Collett Scott, dona da loja

<sup>27</sup> Valores cobrados, respectivamente, por Carmelita (1868) e Mme. Rachel (1870).

de bilhetes, que prontamente avisou o subdelegado do ocorrido. Quando interrogada, a cartomante disse que recebeu a nota, restituindo ao portador a quantia de 45\$000, já que cobrava 5\$000 por consulta, e que não percebeu de forma alguma a intenção do cliente. Pelo que foi averiguado pelo subdelegado, a nota possuía um grosseiro número “50” pintado em azul no centro e tratava-se de uma nota que estava fora de circulação havia anos.

Não se sabe muito sobre os rumos da ocorrência, porém, em 1879, encontramos no jornal o seguinte texto: “Mme Anna Albet retirando-se muito breve para Portugal onde tem de demorar-se em Villa Nova de Famalicão, oferece seus fracos prestimos ás pessoas de seu conhecimento” (JORNAL DO COMMERCIO, 1879, Ed. 126, p. 6). Depois de tão melancólica despedida, não voltamos a cruzar com Albet.

Outra cartomante também se envolveu em problemáticas envolvendo loterias e afins. Em fevereiro de 1886, José Alvares Fernandes foi se consultar com Madame Josephina, conhecida cartomante da rua de S.José. Após perguntar acerca sua família, assunto sobre o qual a mulher o tranquilizou ao custo de 5\$000, Fernandes acabou cedendo às sugestões da cartomante para que desembolsasse mais 100\$000 afim de saber o número sorteado na próxima loteria (JORNAL DO COMMERCIO, 1886, Ed. 63, p.1).

Entretanto, o homem não possuía tal quantia. Ele então apressou-se para verificar se algum amigo poderia emprestar a importância em dinheiro, tendo pago a cartomante e recebido em troca a informação que o número sorteado era 5889. No entanto, logo José Alvares Fernandes teve uma surpresa: o número apontado por Mme. Josephina, além de não ter sido contemplado, nem possibilitou pagar ao amigo o montante que fora emprestado. A cartomante, no entanto, recusou-se a devolver o dinheiro pago pelo consulente, que prontamente foi procurá-la cobrando explicações.

Segundo o texto do *Jornal do Commercio*, Fernandes procurou a 3º Delegacia de Polícia e foi aberto inquérito. Apesar disso, Mme. Josephina continuou a oferecer seus serviços costumeiros aos consulentes, até que em outubro do mesmo ano desapareceu dos jornais. Em fevereiro de 1887, ela voltou a anunciar dizendo aos consulentes que afastou-se da Corte devido a motivos de saúde e que já se encontrava recuperada (JORNAL DO COMMERCIO, 1887, Ed.42, p.5).

Apesar de todo o alvoroço em relação à sua pessoa levantado pela ocorrência com José Alvares Fernandes, no expediente do dia 10 de março de 1890 pudemos encontrar Mme. Josephina requerendo uma licença para praticar a cartomancia em seu endereço. O requerimento foi indeferido, porém demonstra uma estratégia interessante para escapar tanto das crescentes críticas que poderiam ser observadas nos impressos quanto em um movimento

mais contundente das autoridades em relação aos praticantes de atividades mágico-religiosas na cidade do Rio, assunto que será melhor delineado no próximo subcapítulo.

#### **3.4. Cartomancia: da inocente indústria ao ultraje à saúde pública**

Os esforços de Mme. Josephina para adequar seu ofício à letra da lei, não obstante o insucesso refletido no requerimento indeferido, revelam que as investidas das autoridades estavam cada vez mais próximas de cartomantes renomadas da Corte. Um texto assinado pelo pseudônimo Abelhudo no *Gazeta de Notícias* em 1878 sintetiza um panorama que aproximou-se muito daquele observado nas fontes. Elogiando as ações da polícia em relação às casas de cartomancia e sonambulismo, que cresciam aos montes na década de 1870, o Sr. Abelhudo, no entanto, aproveita para trazer à tona a seletividade na coibição das atividades.

O autor inclusive chega a elencar, sarcasticamente, que os possíveis motivos de as autoridades não baterem à porta de cartomantes como a da Rua da Assembléia<sup>28</sup>, seria seu envolvimento com figuras importantes da sociedade ou até mesmo um singelo esquecimento por parte da polícia. Ao fim do texto, chega a zombar da “polícia secreta” do Dr. Chefe de Polícia, insinuando que as cartomantes, especialmente a da Rua da Assembleia, estavam encarregadas da correspondência policial (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1878, Ed. 81, p.2).

Anos depois, em 1884, Bernardino Ferreira da Silva compartilhou da mesma opinião de Abelhudo ao comentar sobre a prisão de Pedro Aresse, cartomante que foi obrigado a assinar termo de bem viver, documento no qual acusados de perturbação à tranquilidade pública se comprometiam a mudar seus hábitos considerados inoportunos, tal como explicita Eduardo Martins (2005). O indivíduo que assinava o termo não era considerado um criminoso, porém, se não fosse confirmado que se “endireitasse” e quebrasse os pressupostos do termo, poderia ser penalizado com multas e prisão.

É válido ressaltar que uma boa conduta social era um conceito um tanto quanto subjetivo, modulado principalmente pelas concepções dos grupos dominantes. No final do século XIX, com a urgência em modernizar e organizar a sociedade, os termos eram especialmente úteis para normatizar os costumes e práticas das camadas menos favorecidas, boêmios, prostitutas e, como aponta a prisão de Aresse, praticantes de atividades consideradas desonestas.

De volta ao texto de Bernardino Ferreira da Silva, o autor se mostra extremamente indignado com a seguinte situação

Se todos os dias, com applausos do bom senso público, são invadidas pela policia as casas de zungús dos pretos minas onde os Paes Quilombos preparam seus feitiços, e

<sup>28</sup> À época da escrita do texto e levando em consideração o destaque dado às correspondências em francês e português, bem como o endereço, possivelmente Abelhudo está se referindo à cartomante Mme. Armand.

se os seus manipulados emblemas e mais bugigangas são apreendidos, não tem direito a melhores garantias os vadios que, como o recorrente, mantém uma vida de preguiça e mentira á custa dos papalvos. E tanto mais necessaria é a repressão d'esse deshonesto modo de vida, quando é certo, segundo tem sido informada a policia, que desordens morais e incidentes graves têm já produzido no seio das familias a profissão escolhida pelo recorrente, devido ao embuste e intrigas que tão arditosamente maneja. (GAZETA DE NOTICIAS, 1884, Ed. 324, p.2)

As visitas policiais às casas de dar fortuna de pretos e pardos na cidade do Rio eram cotidianamente retratadas pela imprensa. Em uma ocorrência de 23 de abril de 1884, o alvo foi o estabelecimento da rua Barão de S. Felix, n.133, onde foram presos Quirino Gonçalves Martins, dirigente, Maria da Conceição e Elisa Luiza Corrêa, bem como foram apreendidos “objectos próprios de feitiçarias, que foram encontrados dentro de uma sala forrada de pannos, onde existia sobre uma mesa um cachorro esquartejado e em adiantado estado de putrefação” (GAZETA DE NOTICIAS, 1884, Ed. 114, p.2). Nota-se nas descrições dos jornais um padrão bastante nítido: um esmiuçamento de detalhes tenebrosos.

A revolta de Bernardino se dá justamente em virtude do tratamento diferenciado que parecia estar sendo dispensado a outros grupos de intermediários do sobrenatural, apesar de categorizar a todos igualmente como vadios da pior espécie. No caso das cartomantes mais abastadas que compõem esta pesquisa, o grande inconformismo dos céticos, que publicaram aos montes nas folhas diárias advogando contra a cartomancia, pareceu ser inversamente proporcional às medidas efetivas tomadas para descontinuar as práticas.

Se na *Gazeta de Notícias* e no *Jornal do Commercio* os textos contra as leitoras de cartas assumiram um tom mais moderado, apesar da expressa revolta contra o que acreditavam ser uma própria anuência das autoridades para com as cartomantes, no pasquim *Carbonario* os autores serviam aos leitores ofensas aos montes quando o tema era a cartomancia. Já citamos no capítulo 1 os recorrentes ultrajes do jornal à Mme. Josephina, entretanto, no ano de 1889 o principal alvo do pasquim foi Mme. Maria Antonieta, ou Antoinette, como costumeiramente era chamada em seus anúncios.

Trabalhando com cartomancia na Corte desde abril de 1888, com o pressuposto de ter chegado recentemente da Europa, Maria Antonieta deu consultas na Rua de S.Joaquim e na Rua da Aclamação n.44. Em sua primeira aparição no *Carbonario*, foi dito que ela estava se “dando muito ao desfrute, pondo-se quasi com os seios á rua, na janella de sua casa..Serão cartas de seu jogo as laranjas-mamão ?!”(CARBONARIO, 1889, Ed.87, p.3).

Em outra edição, na seção “Inferno”, onde regularmente eram desmoralizadas figuras consideradas “turbulentas”, aparece novamente Mme. Antoinette. Lê-se que “entram essa semana a Belzebuth, por ordem do ministro Satanaz, as seguintes almas encarnadas: Maria

Antonieta (Belzebuth gosta!) porque está passando como muita gente sabe, de cartomante á vagámante, exibindo se á janella, num chic-pschutt! (...)" (CARBONARIO, 1889, Ed.103, p.3).

Percebe-se uma busca para consolidar a imagem da Mme. não somente como ociosa e aproveitadora da credulidade pública, como no caso de Pedro Aresse, mas também como símbolo de promiscuidade por se expor à janela da casa. Traça-se portanto uma oposição entre o que se espera de uma moça de boa sociedade, ou como apontou Michelle Perrot, que “dissimulem suas formas com códigos, aliás variáveis segundo o lugar e o tempo. O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda” (PERROT, 2003, p.15) e a postura de Antoinette.

Enquanto os homens cartomantes eram chamados de gatunos e vagabundos, as mulheres geralmente eram associadas à luxúria, sendo acusadas inclusive de ceder quartos em suas casas para práticas libidinosas, uma afronta à moral familiar (CARBONARIO, 1890. Ed. 109, p.1). Não era incomum serem citadas como desviadoras de moças de família, como ocorreu com a cartomante Camilla (CARBONARIO, 1888, Ed.110, p.4).

Em 1890, nos moldes dos desabafos publicados por Abelhudo e Sr. Bernardino Ferreira da Silva anos antes, o sugestivo título “Praga de Cartomantes” indicava uma tendência do *Carbonario* a abandonar uma abordagem individual e tratar o assunto da cartomancia não somente como ofensa à moralidade, mas como crime. Quem escreve o texto anônimo indigna-se com o fato de não existir em nenhum código ou postura uma proibição legal da prática, sustentando então que, se os cartomantes, nigromantes e outros desejassem prestar seus serviços, que deveriam então pagar por licenças e impostos, fossem estes nas quantias de “200, 300, 500\$000. Não é este *officio* um *objecto* de luxo e ostentação ?!” (CARBONARIO, 1890, Ed.9, p.3).

Ainda que a livre prática da cartomancia nos sobrados cariocas incomodasse cidadãos como o autor de “Praga das Cartomantes”, indícios de que a sorte das cartomantes começava a mudar já eram perceptíveis. Em junho de 1890, o 1º delegado de polícia, Dr. Pestana de Aguiar, inicia uma série de interrogatórios com cartomantes da Corte. Dentre os citados, estão: Pedro Aresse (que já havia sido indiciado em 1884), Mme. Rosa, Mme. Armand, Mme. Bernardina, Mme. Camilla, Mme. Maria, Mme. Josephine, Maria Miranda, Jeronymo “Hespanhol” e Marcelinna Chaves. Dentre os dez, cinco anunciavam frequentemente nos jornais desde, pelo menos, a década de 1870.

No expediente, pudemos apreender uma nova estratégia empregada pelo delegado: qualquer cartomante que fosse apanhada tentando mudar de endereço ou identidade para escapar das vistas da polícia, que agora não mais estavam cerradas para a situação, seriam recolhidas à prisão imediatamente. Durante todas as análises que empenhamos nos jornais desde 1860, esta foi a primeira vez que encontramos algo semelhante a um cerceamento efetivo da atividade de cartomantes que gozavam de melhor situação financeira na Corte.

A menção às mudanças frequentes nos auxilia a compreender um dos porquês da intensa movimentação de diversas mulheres que compõem esta pesquisa ao longo de anos ou até mesmo durante um mesmo ano. Se antes não havia um encaixe institucionalizado, as cartomantes precisavam lidar com a fúria de clientes insatisfeitos, desafetos entre elas mesmas e os custos de vida na cidade, o que para algumas, mostrou-se um problema não tão acentuado.

O mês de outubro de 1890 representa uma guinada no tratamento da cartomancia como crime. Antes se, ocasionalmente, um praticante da leitura de cartas poderia responder judicialmente por estelionato ou furto, tal como ocorreu com Pedro Aresse, o artigo 157 do novo Código Penal é bastante claro ao instituir como atividades ilegais “praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000” (BRASIL, 1890).

A instituição de multas e prisão para praticantes das atividades descritas no artigo não é um fator isolado. A tendência observada no novo código é a de “criminalização de fatos sociais que não lesionavam ou, mesmo, colocavam em perigo de lesão algum bem jurídico, mas tão somente infringiam a moral e os bons costumes do período” (DURANS e PAULA, 2016, P.83). Tal inclinação fica evidente, por exemplo, com a repressão aos chamados malandros, que poderiam responder pela infração prescrita no Art.399

Deixar de exercer profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes. Pena de prisão celular por quinze a trinta dias. (BRASIL, 1890)

Além de serem punidos pela infração do artigo 157, cartomantes, curandeiros, feiticeiros e praticantes do espiritismo poderiam ser considerados contraventores por conta da subsistência por meio de ocupação proibida em lei. A institucionalização da cartomancia como crime à saúde pública demonstrou que a tolerância, mesmo à contragosto, da “innocente



industria” instalada no Rio, como havia salientado o *Jornal do Commercio* em 1861, havia chegado ao fim.

A frequência e o teor de conteúdos publicados na imprensa acerca da cartomancia começou igualmente a apresentar mudanças durante o ano de 1890. Se até junho o movimento parecia o mesmo da década anterior, com publicidades praticamente diárias empenhadas pelas cartomantes Rosa, Cecília, Josephine (não a da rua de S. José, mas a do Beco do Carvalho) e Elice, a partir de julho não encontramos mais nenhuma delas oferecendo seus serviços aos clientes nos jornais.

No lugar de anúncios, algumas publicações ao estilo das críticas anteriores, denunciando o ofício das “cartomantes de salão” (JORNAL DO COMMERCIO, 1890, Ed.160, p.60). Em outubro de 1890, um tímido texto, que teria sido publicado por admiradores, dá os parabéns pelo aniversário de Mme. Elice. Como adendo, em tom de crítica, menciona que a mulher “foi perseguida pela policia da Republica como cartomante” (JORNAL DO COMMERCIO, 1890, Ed.282, p.4) e por isso estava na Europa.

Desta forma, fica evidente que o Art.157 impactou diretamente o cotidiano das cartomantes, mesmo aquelas que dispunham de maiores recursos, uma vez que cessam quase automaticamente seus anúncios na imprensa no segundo semestre de 1890. Se antes as propagandas do serviço poderiam ser livremente encontradas, com a implicação de crime de saúde pública as cartomantes são obrigadas a exercer o ofício de maneira muito mais velada e sob o risco de serem denunciadas.

Uma das possíveis explicações para a mudança no tratamento da cartomancia a partir do Art. 157 se ancora no próprio discurso de combate aos crimes de saúde pública. Segundo aponta Emerson Giumbelli (2003), o novo código penal possibilita às classes médicas um instrumento legal para consolidar o desejado monopólio nas artes de curar, uma vez que previa punições para quem exercesse a medicina sem possuir formação acadêmica. Fosse pelo meio intermédio das cartas ou diretamente, com a venda de homeopantias, colírios e elixires, é possível identificar que a doença era constantemente assunto nos consultórios das cartomantes, bem como seu tratamento. Em alguns casos, elas inclusive ofereciam serviços de sonambulismo que prometiam recobrar a saúde dos consulentes.

Além do intento de concentrar o tratamento das moléstias e do corpo nos pressupostos da medicina acadêmica, o que, conseqüentemente, reforça as ideias de disciplinamento e controle dos corpos, a criminalização atua de maneira simultânea no campo da moral. Nesse sentido, podemos compreender essa tendência a partir do conceito de biopoder foucaultiano,

que pressupõe um fenômeno de medicalização da sociedade<sup>29</sup>. A categorização das atividades descritas no Art. 157 como ofensas à credulidade pública e bons costumes se fundamenta especialmente no projeto de modernização da sociedade brasileira com a instauração republicana. Nesse caso, não há espaço para “manobras fraudulentas, reforçadas em seu poder de persuasão por um apelo ao sobrenatural” (GIUMBELLI, 2003, p.254).

A conexão entre cartomancia e vagabundagem, expressa nos argumentos críticos desde muito antes de o Código Penal de 1890 entrar em vigor, reforça então o discurso de que as leituras de cartas não eram somente inocentes passatempos, mas artifícios que poderiam ser utilizados por aproveitadores em benefício próprio para permanecerem indolentes. Sendo assim, justifica-se a necessidade urgente de dissipar o fascínio exercido pelas cartomantes e pelos demais intermediários do sobrenatural em prol de um bem comum.

---

<sup>29</sup> Ver mais em: Foucault, M. *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois dos mistérios d'*A Sacerdotisa*, das jornadas d'*O Mundo* e dos rodopios d'*A Roda da Fortuna*, é chegado o momento de concluir esta breve contribuição acerca do universo da cartomancia na Corte e suas praticantes. Assim como as cartomantes, é hora de fechar o jogo e retirar as cartas da mesa, por hora. Passemos então para algumas sínteses do que foi discutido anteriormente neste trabalho.

Um dos aspectos que buscamos ressaltar ao longo da dissertação é a forma como se desenvolveu um papel social da cartomante, não somente no recorte temporal e espacial estruturado, mas que pôde ser identificado em outros locais, como a França. Analisando a cartomancia num âmbito mais próximo de uma relação de aconselhamento entre consulentes e cartomantes, é possível compreender como, apesar das recorrentes demonstrações de falhas nos vaticínios, os indivíduos continuam a procurar nos consultórios de cartomantes consolos para suas questões cotidianas.

Nesse sentido, ressalta-se como a predição, fosse pelas cartas, pelas linhas das mãos ou pelo sonambulismo, nunca é neutra, uma vez que instiga em quem à procura uma ação, por mais que esta seja a de permanecer inerte diante de uma problemática apresentada. Assim sendo, corroboramos com a hipótese de Georges Minois de que o trabalho da cartomante é mais relativo ao presente do que ao futuro em si.

A pesquisa evidenciou também como a cartomancia foi exercida predominantemente por mulheres no contexto analisado, ainda que existissem homens cartomantes com alguma fama na corte, como Monsieur Potier. Para explicar tal panorama, além da construção histórica da associação entre o feminino e a adivinhação, dentre outros elementos como a magia e o subjetivo, sustentamos a ideia de que as possibilidades de atuação no mundo do trabalho pelas mulheres eram bastante restritas e, igualmente, concediam remunerações inferiores às dos homens.

Como apontado no capítulo 3, a cartomancia pôde ser observada, em alguns casos, como maneira exclusiva de garantir a manutenção diária e até mesmo sendo capaz de proporcionar uma vida luxuosa às praticantes. Em outros, foi observada sendo associada a outras atividades “mundanas” como forma de sustento, tais como a costura, o ensino e o comércio. Cartomantes por profissão ou por necessidade, evidenciou-se como a cartomancia possibilitou a muitas mulheres, simultaneamente, uma fonte de remuneração e um status de detenção de um conjunto de práticas e conhecimentos específicos.

Essas experiências demonstraram que a cartomancia desenvolvida no Rio de Janeiro no último quartel do século XIX e, arriscamos dizer, em qualquer outro lugar do mundo, não

deve ser apreendida como algo homogêneo. A documentação nos auxilia a compreender que nem toda a cartomante o era por ser pobre, premissa refutada por diversos casos, como o da Mme. Julia Vidal, por exemplo. Apesar de compartilharem alguns elementos, como o fato de serem mulheres e as críticas às suas práticas, o perfil da cartomante que atuava na cidade do Rio era heterogêneo.

Ao investigarmos somente aquelas mulheres que anunciavam nos periódicos da Corte, estabelece-se uma distinção, uma vez que publicar suas propagandas nas páginas desses impressos era razoavelmente dispendioso, especialmente se pensarmos que muitas cartomantes tinham seus anúncios divulgados em frequência quase diária na década de 1880. Para pesquisas futuras, que busquem um aprofundamento das atividades desenvolvidas por mulheres cartomantes que não anunciavam nos jornais, a investigação de outras fontes históricas se faz imprescindível, tais como processos criminais e termos de bem viver.

Um outro eixo de reflexões que foram evocadas no desenvolvimento da dissertação é relativo à conexão entre cartomancia e outras vertentes esotéricas. Em sua própria essência, como apontado nas discussões do capítulo 1 sobre os baralhos divinatórios como produtos visuais de uma época, o tarot foi constituído por influências culturais e sociais diversas, como demonstra a tentativa de Jean-Baptiste Alliette de amalgamar os princípios da cabala, hermetismo e cristianismo em suas cartas.

A pluralidade pôde ser observada de forma mais direta a partir dos escritos da cartomante Hilda ao escrever um verdadeiro texto de sustentação sobre a cartomancia e, simultaneamente, promover os próprios serviços. Os textos publicados no *Jornal do Commercio* e no *Correio Mercantil* possibilitaram depreender conexões entre a leitura de cartas e outras práticas, os métodos utilizados por cartomantes e até mesmo articulações de ideias sobre determinados tipos de baralho ou condutas de praticantes.

Essa pluralidade igualmente emerge quando notamos que muitas cartomantes ofereciam igualmente serviços de quiromancia e sonambulismo em seus consultórios. Apesar da intersecção, em alguns casos foi verificado um movimento por parte de sonâmbulas, por exemplo, para se diferenciarem das cartomantes. As tentativas de singularização se justificam, principalmente, para ressaltar ao público que, diferentemente da cartomancia, o magnetismo e o sonambulismo estariam melhor amparados em princípios intelectuais e empiria. Além disso, a particularização ajudaria nos negócios, uma vez que, ao desqualificar os serviços oferecidos por outrem, há uma implícita valorização dos seus próprios.

Ainda no que tange às conexões e desconexões das cartomantes com outros praticantes de atividades mágico-religiosas, nota-se que o tratamento dado a essas mulheres,

pelo menos aquelas que anunciavam nos jornais, foi diferente do que se verificou, por exemplo, do que era dispensado aos dirigentes de casas de dar fortuna. Tal disparidade pode se estender também às sonâmbulas, que não sofreram na prática perseguições pelo seu ofício.

A situação, como abordamos nos capítulos 1 e 3, causava alvoroço nos críticos e céticos, já que as medidas em relação a essas mulheres eram amenas ou inexistentes, enquanto os líderes e frequentadores das casas de dar fortuna eram detidos aos montes. Isso não significa dizer que existia por parte dos questionadores uma empatia em relação à situação das casas de dar fortuna, uma vez que consideravam toda a gama dessas atividades ligadas ao sobrenatural como desafiantes da credulidade pública.

Mais uma reflexão digna de destaque nas considerações finais é a observação de como o tratamento dispensado às cartomantes desde os primórdios da década 1860 oscila até nosso marco temporal limítrofe, o Código Penal de 1890. Se em 1861, era considerada uma inocente indústria, após algum tempo começam a emergir na imprensa diversos textos criticando a forma como as cartomantes enganavam os consulentes e buscando alertar a sociedade do perigo que o livre trânsito desses praticantes na Corte poderia trazer diversos males, incluindo à saúde pública.

Curiosamente, de acordo com a documentação analisada, o maior número de anúncios de cartomantes se concentra na década de 1880, com um aumento considerável de mulheres divulgando seus serviços diariamente. Na mesma década, aumentaram igualmente os textos criticando acridamente essas cartomantes e, sobretudo, as autoridades, que pareciam nada fazer em relação à cartomancia. É emblemático observar a queda brusca de anúncios desde o início do ano de 1890, apesar de o declínio mais significativo ocorrer após a aprovação do novo Código Penal, em outubro.

A aprovação não representou uma extirpação da cartomancia e das outras atividades que passaram a ser passíveis de punição a partir do artigo 157, entretanto, a oferta dos serviços se tornou mais discreta, o que é corroborado pela curva de anúncios declinando em 1890. Desta vez, nem mesmo a mudança constante de endereços poderia ser utilizada como maneira de despistar as inquirições policiais, uma vez que os constantes deslocamentos foram identificados pelas autoridades como uma das formas empenhadas por essas cartomantes para escaparem das investidas.

Por fim, destacamos as relações entre a cartomancia e o exterior. Como discorreremos ao longo do capítulo 2, a influência estrangeira, especialmente francesa, nos costumes da sociedade brasileira foi fundamental na inserção de madames e mademoiselles que ofereciam leituras de cartas no Rio. Ao mencionarem viagens constantes ao Velho Continente,

recorrentemente à Paris, e citarem nomes de ocultistas famosos, como Adolphe Desbarolles e Mlle. Lenormand, essas mulheres buscavam consolidar uma ideia de tradição no ofício, ligada às afamadas trajetórias de diversos cartomantes europeus.

Além disso, apesar de períodos de repressão por parte das autoridades, a prática da cartomancia na França estava ancorada na produção materiais impressos, como os livretos escritos por Alliette, Mlle. Lelièvre e tantos outros, e buscava delinear um aspecto de intelectualidade em seus métodos. O fato de escritores, figuras públicas e artistas em geral se tornarem frequentadores assíduos de consultórios de sonambulismo e cartomancia, como o caso de Alexandre Dumas, igualmente auxilia a sustentar que o público nos consultórios das cartomantes àquele momento do século XIX era constituído também por indivíduos ligados ao universo da intelectualidade, unindo então pólos que aparentemente eram irreconciliáveis, o do subjetivo e o da racionalidade.

De outro lado, observamos aquelas mulheres que efetivamente, como Mme. Potier e Concha de Salamanca, imigraram para o Brasil e exerceram a cartomancia como forma de manutenção financeira no Rio de Janeiro. Isto posto, consideramos que a pesquisa aqui apresentada pôde contribuir aos estudos sobre trabalho, imigração e gênero uma vez que demonstra uma outra possibilidade de adquirir rendimentos financeiros além do ensino e da costura, duas atividades muito praticadas pelas imigrantes considerando-se os espaços urbanos.

Em síntese, consideramos que esta dissertação contribuirá para futuros estudos mais aprofundados sobre a cartomancia e as mulheres cartomantes na cidade do Rio de Janeiro, analisando outras fontes documentais, indivíduos e grupos, nacionalidades, métodos de leituras de cartas, baralhos, dentre outros. Agora, às vésperas deste “até logo” para o universo “cartomântico” da Corte, agradecemos imensamente à quem leu este trabalho até o fim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

#### 1. Periódicos

*Almanak Laemmert* (1868, 1881)

*Carbonario: Orgão do Povo* (1881-1885)

*Corsario Junior* (1882)

*Correio Mercantil* (1865-1868)

*Diário do Rio de Janeiro* (1861-1873)

*Gazeta de Notícias* (1877-1882)

*Jornal do Commercio* (1860-1884)

*O Globo: Orgão da Agência Telegraphica Americana* (1875)

*Propriedade do Club X* (1867)

#### 2. Documentos paroquiais e cartoriais

Arquivos da Diocese de Quimper e Léon, Lyon, França. *Registros de batismo e casamento*, 1859-1865.

Arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Luz, Curitiba, Paraná. *Registros de casamento*, 1887.

Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Bacacheri, Curitiba, Paraná. *Registros de nascimento, casamento e óbito*, 1887-1915.

Arquivos da Paróquia de Santo Antônio dos Pobres, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1616-1980.

#### 3. Recenseamentos

IBGE, Recenseamento do Brazil em 1872, Rio de Janeiro: Typographia G. Leuzinger, s.d. [prov. 1875].

#### 4. Leis

BRASIL, Decreto nº847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>

## BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Parecer sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) apresentado ao Supremo Tribunal Federal*, 2010. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/2010/03/24/cotas-parecer-de-luis-felipe-de-alencastro/&gt>
- ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 35-55, Oct. 2000.
- ARAUJO, Rodrigo C. S. de. *Caminhos na produção da notícia: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875-1891)*. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2015.
- ASSIS, Machado de. *Várias Histórias*. Google Inc, 2013.
- AZEVEDO, Célia M. M; de. *Onda Negra Medo Branco. O negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- BANZHAF, Hajo. *Manual do tarô: origem, definição e instruções para seu uso*. São Paulo: Editora Pensamento, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. Poema do Haxixe. IN: *Paraísos Artificiais*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- BARBOSA, Everton V. Descrevendo o bom-tom: transferência e mediação da moda impressa na França para o Brasil na metade do século XIX. *Non Plus*, 8(15), 16-32, 2019.
- BARBOSA, Giselle Machado. *As madames do parto: parteiras através dos periódicos no Rio de Janeiro (1822-1889)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.
- BULHÕES, Marcelo. João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século XX. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 32, pp. 78-84, 2007.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril – Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- DARNTON, Robert. *Mesmerism and the End of the Enlightenment in France*. Cambridge: Harvard University Press, 1968.
- DAUMIER, Honoré. *La Fluidomanie. 1853*. Litografia sobre papel, 20 × 25,1 cm. Disponível em: <http://bir.brandeis.edu/handle/10192/2795> (Acesso em 06/07/21).



- \_\_\_\_\_. *Ces Bons Parisiens*. 1860. Litografia sobre papel, 20.4 × 25.5 cm. Disponível em: <http://bir.brandeis.edu/handle/10192/3668> (Acesso em: 02/07/21)
- DRURY, Nevill. *Watkins Dictionary of Magic : Over 3000 Entries on the World of Magical Formulas, Secret Symbols and the Occult*. Londres: Watkins Publishing, 2005.
- DURANS, Alexandre B.; PAULA, Lucas R. Criminosos ou criminalizados? O controle social dos costumes no Código Penal de 1890. IN: *Punição e controle social II: Crime, ordem e castigo no Brasil (1890-1930)*. Pelotas: Cópias Santa Cruz Ltda, 2016.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, v 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FARLEY, Helen. *A Cultural History of Tarot: From entertainment to esotericism*. Londres: I. B. Tauris. 2009.
- FLORENTINO, M. De escravos, forros e fujões no Rio de Janeiro Imperial. *Revista USP*, n. 58, p. 104-115, 2003.
- GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.9, n.19, p.247-281, jul/2003.
- GRAHAM, Richard. Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil. *Afro-Ásia*, n. 27, p. 121-160, 2002.
- JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. *O caminho do tarot*. São Paulo: Editora Campos, 2016.
- MAGNANI, M.C. A.O. Sibilas: da Babilônia ao Brasil. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Literários*, v.20, n.2, p. 115-138, 2016.
- MARTINS, Eduardo. Os pobres e os termos de bem viver: novas formas de controle social no Império do Brasil. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2003 195 f. : il.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. IN: *Sociologia e Antropologia*. Ubu Editora, 2018. Edição Kindle.
- MENDONÇA Joseli. M. N. Leis para “os que se irão buscar” - imigrantes e relações de trabalho no século XIX brasileiro. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 56, p. 63-85, jan./jun. 2012, p.70.
- MENEZES, Lená Medeiros de. Imigração europeia no Brasil: discursos, práticas e representações (1870-1930). *Latinidade*, Rio de Janeiro, p. 73-84, Edição Especial 2013.
- MINOIS, Georges. *História do futuro: Dos profetas à prospectiva*. São Paulo: Editora Unesp. 2016.

- MONTELEONE, Joana. M. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, 2019.
- NEPOMUCENO, Eric B.. Nos dias de Momo: Repressão e racialização através da Casa de Detenção da Corte (1879-1888). In: *III Seminário Nacional de Pós-Graduandos em história das Instituições - Historiografia e instituições: caminhos possíveis de investigação*. Rio de Janeiro, 2010.
- NETO, Dario F.S. A Cartomante: uma tragicomédia machadiana. *Machado Assis em linha*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 171-185, 2012.
- NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarot*. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.
- NICOLAU, Giselle P. *Hasteando a bandeira tricolor em outros cantos: a imigração francesa no Rio de Janeiro (1850-1914)*. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- PEREIRA, Marcio R. Presença cultural francesa no Brasil. *Travessia* (São Paulo) , v. 65, p. 89-100, 2009.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. IN: *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- PESAVENTO, Sandra J. História e literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*(Débats), 2006, DOI : <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560>.
- PIERSSSENS, Michel. Fluidomanie. *Romantisme*, n.138, v.4, p.75-88, 2007.
- PIMENTA, Tânia Salgado; BARBOSA, Keith; KODAMA, Kaori. A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia. *Dimensões*, v. 34, p. 145-183, 2015.
- PORTELA, Rodrigo; COSTA, Vinícius L. O Moderno Espiritualismo: uma reflexão sobre a produção de sentidos religiosos na modernidade. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano XI, n.33, jan. /abr., 2019.
- RIBEIRO, Cristiane de P. *A vida caseira é a sepultura dos talentos: gênero e participação política nos escritos de Anna Rosa Termacsics dos Santos (1850-1886)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, Barbara Poubel. O Imperial Instituto de Meninos Cegos (1854): uma análise pela historiografia linguística. Dissertação de Mestrado - UFF, 2020. 118 p.
- SILVA, Antônio M. *Diccionario da Lingua Portuguesa Composto pelo Padre Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes*. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1879.

SANTOS, Dayse L.S. O divórcio e a nulidade do casamento: estudo de caso nas tensões na vida conjugal diamantinense de 1863 a 1933. IN: *Anais do XI Seminário sobre a Economia Mineira*, 2004, p.1-20.

SLEMIAN, Andréa. Portugal, o Brasil e os Brasis: a diversidade dos territórios e as disputas pela soberania na construção de um novo Império monárquico na América. *Claves: Revista de Historia*, Montevideo, n. 1, p. 91-120, 2015.

VASCONCELOS, L.B. O tarô Visconti-Sforza como espaço de relações e transferências no século XV italiano. IN: *Anais da XXXII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora*. Juiz de Fora, 2017.

VERONESE, M. M. *De silêncios e resistências: sonâmbulas, magnetizadoras e outras esquecidas do espiritismo brasileiro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

VIDAL, L., LUCA, T. *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. Editora UNESP: São Paulo, 2009.

WEISBERG, Barbara. *Falando com os mortos: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2011.

WELSCH, Wolfgang. Transculturality: the puzzling form of the cultures today. *Spaces of Culture: City, Nation, World*. London: Sage 1999, 194-213.

YOUSEFF, Alain. E. Haitianismo em perspectiva comparativa: Brasil e Cuba (sécs. XVIII-XIX). IN: *Anais do 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba, 2009.

ZABOROSKI, Elisângela. Os caminhos subterrâneos de Salamanca: um panorama acerca dos investigadores da cova espanhola. *Luminária (União da Vitória –PR)*, v.17, n.01, p. 96-120, jan/jun.2015.

## ANEXOS

ANEXO A: Algumas cartas do *Jeu de tarot de fantaisie* (1850)

Fonte: Gallica (BnF). Acesso: 07/09/22

### ANEXO B : Algumas das cartas do baralho *Le Grand Etteilla* (1875)



Fonte: Gallica (BnF). Acesso em: 07/09/22.

**ANEXO C: Quadro com identificação, endereços e gênero dos cartomantes encontrados anunciando nos periódicos entre 1860 e 1890**

Nome	Período de atividade	Endereços	Gênero
A.V	1864-1884	Rua da Carioca n.37 (1864-1870), Rua da Carioca n.43 ( a partir de 07/1870) Rua da Carioca n.51 (simultâneo com Carioca n.37 em 1870), Rua da Carioca n. 115 (a partir de 10/1871), Rua S.José n.10 ( a partir de 02/1872), Rua da Guarda Velha n.27 ( a partir de 06/1872), Rua S.José, n.46 , sobrado (a partir de julho 1872), Rua S. José, n.9 sobrado (mai/1874), Rua da Carioca n.42 sobrado (jan/1875), Rua da Ajuda (abr/1875), Rua da Assembleia n.93 (jul/1875), Rua da Quitanda, n.6, 1º andar( dez/1876), Rua do Regente, n.17, sobrado (jul/1877), Travessa da Barreira, n.17 , sobrado (set/1877), Travessa da Barreira, n.43 (fev/1880), Rua da Carioca, n.50, sobrado (jul/1882), Rua da Assembleia, n. ?(mar/1882); Rua do Cotovello N.1 (jun/1883), Rua Sete de Setembro, n.75, sobrado (mai/1884), Rua do Espírito Santo, n.21, sobrado (jun/1884)	Feminino
Adela Mirol	1876	Rua de Gonçalves Dias, n.13, 1º andar / Campo da Aclamação, n.29, 1º andar (1877)/Rua da Uruguaiana, n.60, 1ºandar (1877).	Feminino
Amélia	1869	Rua Sete de Setembro n.185 (jun/1869)	Feminino
Anna Albet	1877	Rua do Cotovelo,n.31 (mar/1877)/ Rua dos Barbonos, n.41 (maio/1877), Rua do Cotovello n.37 (ago/1877)	Feminino
Anna ou Anne		Travessa da Natividade, n. 7 (até julho de 1872), Rua do Cotovelo n.29 (julho de 1872), Rua S.José, n.10 (jan/1874), Rua do Ouvidor, n.81, 2º andar (mai/1874), Rua do Senado n.7, 1º andar, quarto 3 (jun/1874), Rua da Assembleia n.82, 1º andar (set/1874)	Feminino
Associação de cartomantes	1883	Rua de S.José, n.64, 3º andar	Não identificado
Atirador de cartas recém-chegado	1889	Rua da Imperatriz,n.141, sobrado	Masculino



Augusta	1867-	Rua da Misericórdia n.98 (12/1867), Rua da Misericórdia, n.94	Feminino
Aydée Esmirx, turca	1877	Travessa do Paço, n.26, sobrado (set/1877)	Feminino
Banne	1873	Rua do Senado, n.7, sala n.111 (set/1873)	Masculino
Carmelita		Rua da Assembleia,n.62 (até 1873 ?), Largo de S.Domingos,n.23,sobrado (agora com o nome de Carolina_ a partir de nov/1873)	Feminino
Cartomante 01		Rua do Lavradio n.95	Não identificado
Cartomante 02	1869	Rua da Imperatriz, n.54 (jun/1869), Rua da Assembleia n.50 (jun/1869)	Não identificado
Cartomante 027	1885		Não identificado
Cartomante 028	1885	Rua da Ajuda, n.8	Não identificado
Cartomante 029	1885	Rua da S.José, 62, sobrado. Rua Sete de Setembro, n.140(abr/1886)	Não identificado
Cartomante 03			Não identificado
Cartomante 04			Não identificado
Cartomante 05	1873	Rua Sete de Setembro, n. 83 (out/1873)	Não identificado
Cartomante 06	1874	Ladeira do Castello, n.12	Não identificado
Cartomante 07	1883	Rua do Senado, n.4	Não identificado
Cartomante 08	1883	Rua da Imperatriz, n.141, sobrado	Não identificado
Cartomante 09	1883	Rua do Rocio, n.69,sobrado	Não identificado
Cartomante 11	1883	Rua da Assembleia, n.4, sobrado	Não identificado
Cartomante 12	1883	Rua de S.Antônio, n.27	Não identificado
Cartomante 13	1883	Becco do Bragança, n.2, 1 andar	Não identificado
Cartomante 14	1883	Rua da Quitanda, n.4, 2º andar (dez/1883)	Não identificado
Cartomante 15	1884	Rua de S.Lourenço, n. 36.	Não

			identificado
Cartomante 16	1884	Rua do Sacramento, n.9; Rua de S. Antônio, n.23, 2º andar (ago/1884)	Não identificado
Cartomante 17	1884	Rua do Lavradio, n.141; Rua do Lavradio n.147, loja	Não identificado
Cartomante 18	1884	Largo de S.Domingos, n.5, sobrado (ago/1884)	Não identificado
Cartomante 19	1884	Rua de Sant'Anna, n.94	Não identificado
Cartomante 20	1884	Rua da Alfândega, n.298 (out/1884), Rua da Alfândega, n.268, sobrado (nov/1884)	Não identificado
Cartomante 21	1884	Rua de S. Antônio n.22, sobrado (out/1884)	Não identificado
Cartomante 22	1884	Rua de S.Jorge, n.65, sobrado	Não identificado
Cartomante 23	1884	Rua do Bomjardim n.249, sobrado (dez/1884)	Não identificado
Cartomante 24	1884	Rua de S.José, n.10	Não identificado
Cartomante 25	1884	Rua de São Lourenço, n.36	Não identificado
Cartomante 26	1877	Rua do Rosário, n.42, 2º andar	Não identificado
Cartomante 30	1885	Rua de S. Antônio, n.1, sobrado; Rua de Santo Antônio, n.18 (jul/1887)	Não identificado
Cartomante 31	1885	Rua da Pedreira da Glória, n.12	Não identificado
Cartomante 32	1885	Rua das Mangueiras, n.43	Não identificado
Cartomante 33	1886	Rua da Assembleia, n.80	Não identificado
Cartomante da Assemblea	1889	Rua da Assembleia s/n (anterior), Rua do Núncio, n.21 (jan/1889)	Não identificado
Cartomante da General Camara	1887	Rua General Camara, n.331 (1887), Rua da Guarda Velha, n.26 (dez-1887), Rua da Carioca n.124(out/1888)	Não identificado
Cartomante da Guarda Velha 2	1888	Rua da Guarda Velha, n.26	Não identificado



Cartomante da Rua da Ajuda	1889	Rua da Ajuda, n.60, sobrado	Não identificado
Cartomante da Rua da Misericórdia, Mme. Maria	1889	Rua da Misericórdia, n.36, 1º andar	Feminino
Cartomante da Rua do Cotovello	1887	Rua do Cotovello, n.1 (abril-1887), Rua da Assembleia, n.73, sobrado (jan/1889)	Não identificado
Cartomante da Rua do Nuncio	1888	Rua do Núncio, n.21	Masculino
Cartomante da S. Antonio	1887	Rua de Santo Antonio, 18, sobrado	Não identificado
Cartomante da S. Antônio, n.23	1887	Rua S. Antônio, n.23, Rua de S. José, n.17, 1º andar (mar/1889)	Não identificado
Cartomante da Uruguayana	1887	Rua da Uruguayana, n.144, sobrado	Não identificado
Cartomante de Lisboa	1888	Rua de Barcellos, n.16	Não identificado
Cartomante de Madrid	1888	Rua dos Arcos, n.28	Não identificado
Cartomante do Ouvidor	1887	Rua do Ouvidor	Não identificado
Cartomante do Rezende	1889	Rua do Rezende, n.1	Não identificado
Cartomante dos Arcos	1889	Rua dos Arcos, n.13	Não identificado
Cartomante novo	1886	Rua da Guarda Velha, n.44, sobrado	Masculino
Cartomante Perito	1889	Rua da Assembleia, n.80, sobrado	Masculino
Cartomante Puro, Mágico de Paris	1877	Rua da Quitanda n.39, sobrado	Masculino
Cartomante sem igual	1886	Becco do Bragança, n.2, 1º andar (21/07/1886)/ Travessa do Tinoco, n;9, 1 } andar(set/1886)	Masculino
Discipula de Edmond, Mme. Rosa	1889	Rua do Lavradio, n.162, Rua da Assembleia, n.67 (fev/1890)	Feminino

Domingo De Angelise e Rosa Ardenghi	1874	Rua do Senado, n.7, 1º Andar (mai/1874)	Feminino
E.P			Não identificado
Espírita-Cartomante	1889	Rua das Laranjeiras, n.21	Não identificado
Grande Atirador da Rua dos Passos	1889	Rua do Senhor dos Passos, n.122, sobrado	Masculino
Guilhermina	1874	Rua Senhor dos Passos, n.37,1º andar sobrado (mai/1874), Rua do Lavradio, n.105 (jun/1874), Rua do Lavradio n.156, sobrado (jul/1874)	Feminino
Helena Ferraz		Rua da Ajuda, n.57 sobrado	Feminino
Hilda	1865	Rua do Lavradio n.59 (08/1865-11/1865), Rua da Assembléia, n.25 (01/1866-07/1866), Praia de Botafogo n.26 (06/1868) e Travessa do Paço n.26 (11/1868)	Feminino
Jenny	1873	Rua da Ajuda, n.50 fundos ( maio/1873), Rua da Assembleia, n.84 1º andar (maio 1873), Rua do Sacramento, n.14 (mai/1874), Rua do Hospicio, n.239 casa térrea (jul/1874), Rua do Ouvidor n.22, 1º andar (ago/1874)	Feminino
Jeronymo, O Hespanhol	1883	Rua da Imperatriz, n.141, sobrado (1883) Rua da Imperatriz, n.141, 1º andar, frente, Rua de S.Domingos, 11, Travessa de S.Domingos, n.1 (dez/1889)	Não identificado
Jeronymo, O Hespanhol	1883	Rua da Imperatriz, n.141, sobrado (1883) Rua da Imperatriz, n.141, 1º andar, frente, Rua de S.Domingos, 11, Travessa de S.Domingos, n.1 (dez/1889)	Masculino
JV ou J.Valentina	1885	Rua de Santo Antônio, n.19	Feminino
Lucido cartomante	1885	Rua de S.José, n.10; R. da Ajuda, n.8(out-1885)	Não identificado
M. Quintas	1884	Rua de João Caetano, n.50	Masculino
Maria Amélia	1875	Rua da Carioca, n.59 (dez/1875)	Feminino
Maria Miranda	1890	Praça da Constituição, n.69	Feminino
Marie		Rua do Cotovelo n.9 (antes de mar/1866), n.Rua da Misericórdia, n.8 (desde ago/1870)	Feminino
Mlle. Virginie Lecomte	1876	Largo do Rocio, n.21, sobrado (jul/1876)	Feminino

Mme. Anna	1875	Rua de S.Antônio, n.19, sobrado -> Muda	Feminino
Mme. Anna da R.São José	1887	Rua de S.José, n.28 (janeiro-1887)	Não identificado
Mme. Anna do Carmo	1887	Rua do Carmo, n.1, sobrado, Rua do Carmo n.7(maio/1887)	Feminino
Mme. Antoniette	1888	Rua Estreita de S.Joaquim, n.40 (próximo á rua dos Andradas), Praça da Aclamação n.44, próximo á rua do General Câmara (jan/1889)	Feminino
Mme. Armand	1874 e depois em 1877	Rua da Assembleia,n.113, 2º andar (nov/1874), retorna em 1887.	Feminino
Mme. Bernardina	1890	Becco do Cotovello, n.46	Feminino
Mme. Camilla	1890	Becco do Cotovello, n.27	Feminino
Mme. Campet	1876	Rua do Lavradio n.65, sobrado (jul/1876), Rua do lavradio, n.63, 2º andar (nov/1877), Rua do Lavradio, n.63, 1º andar (dez/1877)	Feminino
Mme. Carlota Maria	1888	Rua da Alfândega, n.308	Feminino
Mme. Constance Saillan	1876	Rua S.José, n.45, 1º andar	Feminino
Mme. Elice	1888	Rua da Assembleia, n.100, sobrado	Feminino
Mme. Eloiza	1886	Rua da Assembleia, n.57 (nov/1886), Rua da Carioca, n.30, sobrado(fev/1888)	Feminino
Mme. G Vidal ou Julia Vidal	1882	Rua da Alfândega n.215, 2º andar (mai/1882),Rua da Alfândega, n.119, 2º andar (dez/1883), Rua S.Pedro, n.135, sobrado (mar/1884), Rua do Hospicio, n.249, chalet do 1º andar (jan/1886), Rua do Senado, n.48,sobrado, Rua do Rezende, n.1 (out/1888)	Feminino
Mme. Goulart	1888	Rua da Assembleia, n.26, sobrado	Feminino
Mme. Josephina do Becco do Carvalho	1889	Becco do Carvalho, n.2	Feminino
Mme. Josephina, Josephine, J.	1882	Rua S.José n.67, sobrado (jun/1882)	Feminino
Mme. Marcellina Chaves	1890	Rua Sete de Setembro, n.45	Não identificado
Mme. Marie	1887	Rua da Alfândega, n.306, 1º andar	Feminino
Mme. Marie 02	1878	Rua Gonçalves Dias, n.67, sobrado	Feminino

Mme. Mercedes	1888	Rua do Regente, n.17, sobrado (1888)	Feminino
Mme. Méri	1889	Rua Sete de Setembro, n.20, 1º andar	Feminino
Mme. Ninita	1876	Becco dos Ferreiros, n.5	Feminino
Mme. Oliva, Olivia Amois	1888	Rua da Uruguayana, n.26, 1º andar (jan/1888)	Feminino
Mme. Potier	1867	Rua da Assembleia n.62 (11/1867),Rua da Assembléia n.111 (08/1868), Rua da Misericórdia, n.5 (09/1868-1870), Rua S.José, n.45,sobrado (04/1870-???)	Feminino
Mme. Rosalia	1889	Rua do Hospicio, n.184	Feminino
Mme. Rosina Feriere	1877	Rua da Guarda-Velha, n.36	Feminino
Mme. Roudiez	1885	Rua da Quitanda, n.6, 2º andar, Rua do Cotovelo, n.16 (mar/1885), Rua Sete de Setembro, n. 37, 1º andar (abr/1886)	Feminino
Mme. V.E, Victoria	1882	Rua do Lavradio, n.147, sobrado; Rua Luís de Camões, n.90, sobrado; Rua do Conde d'Eu,n.286 (dez/1881)	Feminino
Mme. Virginia	1876	Rua dos Ourives, n.16, sobrado, Becco do Cotovello, n.3 (em algum periodo anterior a mai/1882);Becco do Cotovello n.1 (mai/1882),	Feminino
Mme.C	1882	Rua do Cotovello, n.27, sobrado (nov/1882),	Feminino
Mme.Cecilia	1886	Rua de S.José, n.49, sobrado	Feminino
Mme.G	1886	Rua de S. Pedro, 135; Rua da Assembleia, n.11, sobrado (1887), Rua do Sacramento, n.29,sobrado(jul/1888), Rua da Alfândega, n.215, 1º andar (novembro,1888)	Feminino
Monsieur Potier	1873	Rua São José, n.45 sobrado (a partir de 1873)	Masculino
Mr. Philippe	1887	Rua Fresca, n.7, hotel Germania	Masculino
Pedro Aresse	1884	Não cita	Masculino
Pedro Areste	1890	Largo de S.Domingos, n.11	Feminino
Rachel	1865-	Rua do Parto ou de S.José n.91 (06/1865-08/1870)	Feminino
Rosa	1875	Rua da Assembleia, n.24, 1º andar (out/1875)	Feminino
Rosa 02		Rua do Cotovelo, n.11(mar/1876)	Feminino
Rosa Albertina Mello de Figueiredo	1871		Feminino

Saviour Boonex	1876	Rua S. José n.22,sobrado ( jun/1876), Rua S. José, n. 49, sobrado (out/1876), Rua da Misericórdia, 64 (pelo menos desde novembro de 1876 segundo o folhetim Cartas de um Caipira), Rua Bezerra de Menezes,n.3,Morro do Pinto (maio/1877), Rua de Afonso Celso, n.16, chalet, no Morro do Pinto, Cidade Nova (abril/1877), Rua Sete de Setembro, n.101, sobrado (jun/1877), Rua Bezerra de Menezes,n.3,Morro do Pinto (ago/1877), Rua do Alcântara, n.87, fundos (set/1877), Rua Formosa, n.106 (nov/1877)	Masculino
Senhora habilitada	1889	Rua das Laranjeiras, n.27	Feminino
Sibilia Concha de Salamanca	1879	Rua da Alfândega, n.258, sobrado	Feminino
Sonambula e Cartomante	1885	Rua de S.José, n.23, sobrado (antigo consultório de Mme. Vidal)	Feminino
Sr.França	1884	Rua da Imperatriz, n.106 (antes de out/1884), Rua da Alfândega, n.163, sobrado (out/1884), Rua do Núncio, n.51, sobrado (nov/1884),	Feminino
Thereza Meraldi	1876	Rua da Carioca, n.128, sobrado (set/1876)	Feminino

**Fonte:** Pesquisas nos jornais *Carbonario*, *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio*, além do *Almanak Laemmert*.